
HARLEQUIN
Special
DEBBIE MACOMBER
AUTORA BEST SELLERS DO THE NEW YORK TIMES
Pequenos Cupidos
"Debbie Macomber é a cara da magia da Harlequin... Uma verdadeira estrela."
— Publishers Weekly
Edição 80

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.us*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Querida leitora,

Todo autor se lembra de seu primeiro livro com carinho especial. Embora *Pequenos cupidos* não seja meu primeiro título publicado, foi o primeiro que lancei pela Harlequin – e esse lançamento foi o início de um lindo romance entre mim e a editora.

Fiquei muito empolgada quando o original foi aceito. Já lia romances Harlequin há anos e continuo a lê-los. Tenho consciência de quanto o gênero evoluiu nos últimos 60 anos. Os nomes dos autores mudaram, assim como muitos aspectos dos argumentos, temas e cenários. Mas o espírito do romance permaneceu. São histórias que se regozijam no amor, no casamento e na família. Histórias que reconhecem o que é verdadeiramente importante na vida.

Estou muito orgulhosa por ser uma das autoras publicadas pela Harlequin.

Espero que gostem dessa história, embora tenha sido escrita muitos anos atrás. Que ela possa trazer um sorriso ao seu rosto e lembrá-la de seu próprio amor pelo romance.

Debbie Macomber

Debbie Macomber

PEQUENOS CUPIDOS

Tradução
Ana Rodrigues



2013

CAPÍTULO UM

– DANNY, APRESSE-SE e coma o seu cereal – pediu Dori Robertson, enquanto corria do banheiro para o quarto. Ela vestiu rapidamente uma saia de tweed e um suéter, calçou sapatos de salto alto de couro preto e voltou para a cozinha.

– Não vai comer, mamãe?

– Não tenho tempo. – Com a maior velocidade de que seus dedos eram capazes, Dori espalhou manteiga de amendoim e geleia em duas fatias de pão para fazer um sanduíche, então abriu a geladeira e pegou uma laranja. Ela colocou o sanduíche e a laranja em um saco de papel pardo com um gato de desenho animado na frente. Depois, ergueu a tampa de um pote e enfiou a mão lá dentro, procurando algum biscoito remanescente, mas conseguiu apenas um punhado de farelos. Os biscoitos integrais teriam que servir.

– Por que estamos sempre atrasados de manhã? – quis saber Danny, de 11 anos.

Dori riu. Houve uma época em sua vida em que tudo se encaixava no lugar certo, mas agora não era mais assim.

– Porque a sua mãe tem dificuldades para sair da cama.

– Você também estava sempre atrasada quando o papai estava vivo?

Dori se virou, apoiou-se contra a bancada da cozinha e cruzou os braços.

– Não. Seu pai costumava me levar uma xícara de café na cama. – Brad tinha um jeito próprio e especial de acordá-la com café e beijos. Mas agora ele se fora e, a não ser pelo filho, Dori tinha que encarar o mundo sozinha. Ainda assim, era mais fácil aceitar as manhãs apressadas do que as longas noites solitárias.

– Quer que eu leve café para você? Posso fazer isso – ofereceu Danny. – Já vi você fazer café várias vezes.

Uma onda de amor pelo filho deixou a garganta de Dori apertada e ela teve dificuldade de engolir. A cada dia Danny ficava mais parecido com o pai. Ela abaixou os olhos para o menino, encarando com carinho os olhos azuis cintilantes e as sardas que se espalhavam pelo nariz dele. Os olhos de Brad haviam sido daquele exato tom insondável de azul, embora as sardas fossem como as dela. Dori cerrou os lábios e voltou-se de novo para a bancada, de onde pegou a xícara de café morno e deu o primeiro gole.

– É muito atencioso da sua parte – disse ela, por fim.

– Então eu posso?

– Claro. Ajudaria bastante. – Qualquer coisa seria melhor do que essa correria insana toda manhã. – Agora vá escovar os dentes e pegar o casaco.

Quando Danny desceu o corredor, Dori levou a tigela vazia de cereal do filho para a pia. O jornal matinal estava aberto e ela o dobrou e colocou de lado. Danny costumava ler a seção de esportes, mas recentemente vinha lendo também os classificados. Ele não pedira nada em

particular recentemente, e Dori não tinha ideia do que o garoto achava tão fascinante nos classificados. Crianças! Ela se lembrava bem de que, na idade dele, seu único interesse no jornal eram os quadrinhos e a coluna de conselhos "Dear Abby". Aliás, pensando bem, ela não lia muito mais do que isso atualmente.

Danny a encontrou na cozinha e os dois saíram juntos para a garagem. Enquanto Dori dava ré com o Dodge pela saída de carros estreita, Danny esperava para fechar a porta da garagem.

– Um dia desses – resmungou ela, quando o filho se acomodou no assento ao seu lado –, terei uma garagem com portão automático.

Danny olhou para a mãe com uma expressão curiosa no olhar.

– Por quê? Você tem a mim.

Dori não pôde evitar um sorriso.

– É verdade. Por quê?

Passaram-se vários minutos sem que Danny dissesse nada. Isso não era comum e, por duas vezes, os olhos de Dori buscaram os dele. O garoto estava com uma expressão preocupada, mas ela preferiu não se intrometer, pois sabia que o filho falaria quando estivesse pronto.

– Mamãe, ando querendo lhe perguntar uma coisa – falou ele hesitante, então se interrompeu.

– O quê? – perguntou Dori, enquanto pensava consigo mesma que o tráfego de Seattle ficava pior a cada manhã. Ou talvez o problema não fosse o trânsito, e sim ela, que saía sempre atrasada.

– Estava pensando.

– Doeu? – Aquela era uma velha piada entre eles, mas Danny não retrucou imediatamente como costumava fazer. – Ei, filho, o assunto é sério, não é?

Danny ergueu o ombro em um trejeito involuntário.

– Bem, sei que você amava o papai e tudo o mais, mas acho que está na hora de encontrar outro pai para mim.

Dori pisou com força no freio. O carro parou subitamente no sinal vermelho e ela se virou para o filho, os olhos arregalados.

– Está na hora *do quê*? – perguntou Dori, incrédula.

– Já faz cinco anos, mamãe. O papai não iria querer que você ficasse triste pelo resto da vida. Ano que vem vou para o sétimo ano e, nessa idade, um garoto precisa de um pai.

Dori abriu a boca, tentando encontrar palavras sensatas, mas não conseguiu dizer nada.

– Posso preparar o café de manhã, mas isso não é o bastante. Você precisa de um marido. E eu preciso de um pai.

– Tudo isso é um tanto... repentino, não? – A voz dela mal passava de um murmúrio rouco.

– Não é, não. Já venho pensando nisso há muito tempo. – Danny girou a cabeça e apontou para trás. – Ei, mamãe, você acabou de passar da escola.

– Droga. – Ela ligou a seta do carro e virou à direita dando apenas uma rápida olhada no espelho retrovisor.

– Mamãe... preste atenção! – Danny se encolheu quando o para-choque traseiro do carro por muito pouco não acertava a frente de um carro importado bem caro. Dori desviou do outro motorista em uma manobra rápida, evitando, por pouco, a colisão.

O motorista do outro carro apertou a buzina furioso e seguiu o carro de Dori quando ela entrou

em uma rua lateral que os levaria de volta ao colégio.

– O cara em que você quase bateu está seguindo a gente, mamãe, e, uau, ele parece bem zangado.

– Que ótimo... – Os dedos de Dori apertaram o volante com força. Aquele dia estava indo de mau a pior.

Ainda olhando para trás, Danny continuou a comentar o que via.

– Agora ele está anotando a placa do nosso carro.

– Que maravilha. O que ele planeja fazer, me prender?

– E ele pode fazer isso? – Danny voltou a atenção para a mãe irritada.

– Bem, em certos casos um cidadão comum pode prender outro no lugar da polícia... E ele parece ser o tipo de pessoa que faria isso. – A julgar pela expressão dura e inflexível que ela havia visto brevemente pelo espelho retrovisor... Os olhos profundos estavam semicerrados, e o cabelo cheio e escuro como os olhos estava penteado para trás, revelando os contornos marcados do rosto cinzelado. Não poderia ser chamado de um rosto bonito, mas exalava uma masculinidade óbvia e poderosa. "Um homem de verdade" foi a expressão que veio à mente de Dori.

– Estou reconhecendo-o – Danny falou pensativo. – Ao menos acho que sim.

– Quem é ele? – Dori virou à direita novamente e parou em frente à escola Cascade View Elementary. O homem no BMW parou bem atrás dela e saiu do carro.

– Ele parece conhecido – comentou Danny novamente, o cenho franzido enquanto se concentrava –, mas não sei de onde.

Dori esticou os ombros, abriu com relutância a porta do carro e saiu. Ela afastou uma mecha grossa de cabelo ruivo do ombro e se voltou para falar com o homem muito alto que a esperava. O terno impecável e os sapatos de couro caros o tornavam ainda mais intimidante. Os olhos do homem acompanhavam os movimentos dela. Eram olhos interessantes e impressionantes, em um rosto que parecia capaz de erguer um império – ou de fazê-lo em pedaços – com apenas um erguer de sobrancelhas. Dori estava determinada a não permitir que ele a intimidasse. Embora houvesse indicado com um gesto que Danny deveria ficar no carro, o menino parecia achar que a mãe precisava de proteção. Ela não tinha tempo para discutir com o filho.

– Não gosto de ser seguida. – Dori decidiu que o ataque era a melhor defesa.

– E eu não gosto de ser jogado para fora da rua.

– Peço desculpas pelo que aconteceu, mas seu carro estava em meu ponto cego e, quando entrei na rua...

– Você nem sequer olhou.

– Com certeza olhei – disse Dori, a voz agora mais alta. Pela primeira vez ela percebeu uma mancha marrom, grande, no paletó do terno dele. Seus lábios começaram a se curvar em um sorriso.

– O que está achando tão divertido? – quis saber o homem, irritado.

Dori abaixou os olhos para a calçada.

– Desculpe, não quis ser grosseira.

– A coisa mais educada que pode fazer é ficar fora das ruas.

Dori colocou as mãos nos quadris e se adiantou.

– No caso de você não estar ciente, há uma lei no estado de Washington que proíbe o motorista

de beber qualquer coisa enquanto estiver dirigindo. Você não pode me culpar se derramou seu café. Para começar, nem deveria ter café no carro. – Dori rezou para que seu tom de indignação fosse o bastante para assegurá-lo de que ela sabia do que estava falando.

– Você quase causou um acidente. – Ele também se adiantou um passo e a raiva nos olhos duros vacilou por um instante.

– Já me desculpei por isso – falou Dori, sabendo que, se aquele confronto continuasse, ela sairia perdendo. A melhor parte da coragem era a prudência, como costumava dizer o pai dela. Ao menos daquela vez, Dori estava disposta a seguir o conselho dele. – Se for acalmá-lo, posso pagar a lavagem do terno.

A campainha da escola tocou e Danny se apressou a voltar para o carro, para pegar os livros e o saco de papel com seu almoço.

– Tenho que ir, mamãe.

Dori estava procurando um cartão de visitas na bolsa.

– Está certo, tenha um bom dia, meu bem. – Ela torceu para que ao menos um deles conseguisse essa proeza, porque o dia dela não estava parecendo muito promissor.

– Não esqueça que eu tenho treino de futebol depois da aula – o garoto lembrou à mãe, enquanto caminhava na direção da escada que levava à escola.

– Não vou esquecer.

– E... mamãe?

– Sim, Danny? – ela perguntou irritada, já perdendo o pouco controle sobre o que lhe restava de paciência.

– Promete pensar sobre o que eu disse?

Dori encarou o filho sem compreender.

– Você sabe, sobre arrumar outro pai para mim?

Dori sentiu o rosto e o pescoço ficarem quentes e vermelhos. Ela afastou o olhar do homem desagradável que estava parado ao seu lado e bufou baixinho.

– Vou pensar a respeito.

Um sorriso travesso iluminou o rosto de Danny enquanto ele se virava e saía correndo para encontrar os colegas.

A busca pelo cartão na bolsa ajudou a diminuir um pouco o embaraço de Dori. Outro homem talvez houvesse dito alguma coisa para diminuir o constrangimento dela, mas não aquele.

– Tenho certeza de que meus cartões estão guardados aqui, em algum lugar.

– Esqueça – disse o homem, de mau humor.

– Não – argumentou ela. – Sou responsável pelo que aconteceu, portanto vou pagar. – Como não conseguiu achar o cartão, Dori escreveu seu nome e endereço atrás da lista de compras do mercado. – Aqui está – falou, entregando a ele o pedaço de papel.

O homem examinou rapidamente o que estava escrito e enfiou o papel no bolso do paletó.

– Obrigada, sra. Robertson.

– Foi minha culpa.

– Acho que já admitiu isso o bastante. – Nada parecia abalar a fachada de granito do homem.

– Vou esperar pela conta, senhor...?

– Parker – disse o homem, em um resmungo. – Gavin Parker. – Ele se afastou na direção do próprio carro.

O nome pareceu estranhamente familiar a Dori, mas ela não conseguiu se lembrar de onde o ouvira antes. Estranho... Danny também o reconhecera.

– Sr. Parker – chamou Dori.

– Sim? – Ele se virou irritado para ela.

– Desculpe, mas será que eu poderia dar mais uma olhada no papel que lhe dei?

Ele cerrou a boca em uma linha clara de impaciência enquanto pegava o papel do bolso e o entregava a ela.

Dori leu a lista de compras, torcendo para conseguir decorá-la.

– Obrigada. Eu só queria me certificar de que me lembrava de tudo.

Parker a encarou com frieza.

Quando entrou no próprio carro e se colocou a caminho do escritório da seguradora, Dori já esquecera todos os itens da lista de compras. A mera lembrança dos olhos de Gavin Parker era o bastante para lhe causar um frio na espinha. No entanto, a boca do homem era interessante. Não que ela costumasse andar por aí reparando nas bocas dos homens, mas a dele era firme com aquele desenho marcado de que tantas mulheres gostam. Como ela estava sendo ridícula. Recusava-se a passar mais um minuto que fosse pensando naquela figura desagradável.

O estacionamento dos funcionários estava lotado quando Dori chegou, e ela foi forçada a procurar vaga na rua, o que era quase impossível àquela hora da manhã. Por sorte, Dori conseguiu uma vaga apertada, a três quadras da empresa onde trabalhava como subscritora de apólices de seguros domésticos.

Quando finalmente conseguiu chegar à sua mesa, Dori estava irritada, exausta e dez minutos atrasada.

– Você está atrasada – anunciou Sandy Champoux, quando Dori se sentou.

– Não havia percebido – retrucou Dori com sarcasmo, enquanto guardava a bolsa na última gaveta e fingia um interesse absoluto na pasta que estava sobre sua mesa, já que o sr. Sandstrom, seu chefe, passava lentamente por ali naquele momento.

– Você sempre acaba conseguindo chegar à sua mesa a tempo – falou Sandy, ignorando o sarcasmo. – O que houve essa manhã?

– Você quer dizer, além de quase um acidente com um homem desagradável usando um terno caríssimo, ou de Danny me dizendo que devo arrumar um novo pai para ele?

– Ele está certo, você sabe.

Dori fingiu que não estava entendendo e bateu os cílios grossos para a amiga, sorrindo timidamente.

– Quem está certo? Danny ou homem no terno caro?

– Danny! Você *deveria, sim,* pensar em se casar de novo. Já está na hora de se juntar ao mundo dos vivos.

– Ahn... – Dori apontou o dedo indicador para o teto. – Você não compreendeu direito o problema. Danny quer um pai do mesmo jeito que quis uma bicicleta nova. Ele não está interessado em um marido para mim... – Ela se interrompeu e mordeu o lábio inferior, enquanto lhe ocorria uma ideia. – É isso. – Seus olhos se iluminaram.

– É isso o quê? – quis saber Sandy.

– A bicicleta.

– Você vai subornar seu filho para que ele esqueça que precisa de um pai? – Sandy estava olhando para Dori com a mesma expressão que costumava reservar para as pessoas que gostavam de ficar exibindo fotos dos filhos.

– Não, Sandy. – Dori gemeu, balançando a cabeça devagar. – Você não vai querer saber.

Sandy franziu o cenho e pegou uma nova apólice na cesta.

– Se é o que está dizendo...

Apesar do começo difícil, o dia passou rapidamente e sem nenhum outro incidente. Dori estava pronta para conversar com o filho quando ele entrou em casa às 17h30, as chuteiras penduradas ao redor do pescoço.

– Oi, mãe, o que tem para comer?

– O jantar. Logo.

– Mas estou morrendo de fome *agora*.

– Ótimo, ponha a mesa. – Dori esperou até que Danny tivesse lavado as mãos e, antes de falar, pousou duas travessas com o jantar sobre a mesa redonda de carvalho. – Eu estava pensando sobre o que você disse essa manhã.

– Doeu? – perguntou Danny, dando um sorriso malandro para a mãe e fazendo surgir duas covinhas no rosto sardento. – O que decidiu?

– Bem... – Dori prestou uma atenção fora do comum ao bife que estava fritando, então falou finalmente: – Admito que não estava me sentindo exatamente empolgada com a ideia. Ao menos não até agora.

– E agora? – Danny ficou de pé diante da mesa, encarando a mãe atentamente.

Ela fez uma pausa, decidindo-se finalmente.

– Quanto mais eu penso a respeito – falou Dori –, mais eu percebo que você pode ter razão.

– Então podemos começar a procurar? – A voz dele vibrava de ansiedade. – Estou de olho em vários caras legais. Tem o Jason... ele ajuda o treinador com o time de futebol. Jason é ótimo, mas acho que não tem idade o bastante. Você acha que 19 anos é muito novo?

Aquilo estava saindo pior do que Dori pensara.

– Não tão rápido – ela disse, tentando ganhar tempo. – Precisamos pensar nisso com método.

– Ah, fantástico... – resmungou Danny. E deu um suspiro de desgosto. – Sei o que isso significa.

– Significa que vamos esperar até a louça do jantar estar lavada e fazer uma lista, assim como fizemos quando escolhemos sua bicicleta.

Danny se animou.

– Ei, é uma boa ideia!

Dori não estava tão confiante quanto o filho. Ele engoliu rapidamente o jantar e, no instante em que a louça acabou de ser lavada e guardada, pegou um enorme bloco de papel.

– Está pronta? – perguntou Danny, fazendo uma pausa para mascar a borracha na ponta do lápis.

– Claro.

– Primeiro temos que encontrar alguém da sua idade.

– Que tenha ao menos 33 anos – concordou Dori, puxando uma cadeira.

– E alto, porque papai era alto e seria esquisito termos um cara baixo aqui. Não quero terminar sendo mais alto do que meu novo pai.

– Faz sentido. – Mais uma vez Dori ficou impressionada com quanto o filho estava levando aquilo a sério.

– Ele deve gostar de esportes, porque eu gosto de esportes. Você até tenta, mamãe, mas realmente gostaria de alguém que pudesse lançar uma bola um pouco melhor.

Aquele era um dos deveres que Dori passaria adiante com satisfação.

– Acho uma boa ideia.

– E seria legal se ele soubesse caratê.

– Por que não? – concordou Dori de boa vontade.

O lápis de Danny deslizava furiosamente sobre o papel enquanto ele acrescentava as últimas exigências à lista crescente.

– E o mais importante... – Os olhos azuis do menino ficaram sérios. – Meu novo pai deve amar você.

– Isso seria bom – murmurou Dori, com a voz embargada. Brad a amara. Tanto que por algum tempo ela achara que morreria sem ele. Mesmo depois de terem se passado tantos anos, ela não se sentia capaz de amar outro homem com tanta intensidade.

– E agora? – Danny levantou os olhos em expectativa.

– Agora... – disse Dori, respirando fundo. – Agora que sabemos o que estamos procurando, só o que precisamos fazer é esperar que o homem certo apareça.

Danny pareceu em dúvida.

– Isso pode demorar muito.

– Não com nós dois procurando. – Dori pegou a lista de Danny e prendeu-a na geladeira com um grande ímã em formato de morango. – Não está na hora do seu banho, rapazinho?

Danny jogou o bloco e o lápis dentro da gaveta da cozinha e saiu em direção ao corredor que levava ao seu quarto.

Dori foi para a sala de estar, pegou seu tricô e ligou a televisão. Talvez Danny estivesse certo. Havia mais na vida do que apenas trabalhar, cozinhar e tricotar. Não que ela já não houvesse tentado namorar. Tentara, sim. Sandy lhe arrumara um encontro com o amigo de um amigo no início do verão. A noite acabara sendo um desastre, e Dori recusara a tentativa da amiga de lhe arrumar novos encontros. Além do mais, até então ela não tinha razão para querer arrumar um namorado. Estava bastante satisfeita e muito raramente sofria de uns ataques de solidão, normalmente tarde da noite. Danny preenchia sua vida. Ele amava esportes e ela adorava vê-lo jogar.

Mas Danny realmente precisava de uma figura paterna, principalmente agora que estava chegando à adolescência. Dori não via como algum outro homem poderia substituir Brad. Quando o pai morrera, Danny tinha apenas 5 anos, era pequeno demais para lembrar muito do pai. As próprias lembranças de Dori de quando tinha 6 anos eram vagas e distantes, e ela se perguntava quanto lembraria do pai se estivesse no lugar de Danny.

A casa estava em um silêncio incomum. Danny costumava sair tão rápido do banho que Dori muitas vezes suspeitava que ele nem chegava a se molhar completamente.

Bem no momento em que ela estava prestes a investigar o motivo de tanto silêncio, o garoto entrou correndo na sala, trazendo um punhado de cards de atletas.

– Mamãe, o homem do carro em que você quase bateu hoje era Gavin Parker!

Dori levantou os olhos do tricô.

– Eu sei.

– Mamãe – a voz dele estava cheia de espanto –, por que você não *disse* nada? Quero o autógrafo dele.

– O autógrafo dele? – De repente as coisas começaram a ficar confusas. – Por que você iria querer o autógrafo dele?

– Por quê? – Danny ofegou. – Ele é só o maior atleta do mundo!

Dori resolveu ignorar o exagero do filho. Gavin Parker podia ser mesmo um atleta talentoso de algum tipo, mas também era rude e arrogante. Era um homem que ela desejava instintivamente evitar.

– Olhe aqui. – Danny colocou o card de futebol bem debaixo do nariz dela.

Era verdade, o nome era o mesmo, mas as feições eram mais jovens, mais suaves, mais brandas de certa forma. Os olhos escuros penetrantes na foto davam apenas uma pista da agressividade do homem. A aparência de Gavin Parker havia mudado ao longo dos anos e não apenas por causa da idade. A foto que Dori encarava era de um jovem intenso, cheio de entusiasmo e energia pela vida. O homem que ela encontrara naquele dia era zangado, amargo, desiludido. É claro que as circunstâncias do encontro de ambos não foram exatamente próprias a uma conversa amigável.

Na parte de trás do card estava descrita a altura de Gavin, seu peso e a posição em que ele jogava, zagueiro. De acordo com a informação, Gavin jogara pelos Raiders e fora o destaque do time em dois campeonatos Super Bowl. No ano em que se aposentara, Gavin recebera o prêmio de Jogador Mais Valioso.

– Como você descobriu quem ele era? – perguntou Dori, em um tom surpreso. – Aqui diz que ele parou de jogar futebol americano há seis anos.

– Mamãe, Gavin Parker foi um dos maiores jogadores de futebol americano de todos os tempos. *Todo mundo* sabe quem é ele. Além do mais, Gavin é comentarista dos jogos dos Vikings aos domingos.

Todo domingo à tarde, Dori e Danny jantavam com os pais dela. Dori se lembrava vagamente dos jogos de futebol americano que prendiam a atenção dos dois homens de sua vida: seu pai e seu filho. Era um esporte que nunca a interessara muito.

– Podemos pedir o autógrafo dele? – perguntou Danny esperançoso.

– Dani – disse Dori com um suspiro, puxando com força a lã que estava tricotando –, duvido sinceramente que voltemos a ver o sr. Parker.

O garoto curvou os ombros, desanimado.

– Droga. Agora os garotos não vão acreditar em mim quando eu contar que minha mãe quase jogou o carro de Gavin Parker para fora da rua.

– Você pode achar difícil de acreditar – admitiu Dori baixinho –, mas na verdade eu prefiro que o mundo todo não saiba do nosso contratempo de hoje.

– Ah, mamãe...

– Você já fez o dever de casa?

– Ah, mamãe...

Dori sentiu um sorriso começando a curvar seus lábios, mas resolveu não ceder.

– A sala parece estar desenvolvendo um eco.

Danny abaixou a cabeça e voltou para o quarto.

Na manhã seguinte, logo depois do nascer do sol, Dori foi acordada por uma batida alta na porta do seu quarto. Ela se apoiou sobre um dos cotovelos com dificuldade e afastou os cachos ruivos desalinhados do rosto.

– Sim? – Só foi capaz de pronunciar essa palavra.

Danny entrou no quarto já vestindo seu jeans e com uma xícara de café nas mãos.

– Bom dia, mamãe.

– Meus olhos estão me pregando uma peça – murmurou ela, apoiando-se contra o travesseiro. – Achei que tinha visto um anjo me trazendo notícias felizes e uma xícara de néctar.

– Não – falou Danny, com um sorriso. – Isso é café.

– Deus o abençoe, meu filho.

– Mamãe?

– Hmmm? – Dori se esforçou para abrir os olhos, embora ainda lutasse contra a vontade de enfiar o rosto no travesseiro e voltar a dormir.

– Você... quero dizer... você sempre tem essa aparência quando acorda?

Dori ficou confusa e constrangida e tentou novamente amansar a massa rebelde de cachos.

– Por quê?

Claramente desconfortável, Danny ficou mudando o peso de um pé para o outro, olhando para baixo.

– Se alguém a vir com o cabelo desse jeito, talvez eu nunca consiga um novo pai.

– Vou tentar melhorar – resmungou ela.

– Obrigado. – Satisfeito, Danny saiu do quarto, dando a oportunidade a Dori de ficar emburrada sozinha. Ainda resmungando para si mesma, ela afastou os lençóis e saiu da cama. Bastou um olhar para o reflexo no espelho do banheiro para confirmar o que Danny dissera. E o cabelo dela não era a única coisa que precisava de uma melhora.

Quando Dori finalmente apareceu na cozinha, já conseguira dar um jeito de se transformar da Bruxa Malvada do Oeste em alguma coisa mais apresentável e feminina.

Danny deu uma olhada na direção da mãe e abriu um sorriso radiante de aprovação.

– Você está bonita de verdade agora.

– Obrigada. – Ela tornou a encher a xícara de café e tentou disfarçar uma careta pelo amargor da bebida. Mais tarde, com muito tato e diplomacia, mostraria a Danny a quantidade exata de pó de café que deveria usar. Se tomasse um pouco mais, pensou, acabaria alisando o cabelo naturalmente ondulado.

– Você acha que podemos encontrar novamente com Gavin Parker a caminho do colégio? – perguntou o filho animado, quando eles já saíam da garagem.

– Duvido – respondeu Dori. – Na verdade, duvido que o sr. Parker more em Seattle. Ele provavelmente estava apenas visitando a cidade.

– Droga. Acha mesmo?

– Bem, não custa manter os olhos bem abertos. Nunca se sabe.

Durante o restante do caminho para a escola, Danny ficou concentrado examinando o tráfego. Dori ficou grata por ele não ver Gavin Parker. Se isso acontecesse, não sabia o que o filho esperaria que ela fizesse. Colocar o homem para fora da rua de novo estava fora de questão. Dori ficara feliz por ter saído incólume do encontro da véspera.

Danny não mencionou Gavin novamente naquele dia, nem no próximo, e Dori se convenceu de que não ouviria mais falar do "maior atleta do mundo". Mas, na segunda-feira seguinte, ela recebeu uma conta de lavanderia pelo correio.

O endereço no envelope havia sido digitado e Dori perdeu um instante imaginando se o sr. Gavin Parker passara instruções à secretária para mandar a conta. Além da conta de uma lavanderia a seco no centro da cidade, Gavin também mandara a lista de compras dela de volta. Dori sentiu o rosto ruborizado quando pegou o papel e viu o que estava escrito em uma letra de mão forte. No fim lista que ela fizera, Gavin acrescentara "aulas de direção". Dori amassou o papel e jogou-o no lixo.

Quanto mais cedo encerrasse qualquer contato com aquele homem grosseiro, melhor. Ela acabara de preencher o cheque, quando Danny entrou na cozinha.

– O que posso lanchar? – perguntou ele, olhando por cima do ombro da mãe.

– Uma maçã.

– Posso comer alguns biscoitos, também?

– Está certo, desde que prometa que vai comer bem no jantar. – Não que ela precisasse se preocupar. O apetite de Danny parecia não ter fim nos últimos tempos. A porta da geladeira foi aberta atrás dela.

– Ei, mãe, o que é isso?

Dori olhou para trás e viu que o filho segurava uma bolsa de nylon amarela com a ponta dos dedos.

– Bulbos de tulipas. Pelo amor de Deus, não coma nenhum!

O garoto ignorou a tentativa de piada da mãe.

– Há quanto tempo eles estão aqui?

Dori sentiu o rosto quente quando se lembrou de que comprara a planta em uma liquidação seis semanas antes.

– Vou plantá-los logo – ela disse.

Danny mordeu uma maçã com força e se sentou em uma cadeira diante da mãe.

– O que está fazendo?

– Pagando uma conta. – Dori sentiu uma pontada de culpa e baixou os olhos para o talão de cheques, mas decidiu deixar as coisas como estavam e não mencionar *de quem* era a conta que ela estava pagando. Outra decisão que envolvia prudência e coragem.

NO SÁBADO de manhã, Dori saiu do quarto ainda sonolenta, amarrando a faixa do roupão ao redor da cintura. O som alto dos desenhos animados na sala de estar confirmou que Danny já estava acordado. Uma tigela vazia de cereal sobre a mesa foi a prova seguinte. O café estava pronto. Dori deu um sorriso suave e se serviu de uma xícara, com leite.

– Você está acordada. – Danny entrou na cozinha e sorriu satisfeito quando viu que a mãe penteara o cabelo.

– Não fique grudado na TV – avisou ela. – Temos trabalho a fazer no jardim hoje.

Danny protestou na mesma hora.

– Tenho jogo de futebol.

– Só às 11h30.

– Ah, mãe, detesto trabalhar no jardim...

– Eu também – falou, embora plantar os bulbos de tulipa agora fosse uma questão de honra para ela. Caso contrário, eles acabariam passando mais um ano na gaveta de legumes da geladeira.

Vinte minutos mais tarde, Dori, vestindo jeans e uma camiseta desbotada, saía da garagem com uma pá pequena na mão.

O dia estava glorioso. O sol aparecera entre as nuvens e banhava a terra com sua luz dourada. O clima estava incomumente quente para outubro, eram os últimos dias do veranico com que Seattle havia sido brindada.

Danny estava satisfeito juntando as folhas que haviam caído da imensa árvore de bordo na calçada, e Dori ficou surpresa ao se pegar cantarolando. O lenço que prendia seu cabelo escorregou e ela o colocou no lugar com uma das mãos, deixando uma mancha de lama na bochecha.

Dori estava reclamando aborrecida, quando Danny começou a pular de animação.

– Você veio, você veio! – gritou ele entusiasmado.

Quem veio? Dori tirou as luvas, levantou-se e se deparou com Gavin Parker encarando-a do outro lado do pátio.

– É bom que isso seja importante – falou ele, caminhando na direção dela.

CAPÍTULO DOIS

– IMPORTANTE? – REPETIU Dori, sem entender. – O quê?

– Isso. – Impaciente, Gavin estendeu um pedaço de papel diante do nariz dela.

Dori deu de ombros, sem nem se incomodar em ler a mensagem.

– Não lhe mandei nada além do cheque.

Com o rosto muito vermelho, Danny se adiantou, segurando o ancinho de bambu nas mãos.

– Você não mandou, mamãe, mas eu... eu mandei.

A reação de Dori foi imediata e instintiva.

– O quê? – Ela arrancou o papel das mãos de Gavin. "PRECISO FALAR COM VOCÊ IMEDIATAMENTE" era o que estava digitado em letras maiúsculas. "Pessoalmente" estava escrito abaixo.

– Sr. Parker – Danny tentou explicar apressadamente –, minha mãe disse que provavelmente nunca mais o veríamos, e eu queria o seu autógrafo. Assim, quando a mamãe deixou o envelope com o cheque em cima da bancada para colocar no correio, eu o abri e coloquei o bilhete lá dentro. Quero *muito* o seu autógrafo! Você foi o melhor zagueiro de todos os tempos!

Se Gavin sentiu algum prazer ao ouvir a declaração de absoluta lealdade de Danny, sua expressão séria não revelou nada. Pelo canto dos olhos, Dori viu de relance uma loura se agitando impaciente no assento do passageiro do carro dele, que estava estacionado na rua. Obviamente Gavin Parker tinha outras coisas em mente.

Ela colocou o braço protetor ao redor dos ombros do filho e encontrou o olhar inflexível de Gavin.

– Peço desculpas por qualquer inconveniência que meu filho tenha lhe causado. Posso lhe garantir que não voltará a acontecer.

Danny percebeu sua deixa na raiva mal controlada na voz da mãe, abaixou a cabeça e chutou as folhas caídas com a ponta do tênis.

– Peço desculpas, também. É que eu queria muito o seu autógrafo para provar para os garotos da escola que a mamãe realmente quase o colocou para fora da rua.

Dori ouviu uma porta de carro bater e levantou os olhos. O choque se misturou à descrença quando viu que não era uma mulher a acompanhante de Gavin Parker, mas uma menina. Não devia ter mais de 13 anos, era muito bonita, mas era óbvio que tentava desesperadamente esconder sua feminilidade.

– Por que está demorando tanto? – A garota usava um jeans desbotado e uma camiseta do time de futebol americano Seahawks. O longo cabelo louro estava preso na nuca, embora alguns cachos houvessem conseguido escapar. Irritada, ela levou a mão à cabeça para afastar os cachos rebeldes.

Um sorriso discreto se abriu em seu rosto quando ela percebeu que Danny estava usando uma

camiseta idêntica à dela.

– Ei, você gosta dos Seahawks?

– Pode apostar. Vamos conseguir chegar às finais esse ano – gabou-se Danny, confiante.

– Também acho. Meu pai costumava jogar futebol americano profissionalmente e ele diz que os Hawks têm uma boa chance.

As covinhas apareceram no rosto sardento de Danny quando ele sorriu assentindo, feliz.

– Volte para o carro, Melissa. – O tom de Gavin não deixava espaço para discussão.

– Mas, papai, lá está quente e eu estou com sede.

– Quer um copo de suco de laranja? – ofereceu Danny, entusiasmado. – Puxa, achei que as garotas não gostassem de futebol.

– Sei tudo a respeito e também sei dar um ótimo passe. Pergunte ao meu pai.

Antes que Gavin ou Dori pudessem fazer qualquer objeção, Melissa e Danny estavam andando em direção à casa.

Dori ergueu as sobrancelhas, pronta para fazer uma barganha.

– Troco uma xícara de café por um autógrafo – falou ela, resignada. Uma xícara do café de Danny era uma justiça poética, e Dori sentiu um sorriso curvando os cantos de sua boca.

Pela primeira vez desde o começo dúbio do relacionamento deles, Gavin sorriu. A mudança que um simples sorriso provocou na expressão austera foi impressionante. As linhas profundas desapareceram dos olhos dele e sua boca agora sugeria sorrisos e até mesmo uma gargalhada. Mas a transformação não foi apenas no rosto de Gavin. De algum modo, a armadura que ele parecia usar rachou apenas com o raro e estonteante sorriso que ele deu a Dori.

Infelizmente, o bom humor de Gavin não durou muito e, quando ele a seguiu em direção à casa, sua fachada séria estava novamente no lugar.

Melissa e Danny estavam sentados diante da mesa da cozinha, tomando suco de laranja em copos altos.

– Papai – Melissa olhou ansiosa para Gavin –, Danny pode ir conosco ao parque de diversões na Puyallup Fair? Não vai ser nada divertido ficar andando nos brinquedos sozinha, e você detesta esse tipo de coisa.

– Lamento, mas Danny tem um jogo de futebol essa tarde – falou Dori.

– Sou o centroavante – acrescentou Danny, orgulhoso. – Gostaria de ir ao jogo para me assistir?

– Podemos ir, papai? Você sabe que eu adoro futebol. Quando acabar o jogo nós ainda poderemos ir à feira. – Melissa imediatamente organizou a agenda deles.

Estava tudo acontecendo tão rapidamente que Dori não sabia o que pensar.

– Sra. Robertson? – Gavin deixou a decisão a cargo dela.

– A que horas Danny estaria de volta? – perguntou Dori, tentando ganhar tempo. Gavin Parker podia ser um jogador de futebol americano famoso, mas era um estranho, e ela não estava inclinada a deixar seu filho com alguém que não conhecia. Se precisasse de uma desculpa, sempre poderia usar a missa na manhã seguinte e o almoço semanal com os pais dela.

– Você também precisa vir – insistiu Melissa. – Papai morreria de tédio enquanto eu e Danny estivéssemos andando em todos os brinquedos.

– Podemos? Ah, mamãe, podemos ir?

Como precisava de algum tipo de confirmação, Dori buscou os olhos de Gavin.

Ele disse com uma voz tranquila:

– Melissa ficaria feliz.

Mas ele não ficaria. Dori não precisava que ele lhe dissesse que não estava satisfeito com a mudança na agenda. Não que ela o culpasse. A ideia de passar uma tarde com duas crianças e uma mãe suja de terra também não a entusiasmaria.

Como parecia estar percebendo a indecisão nos olhos dela, Gavin acrescentou:

– Se vocês fossem, isso resolveria vários problemas para mim.

– Ah, mamãe, podemos ir? – repetiu Danny, que parecia um canguru pulando pela cozinha.

– Quem poderia recusar, diante de tamanho entusiasmo? – Dori se rendeu, enquanto se perguntava em que estaria se metendo. Ela deu a Gavin o endereço do parque próximo dali onde aconteceria o jogo e combinou para que ele e Melissa os encontrassem lá.

Com a nova plateia garantida, Danny estava no auge de sua forma para o jogo de futebol. Com uma energia incansável, ele correu para cima e para baixo no campo, enquanto Dori respondia a uma imensa quantidade de perguntas feitas por Melissa. Não, explicou Dori pacientemente, ela não era divorciada. Sim, seu marido havia morrido. Sim, ela e Danny moravam sozinhos. Danny tinha 11 anos e estava no 6º ano.

Então Melissa contou que os pais eram divorciados e que o pai tinha a sua custódia. Ela era interna em uma escola particular em Seattle porque o pai viajava muito. Como vice-presidente de uma grande empresa de computadores, responsável pelas vendas em todo o noroeste do país, ele era muito ocupado. Além disso, o pai dela também era comentarista de jogos profissionais de futebol americano nas tardes de domingo, e ela nem sempre podia ir com ele.

Parado do outro lado da filha, Gavin lhe dirigiu um olhar que fez com que a garota se calasse imediatamente. Mas a censura do pai não intimidou Melissa por muito tempo, e alguns minutos mais tarde ela estava novamente enchendo Dori de perguntas.

Danny fez dois dos três gols que seu time marcou e sorriu orgulhoso quando Gavin foi cumprimentá-lo por um excelente jogo. Alguns garotos seguiram o pequeno grupo que eles formavam de volta ao carro, obviamente esperando que um ou outro reunisse coragem o bastante para pedir um autógrafo a Gavin. Já que nem mesmo o olhar desencorajador de Gavin os dissuadiu, ele passou os cinco minutos seguintes rabiscando seu nome em pedaços de papel, sacados apressadamente dos bolsos dos casacos dos garotos.

Os quatro fizeram uma parada rápida na casa de Dori, para que Danny pudesse tomar outro de seus banhos-relâmpago e mudar de roupa. Enquanto esperavam, Melissa observava Dori retocar a maquiagem. Quando Dori perguntou se a garota gostaria de usar sua colônia, Melissa olhou para ela como se estivesse sugerindo que passasse graxa atrás das orelhas.

– Jamais. Ninguém vai me fazer usar esse lixo. Isso é para bonequinhas.

– Obrigada, de qualquer modo – murmurou Gavin, quando caminhavam de volta para o carro.

– Pelo quê?

– Venho tentando há meses transformar essa criatura em uma garota. Mas ela é mais obstinada do que qualquer outra mulher que eu conheci na vida.

A PUYALLUP Fair era a maior feira de agricultura do estado de Washington. Situada em uma pequena comunidade rural, cerca de 50 quilômetros a sudoeste de Seattle, a feira atraía visitantes

de todo o oeste de Washington e tinha o que havia de melhor em diversão.

Como uma nativa de Seattle, Dori já havia ido várias vezes à feira e adorava a animação de todas as atrações disponíveis. As exposições eram as melhores do país e a comida era fabulosa. Como Gavin pagara os ingressos de todos, Dori se responsabilizou por comprar croquetes de milho e algodão-doce para todos.

– Podemos ir nos brinquedos agora? – perguntou Melissa ansiosa, balançando os braços ao lado do corpo.

A multidão era grande, principalmente na área do parque, e Dori se preocupou.

– Acho que prefiro dar uma olhada nas exposições antes de deixar vocês dois soltos – disse ela, virando-se para Gavin. A expressão conformada dele lhe disse que o homem não se importava com o que iriam fazer ou não.

Se Melissa ficou desapontada por ter que esperar, não demonstrou. Ela saiu animada na frente, apontando para as exposições que ela e Danny queriam ver primeiro.

Juntos eles viram coelhos, cabras e porcos. Dori não conseguiu controlar o riso quando Melissa e Danny passaram de nariz tapado pelos currais onde estavam as vacas. Gavin também parecia estar relaxando um pouco e seus comentários sobre o comportamento de Melissa e Danny foram bem divertidos, para surpresa de Dori.

– Papai, olhe. – Melissa pegou o braço do pai quando entraram nos galinheiros e o levou a uma incubadora onde uma dúzia de ovos estava disposta sob uma luz quente. Um bico minúsculo tentava abrir caminho pela casca branca, encantando todos que observavam.

O apiário, com a abelha-rainha marcada com um ponto azul, foi outro sucesso. Fascinados, Danny e Melissa observaram por vários minutos o trabalho incessante dentro da colmeia. Quando saíram dali, Dori parou para ouvir uma palestra de dez minutos sobre a vida selvagem. Gavin e as crianças não estavam tão interessados quanto ela, mas todos pararam para ouvir sobre os problemas da águia-americana.

Dali eles foram para as exibições de cavalos e finalmente chegaram ao centro agrícola.

Duas horas mais tarde, Dori e Gavin estavam sentados tomando café, diante de uma mesa de piquenique, nos arredores do parque, onde as duas crianças entravam na fila para os brinquedos.

– Você não gosta muito de mim, não é? – A abordagem direta de Gavin a chocou um pouco.

Não que ela realmente desgostasse dele. Na verdade, Dori descobrira que gostava do humor cortante de Gavin. Mas ela não tentou se enganar acreditando que Gavin ansiara por sua companhia. Sabia que o fato de ter ela e Danny com eles o dia inteiro simplesmente tornara menos complicado o tempo dele com a filha.

– Ainda não me decidi. – Ela resolveu responder a pergunta com a mesma sinceridade.

– Ao menos você é honesta.

– Posso ser ainda mais se você quiser.

Um sorriso lento se formou ao redor dos olhos dele.

– Tenho a sensação de que sentiria minhas orelhas queimando pelo resto da semana.

– Você está certo.

Uma expressão cautelosa surgiu no rosto de Gavin.

– Já atraí muitas mercenárias em minha vida. Quero que saiba que não tenho a intenção de me casar novamente.

Quanta arrogância! Dori sentiu o sangue pulsar furiosamente em suas veias.

– Não me lembro de tê-lo pedido em casamento – disse ela irritada.

– Não quero que tenha uma impressão errada. Você parece ser uma boa mulher e está fazendo um bom trabalho criando seu filho. Mas ele está procurando por um pai, ou ao menos foi o que ele disse, e você está procurando por um marido. Não tente me incluir nesse seu futuro cor-de-rosa.

Dori segurou a xícara de café com força, enquanto lutava contra o impulso de jogar a bebida na cabeça dele.

Ela percebeu o início de um sorriso no rosto de Gavin.

– Você tem os olhos mais expressivos que eu já vi – falou ele. – Eles não escondem quando está furiosa.

– Você não estaria sorrindo se soubesse o que estou pensando.

– Calma, calma, sra. Robertson.

– Longe de mim me impor a você, sr. Parker. – A zombaria na voz dela estava restrita ao mínimo. Dori ficou surpresa ao perceber como estava conseguindo se controlar. Ela se levantou e jogou a xícara de café ainda cheia pela metade em uma lixeira próxima. – Vamos sincronizar nossos relógios?

Ele a encarou sem entender.

– Daqui a três horas. Eu o encontrarei novamente aqui.

Com a atitude que Gavin estava assumindo, Dori preferia ficar sozinha. Ainda havia várias exposições para ver. Ficar com ele estava fora de questão agora. Com certeza o homem passaria o tempo todo se preocupando se ela estaria prestes a enfiar uma aliança em seu dedo.

Gavin também se levantou apressadamente, com uma expressão confusa nos olhos.

– Aonde vai?

– Vou me divertir. Em algum lugar onde você não esteja.

Gavin se deteve, parecendo surpreso.

– Espere um minuto.

Dori pendurou a bolsa no ombro.

– Esqueça.

Era raro um homem provocar tantas emoções nela. A pior parte, pensou Dori, era que com algum encorajamento ela poderia vir a gostar de Gavin Parker. Ele era um mistério... e ela sempre gostara de mistérios. Melissa era uma jovem impressionável, que precisava desesperadamente de uma orientação feminina. Era óbvio que a garota era mais do que Gavin conseguia lidar. Pela conversa que as duas haviam tido durante o jogo de Danny, Dori descobrira que Melissa passava muito poucos fins de semana com o pai. Dori não tinha ideia de onde andava a mãe da menina, já que Melissa não a mencionara. E Dori não quisera bisbilhotar abertamente.

– Sabe qual é o seu problema, Gavin Parker? – perguntou ela tempestuosamente, fazendo com que várias pessoas se virassem para olhá-los com curiosidade.

Gavin pigarreou e olhou ao redor constrangido.

– Não, mas tenho a impressão de que você vai me dizer.

Dori já chegara a um ponto em que estava furiosa demais para ouvi-lo.

– Você é muito ressentido com a vida.

– Ajudaria se eu me desculpasse?

– Talvez.

– Está certo, lamento ter dito qualquer coisa. Achei que era importante que você entendesse a minha posição. Não quero que volte para casa já sentindo o perfume de flores de laranjeira e cantarolando a "Marcha nupcial".

– Isso foi um pedido de desculpas? – perguntou Dori indignada.

As pessoas se desviavam deles, que permaneciam parados, com as mãos nos quadris, encarando um ao outro, os olhos presos em um duelo de vontades.

– É o melhor que eu posso fazer! – gritou Gavin, perdendo a compostura pela primeira vez.

Um vendedor de bugigangas de uma barraca próxima aparentemente não estava gostando da discussão em sua vizinhança.

– Ei, vocês dois, deem logo um beijo e façam as pazes. Estão atrapalhando meus negócios.

Gavin enfiou o braço de Dori no seu e a levou para longe da multidão.

– Vamos – disse ele. Então parou e respirou fundo. – Vamos começar de novo. – E estendeu a mão para que ela apertasse. – Olá, Dori, meu nome é Gavin.

– Prefiro sra. Robertson. – Ela aceitou o aperto de mão com relutância.

– Você está tornando as coisas mais difíceis.

– Agora você entende como eu me sinto. – Dori o encarou com seu olhar mais gelado. – Espero que perceba que não tenho o menor interesse em seu estado civil.

– Desde que as coisas fiquem claras entre nós.

Dori estava pasma. Se ele não fosse tão ofensivo, ela teria rido.

– E então? – Ele estava esperando por algum tipo de resposta.

– Vou ver os equipamentos agrícolas. Você será bem-vindo se quiser se juntar a mim. Caso contrário, eu o encontrarei aqui em três horas. – Não seria uma feira de verdade para Dori se ela não checasse os últimos lançamentos em equipamentos agrícolas. Aquilo provavelmente era fruto de sua herança genética. O avô dela fora dono de uma plantação de maçãs na região fértil do Yakima Valley, muitas vezes chamado de capital mundial das maçãs.

Gavin esfregou o rosto barbeado e deu um sorriso desanimado.

– Equipamento agrícola?

– Isso mesmo. – Se ela explicasse o motivo, ele provavelmente acharia graça, e Dori não estava disposta a se tornar alvo de mais um dos ataques dele.

No fim, eles acabaram indo de uma ponta à outra do pavilhão, admirando uma variedade de exposições no caminho. Várias pessoas paravam para encarar Gavin com curiosidade. Se ele se deu conta disso, não demonstrou. Mas ninguém se aproximou e eles continuaram a passear tranquilamente sem ser perturbados. Dori presumiu que a razão para os deixarem em paz era que ninguém esperava ver o grande Gavin Parker com uma mulher tão comum quanto ela... ainda mais uma mulher acima dos 30 anos.

Quando chegaram à área de jogos, Dori fez um grande esforço para controlar o sorriso, que estava quase se transformando em uma gargalhada, enquanto Gavin tentava derrubar três garrafas de leite com uma bola. Com seu orgulho em jogo, o antigo herói de futebol americano estava determinado a ganhar o leão de pelúcia. Era um prêmio apropriado, pensou Dori, embora ele pudesse ter comprado dois bichos daquele pelo preço que pagou para ganhar apenas um.

– Você está achando engraçado, não é? – resmungou ele, carregando a enorme fera de pelúcia embaixo do braço.

– Hilariante – admitiu ela.

– Bem... tome. – Ele estendeu o leão para ela. – É seu. Eu me sinto ridículo carregando isso por aí.

Dori fingiu estar chocada e levou a mão ao coração.

– Meu querido sr. Parker, o que isso poderia significar?

– Pode apenas pegar essa coisa boba?

– Era de imaginar – disse Dori, alisando o pelo laranja – que um ex-zagueiro tivesse uma pontaria melhor.

– Ui. – Ele ergueu as mãos fingindo se defender. – Sra. Robertson, esse foi um golpe baixo.

Dori comprou algodão-doce e dividiu com Gavin os flocos macios e cor-de-rosa.

– Agora você sabe o que senti ao ouvir "sentir o perfume de flores de laranjeira e cantarolar a 'Marcha nupcial'".

Os dedos de Gavin se curvaram ao redor da nuca de Dori e havia um sorriso nos olhos dele.

– Acho que isso foi um pouco arrogante da minha parte, não foi?

Dori deu uma risada.

– Só um pouco...

A lua crescente já se exibia no céu cheio de estrelas antes de eles deixarem a feira e voltarem para Seattle. Os assentos confortáveis do BMW de Gavin acumulavam uma enorme quantidade de prêmios, chapéus e outras bugigangas. Quando pegaram a rodovia, tanto Danny quanto Melissa haviam adormecido, exaustos pelas oito horas de diversão ininterrupta.

Quarenta minutos mais tarde, Gavin parou o carro diante da casinha de Dori. Ela reprimiu um bocejo e deu um sorriso carinhoso para ele.

– Obrigada pelo dia de hoje.

Os olhos de ambos se encontraram por cima do pelo do leão de pelúcia. Gavin abaixou os olhos para os lábios entreabertos dela e voltou a encará-la nos olhos.

Dori ficou constrangida e se sentiu enrubescer, por isso dirigiu sua atenção para a bolsa, de onde pegou as chaves de casa.

– Eu me diverti. – A voz de Gavin era baixa e relaxada.

– Não pareça tão surpreso.

Ao ouvir o som da voz dos dois adultos, Danny se espreguiçou e logo se endireitou no assento, esfregando os olhos.

– Já estamos em casa? – Sem esperar por uma resposta, ele começou a recolher seus tesouros: um pôster de seu astro pop favorito e uma escultura de areia multicolorida que ele fizera com Melissa.

Melissa continuou a dormir tranquilamente.

– Eu me diverti muito, sr. Parker. – Ainda havia resquícios de sono na voz de Danny.

Gavin saiu do carro para abrir a porta para Dori. Ela desceu com o leão de pelúcia em uma das mãos e as chaves na outra. Então ajudou Danny a sair do assento traseiro.

– Obrigada novamente – sussurrou Dori. – Dê boa-noite a Melissa por mim.

– Boa noite. – Danny se virou e acenou, mas não conseguiu reprimir um enorme bocejo.

Dori percebeu que Gavin não saiu com o carro até que eles estivessem seguros dentro de casa. Danny foi direto para o quarto. Dori deixou o leão no tapete e foi até a janela, de onde viu as luzes traseiras do carro de Gavin desaparecerem na noite. Ela duvidava que fosse voltar a vê-lo, o que não era problema nenhum. Ao menos foi o que Dori disse a si mesma...

– HORA DE levantar, mamãe! – A batida alta na porta do quarto de Dori foi seguida pela voz animada de Danny.

Dori gemeu e abriu um dos olhos, dirigindo um olhar preguiçoso ao filho. As segundas-feiras eram os piores dias.

– Não pode ser de manhã, já... – Ela gemeu, estendo a mão às cegas para desligar o alarme, antes de perceber que ele não estava tocando.

– Trouxe seu café.

– Obrigada. – O café de Danny era capaz de despertar os mortos. – Pode deixar sobre a mesinha de cabeceira.

Danny pousou a xícara com cuidado sobre a mesinha; mas, em vez de sair do quarto como normalmente fazia, sentou-se na beira da cama.

– Sabe, mamãe... eu andei pensando...

– Ah, não. – Dori não estava pronta para mais uma das ideias do filho. – O que é agora?

– Já se passou uma semana inteira e ainda não encontramos um novo pai para mim.

Depois de passar a tarde de domingo argumentando que Gavin Parker não era um bom candidato a marido, Dori não conseguiria aguentar outra conversa a respeito. Além do mais, alguém como ela não despertaria o interesse de Gavin. E, para culminar, ele deixara bem claro seus pontos de vista sobre casamento.

– Essas coisas levam tempo – murmurou Dori, sentando-se na cama com esforço. – Pode me dar um minuto para acordar antes de começarmos a batalhar?

– Está bem.

Dori fez uma careta ao dar o primeiro gole no café, mas a injeção de cafeína fez seu coração começar a funcionar direito. Ela passou a mão sobre os olhos cansados.

– Podemos conversar agora? – perguntou Danny.

– Agora? – O que quer que estivesse perturbando o filho parecia ser importante. Ela suspirou. – Está bem.

– Já se passou uma semana e, a não ser pelo sr. Parker, não conhecemos outros caras.

– Danny. – Dori pousou a mão no ombro do filho. – Esse é um assunto sério. Não podemos nos apressar em algo tão importante como escolher um novo pai para você.

– Mas acho que deveríamos ter uma isca.

– Uma isca?

– Sim, como quando vou pescar com o vovô.

Outro gole de café confirmou que Dori estava realmente acordada, e não no meio de um pesadelo.

– E que tipo de isca você tem em mente?

– Você.

– Eu? – Agora ela sabia o que sentia a minhoca.

– Você é uma mãe bonita, mas não se parece com as mães da TV.

Dori se deixou cair novamente contra os travesseiros e balançou a cabeça.

– Para mim já chega dessa conversa.

– Mamãe...

– Vou tomar um banho. Suma.

– Mas tenho outras coisas a dizer.

– Não essa manhã.

A expressão no rosto de Danny era de desalento quando ele saiu da cama.

– Vai pensar em fazer exercícios?

– Fazer exercícios? Para quê? Estou em ótima forma. – Ela deu uma batidinha na barriga lisa para provar. Poderia perder alguns quilos, mas não passaria vergonha se fosse vista de roupa de banho. Bem... de maiô, talvez.

Olhos duvidosos a mediram da cabeça aos pés.

– Se você tem certeza...

Depois de um exame daqueles, Dori já não tinha certeza de nada. Além do mais, ela nunca estava em sua melhor forma pela manhã – Danny sabia disso e atacara quando a mãe estava mais vulnerável.

Quando Dori finalmente chegou ao escritório, seu humor não havia melhorado. Ela começara a atacar os arquivos mais recentes quando Sandy entrou, segurando um saco de papel branco.

– Bom dia – cumprimentou a amiga animada.

– O que há de bom em uma segunda-feira? – quis saber Dori, como uma rispidez que não pretendia. Quando levantou os olhos para se desculpar, Sandy estava ao seu lado, lhe estendendo um copo de café e colocando um pão doce em sua mesa. – O que é isso?

– Uma razão para encarar o dia – retrucou Sandy.

– Obrigada, mas vou dispensar o pão doce. Danny me informou essa manhã que não pareço uma estrela de TV.

– E quem parece? – Sandy riu e se sentou na beira da mesa de Dori, deixando um dos pés balançando no ar. – Existem as pessoas lindas desse mundo e existe o resto de nós.

– Tente dizer isso a Danny. – Dori afastou a cadeira e tirou a tampa protetora do copo de café. – Estou lhe dizendo, Sandy, acho que nunca vi aquela criança tão séria. Ele quer um pai e está me deixando louca com a ideia.

Um sorriso se formou nos cantos da boca de Sandy.

– O que o monstrinho quer agora?

– Danny não é um monstro. – Dori se sentiu obrigada a defender o filho.

– Todas as crianças são monstros.

A falta de apreço de Sandy por crianças era bem conhecida. Mais de uma vez ela já declarara que a última coisa que queria na vida era um bebê. Dori não conseguia entender essa atitude, mas Sandy e seu marido tinham o direito de ter seus próprios sentimentos.

– Danny decidiu que preciso começar um programa de exercícios para entrar em forma – explicou Dori, aquecendo as mãos ao redor do copo de café enquanto se recostava na cadeira. Um sorrisinho se abriu em seu rosto. – Acho que as palavras exatas dele foram que eu devo ser a *isca*.

– Esse garoto é mais esperto do que eu imaginei. – Sandy terminou seu pão doce e pegou o de Dori.

Dori ainda não conseguira descobrir como alguém conseguia comer tanto e permanecer tão magra. Sandy tinha um apetite enorme, mas conseguia se manter esguia não importava quanto comesse.

– Suponho que você vá ceder a ele? – perguntou Sandy, limpando as migalhas da boca.

– Acho que sim – resmungou Dori. – Por um lado, ele está certo: eu não conseguiria correr dois quilômetros nem que dependesse disso para salvar a minha vida. Mas o que correr tem a ver com encontrar um pai para ele eu sinceramente não compreendo.

– Você vai mesmo fazer isso?

– O quê?

– Casar de novo para satisfazer seu filho?

Os dedos de Dori brincavam, nervosos, com a beira do copo de café.

– Não sei. Mas, se eu realmente me casar de novo, não será apenas por Danny. Será por nós dois.

– O irmão de Jeff estará na cidade no próximo fim de semana. Podemos dar um jeito de sair juntos se você quiser.

Dori encontrara Greg uma vez. Divorciado e amargo, o cunhado de Sandy não fora uma companhia animada. Pelo que Dori se lembrava, ele passara o tempo todo discutindo as inclinações mercenárias dos advogados e os preconceitos do tribunal contra os pais. Mas Dori estava disposta a assistir a outro episódio de *Tribunal do divórcio* se isso fosse ajudar. Danny veria que ela ao menos estava fazendo algum esforço, e isso talvez apaziguasse o garoto por algum tempo.

– Claro – disse Dori, assentindo com a cabeça. – Vamos sair juntos.

Sandy não escondeu sua surpresa.

– Danny pode estar falando sério sobre querer um novo pai, mas você também está. Estava mesmo na hora.

Dori se arrependeu de concordar com o encontro quase no mesmo instante em que as palavras saíram de seus lábios. Ninguém ficou mais chocado do que ela mesma por ter caído em uma das armações de Sandy.

Naquela tarde, quando Dori voltou para casa, seu humor não melhorara.

– Oi, mãe. – Danny deu um beijo no rosto dela. – Coloquei a assadeira no forno como você pediu.

Em mais alguns anos, Danny relutaria em demonstrar sua afeição com um beijo. A ideia fez com que Dori sentisse uma pontada de tristeza no peito. Não demoraria muito e Danny sairia de casa. E ela ficaria sozinha. A pontada se transformou em dor. *Sozinha*. A palavra pareceu ecoar ao redor de Dori.

– Está cansada? – perguntou Danny, seguindo a mãe até o quarto, onde ela tirou os sapatos.

– Não mais do que o normal.

– Ah... – Danny ficou parado na porta.

– Mas tenho energia o bastante para correr um pouco antes do jantar.

– É mesmo, mãe? – Os olhos azuis cintilaram como faíscas.

– Desde que você esteja disposto a ir comigo. Preciso de um treinador. – Dori não estava disposta a enfrentar as ruas de Seattle sem ele. Com certeza Danny ficaria correndo em círculos ao redor dela, mas e daí? Não estava competindo com ele.

Dori trocou o terninho azul de linho que usara para trabalhar por um jeans velho e uma camiseta desbotada.

Danny estava correndo no lugar quando ela entrou na cozinha. Dori gemeu por dentro ao ver a

energia do filho.

Assim que notou a aparência da mãe, Danny parou.

– Você não vai sair assim, não é?

– Qual é o problema agora? – Dori colocou uma faixa sobre o cabelo.

– Essas roupas são *velhas*.

– Danny – gemeu Dori. – Não vou correr usando um vestido. – Não havia dúvidas de que ele a imaginara correndo com uma malha de ginástica colada ao corpo e meias multicoloridas.

– Está certo – ele resmungou, mas não parecia satisfeito.

Os dois primeiros quarteirões foram um pesadelo. Danny determinou o passo, saindo em disparada pela calçada, os joelhos ossudos se erguendo à velocidade da luz. Sentindo que seu orgulho estava sendo posto à prova, Dori conseguiu seguir o ritmo dele. Seus pulmões começaram a arder quase no mesmo instante. Os músculos de suas panturrilhas protestaram contra o exercício vigoroso, mas ela conseguiu continuar a colocar um pé na frente do outro sem muita dificuldade. No entanto, quando chegou ao final do sexto quarteirão, Dori percebeu que ou teria que desistir ou desabar no chão, fingindo-se de morta.

– Danny... – Ela ofegou, parando cambaleante. Sua respiração saía em golfadas e era impossível falar. Dori se inclinou para a frente, apoiando as mãos sobre os joelhos e respirando fundo várias vezes. – Eu... acho... que... não... deveria... exagerar... no primeiro... dia.

– Você não está cansada, está?

Ela se sentia à beira da morte.

– Só... um pouquinho. – Dori endireitou o corpo e murmurou: – Acho que tenho uma bolha no meu calcanhar. – Ela estava implorando silenciosamente a Deus por uma desculpa para parar. A última vez em que respirara daquele jeito fora quando estava em trabalho de parto.

O suor descia pelas costas de Dori. Ela precisou de toda a energia que lhe restara para secar o rosto. Mulheres não deveriam suar daquele jeito, deveriam? Pensando melhor, talvez fossem lágrimas de agonia descendo por seu rosto.

– Acho que deveríamos voltar caminhando.

– Sim, nosso treinador sempre nos faz esfriar aos poucos o corpo.

Dori fez uma anotação mental para dar um bolo de rum de presente de Natal ao treinador de futebol de Danny.

Ainda ansioso por exibir sua agilidade, Danny continuou a correr de volta para casa, na frente de Dori. Para garantir, ela resolveu mancar um pouco.

– Realmente tenho uma bolha – falou Dori, balançando a cabeça para enfatizar o que dizia. – Esses tênis são novos, eu ainda não os amaciei. – Com toda a honestidade, ela não poderia dizer se realmente tinha uma bolha ou não. Seus pés doíam tanto quanto suas pernas, ou seus pulmões.

Quanto mais se aproximavam de casa, mais real se tornava o claudicar dela.

– Tem certeza de que está bem, mamãe? – Danny teve a delicadeza de mostrar um pouco de preocupação.

– Estou ótima. – Dori deu um sorriso débil. A faixa de cabeça escorregara e caíra sobre um dos olhos, mas ela não teve energia para ajeitá-la.

– Deixe eu ajudar você, mamãe. – Danny veio para o lado dela e passou um braço pela cintura da mãe. Quando viu o rosto muito vermelho de Dori, franziu o cenho. – Você não parece

estar tão bem assim.

Dori não sabia o que estava acontecendo, mas sentia-se prestes a vomitar. Fora uma idiota completa por tentar manter o ritmo de Danny. Aqueles seis blocos poderiam ter sido seis quilômetros.

Eles estavam a meio quarteirão de casa, quando Danny hesitou.

– Ei, mamãe, veja. É o sr. Parker.

Antes que Dori pudesse detê-lo, Danny estava gritando e acenando.

Gavin Parker estava parado no meio da calçada, com as mãos nos quadris. E não se incomodou em esconder que estava se divertindo muito.

CAPÍTULO TRÊS

– VOCÊ ESTÁ bem? – perguntou Gavin, com uma preocupação zombeteira.

– Tire esse sorrisinho do seu rosto – advertiu Dori. Ela não estava com humor para trocar gracinhas com ele. Não quando todos os músculos do seu corpo pareciam estar implorando por piedade.

– Foi minha culpa – confessou Danny, preocupado agora. – Achei que mamãe atrairia mais homens se eles pudessem ver como ela é atlética.

– A única coisa que estou atraindo são moscas. – Ela arrancou a faixa do cabelo e os cachos desobedientes se espalharam para todos os lados. – O que posso fazer por você, sr. Parker?

– Ora, ora, ela fica um pouco mal-humorada de vez em quando, não é? – Gavin dirigiu a pergunta a Danny.

– Só às vezes. – Ao menos Danny fizera uma tentativa tímida de ser leal.

Não havia necessidade de Gavin parecer tão presunçoso. Seu sorriso parecia o de um gato com um rato indefeso preso entre as patas.

– Não vai me convidar para entrar? – perguntou ele casualmente.

Dori cerrou o maxilar e o encarou com uma expressão gelada nos olhos.

– Não abuse de sua sorte, Parker – sussurrou ela, para que apenas ele ouvisse. Ainda mancando, ela chegou à porta da frente e lutou para conseguir pegar a chave no bolso do jeans.

– Precisa de ajuda? – perguntou Gavin.

O olhar que ela lhe dirigiu deixava claro que não precisava.

Gavin deu um sorriso zombeteiro e ergueu os braços.

– Ei, estava só perguntando.

A porta da frente foi aberta e Danny disparou na frente. O garoto correu até a cozinha e abriu a geladeira. Ele ficou esperando na entrada de casa e, quando a mãe entrou mancando – seguida de perto por Gavin –, lhe estendeu uma lata de refrigerante.

Enquanto massageava a parte de baixo das costas, Dori foi até a mesa da cozinha.

– Quer um também, sr. Parker? – Danny ofereceu outra lata de refrigerante.

– Não, obrigado – disse Gavin, puxando uma cadeira para Dori. – Você deveria colocar seu corpo dolorido de molho em um bom banho quente.

Estava na ponta da língua de Dori retrucar que as boas maneiras não permitiam que ela tomasse um agradável banho quente enquanto ele ainda estava sentado diante da sua mesa da cozinha.

Danny abriu uma lata de refrigerante e deu um longo gole. Dori se limitou a dar um golinho bem feminino, embora sentisse a garganta seca e arranhada.

– Encontrei o casaco de Danny no banco de trás do meu carro e achei que ele poderia precisar – disse Gavin, explicando a razão para sua visita. Ele estendeu as chaves para o garoto. – Você

poderia pegar para mim?

– É claro. – Danny saiu em disparada, ansioso por obedecer.

A porta da frente bateu quando o garoto saiu, e Gavin voltou sua atenção para Dori.

– Que história é essa de correr para se tornar mais atraente para os homens?

Ela começava a sentir que o torpor abandonava seus membros, e seu coração finalmente retornara ao ritmo normal.

– É por causa dessa ideia fixa de Danny sobre eu voltar a me casar. Mas fique tranquilo porque você está fora do páreo.

– Fico feliz em ouvir isso. Sou um péssimo marido.

Dori deixou escapar uma risada cansada quando seu olhar encontrou o dele.

– Eu já havia percebido isso.

– Pendurei o casaco no meu armário – disse Danny à mãe, obviamente querendo agradá-la. – Foi gentil da sua parte trazê-lo de volta, sr. Parker.

Pela primeira vez, Dori se perguntou se o casaco fora deixado intencionalmente no carro para que Gavin tivesse uma desculpa para voltar. Ela sabia que o filho seria capaz disso.

Gavin estendeu a mão para pegar as chaves de volta.

– Por que Melissa não veio também? – Danny quis saber. – Ela é legal para uma garota. Não teve medo de andar em nenhum brinquedo no parque de diversões. Foi até no Martelo comigo. Mamãe nunca iria. – Um olhar pensativo dominou o rosto do garoto como se ele estivesse pesando os prós e os contras de ser amigo de uma menina. – Mas ela também gritou à beça.

– Melissa está no colégio. – Gavin se levantou para sair e o barulho da cadeira arrastando quebrou o silêncio da cozinha. – Ela também achou você legal... para um garoto. – Ele trocou um sorriso travesso com Danny.

– Podemos fazer alguma coisa juntos de novo? – perguntou Danny, enquanto seguia Gavin para a sala de estar. Dori os seguiu a uma distância segura, pressionando as costas com a mão. Quem poderia imaginar que uma corridinha poderia ser tão incapacitante?

– Talvez. – Gavin parou diante da TV e pegou um porta-retratos onde havia uma foto de família tirada antes da morte de Brad. Aquela fora a única fotografia de Brad que Dori mantivera exposta. Depois de um silêncio tenso, Gavin recolocou o porta-retratos no lugar e se adiantou para acariciar o leão de pelúcia, que agora ficava na janela.

– Vou pedir a Melissa para ligar para você no próximo fim de semana que ela não passar na escola.

– Que ela não passar na escola? – Danny repetiu incrédulo. – Você quer dizer que ela também vai à escola aos sábados?

– Não – explicou Gavin. – Melissa fica interna na escola durante a semana e passa os fins de semana comigo, se eu não estiver comentando nenhum jogo. Mas as coisas ficam meio agitadas nesta época do ano. Vou pedir para ela ligar para você.

– Danny adoraria – disse Dori com um sorriso doce, certificando-se de que Gavin entendera a mensagem sutil. Não havia problema algum em Melissa ligar para Danny, mas ela, Dori, não queria ter nada a ver com Gavin.

Como Gavin sugerira, um banho preguiçoso de banheira, na água morna, foi de grande ajuda para os músculos doloridos. Dori se arrependia de ter sido tão infantil em sua corrida inicial. Ela respirou fundo e afundou mais na água quente. Parecia pecaminoso se sentir tão preguiçosa, tão

relaxada.

– A mesa está posta e o timer do forno já disparou – avisou Danny.

Dori entrou na cozinha com o cabelo preso para cima e seu corpo flexível – mas machucado – aconchegado em um roupão. Danny estava parado perto da geladeira, relendo a lista de pré-requisitos para um novo pai.

– O jantar está com um cheiro bom. Aposto que está com fome depois de todo aquele exercício.

Danny ignorou a óbvia tentativa dela de desviar sua atenção. O garoto estava ficando esperto demais para o gosto de Dori.

– Você percebeu que o sr. Parker sabe caratê? Eu perguntei a ele a respeito.

– Que legal. – Dori tentou não dar muita importância à informação. – Vou pegar a travessa no forno e podemos jantar.

– Ele é alto e atlético e Melissa disse que ele tem 36 anos...

– Danny – falou Dori muito séria –, não! Já conversamos sobre isso ontem. E tenho o poder de veto, lembra-se?

– O sr. Parker seria um ótimo pai – argumentou o garoto.

Dori pousou o copo na mesa com um baque surdo.

– Mas não o seu pai.

Para seu crédito, Danny não levantou mais o nome de Gavin Parker. Aparentemente a mensagem havia sido compreendida, embora Dori soubesse que o filho realmente gostava de Gavin e de Melissa. Quanto a ela, ainda não havia decidido o que achava de Gavin. Melissa era uma criança adorável, mas o pai dela era outro assunto. Ninguém irritava tanto Dori quanto ele. Gavin Parker era arrogante, convencido, irritante.

Outra semana se passou e Danny marcava os dias no calendário deles, lembrando à mãe diariamente da necessidade de um novo pai para ele. Nem mesmo a promessa de ganhar um cachorrinho o dissuadiu da ideia. Por duas vezes, Danny interrompeu Dori quando estavam fazendo as compras semanais para apontar homens para ela no mercado. Ele até queria que a mãe se apresentasse a eles.

O encontro com o cunhado de Sandy, Greg, foi mais prejuízo do que lucro. Não apenas Dori se viu forçada a ouvir uma versão atualizada do *Tribunal do divórcio*, como Danny a enchera de perguntas na manhã seguinte, até ela precisar ameaçar o filho de deixar de lado inteiramente a questão do novo pai.

Nos dias que se seguiram, Danny esteve mais calado do que o normal. Mas Dori o conhecia o bastante para desconfiar de que, embora ela houvesse ganhado a primeira batalha, ele permanecia disposto a ganhar a guerra. A situação estava ficando tão tensa para Dori que ela teve um pesadelo em que acordava e descobria um estranho em sua cama que alegava ter sido mandado por Danny.

Na segunda-feira à noite, quando Danny deveria estar fazendo seu dever de casa, Dori pegou o filho sacudindo seu cofre de porquinho em cima da cama. Ela lhe dera de propósito um cofre que não abria, para que ele aprendesse a economizar o dinheiro que ganhava. Danny se desviou das perguntas da mãe sobre a necessidade de pegar dinheiro do cofre, dizendo que estava planejando uma surpresa para ela.

– Aquele garoto está aprontando alguma – comentou Dori com Sandy, no dia seguinte.

– Você não perguntou o que é?

– Ele disse que ia me comprar um presente. Naquela manhã, fora Dori que levara café e pães doces, e colocara o saco de papel sobre a mesa de Sandy.

– Conhecendo Danny, eu diria que provavelmente ele vai lhe dar um pote de creme antirrugas.

– Provavelmente – murmurou Dori, dando uma mordida no pão doce.

– Achei que você estava de dieta.

– Está brincando? Com todos os exercícios aeróbicos e corridas que Danny está me obrigando a fazer, estou praticamente sumindo.

Sandy cruzou uma perna bem torneada sobre a outra.

– E as pessoas ainda se perguntam por que não quero filhos...

O telefone estava tocando quando Dori entrou em casa naquela noite. Ela jogou a bolsa sobre a mesa da cozinha e correu para atender, imaginando que poderia ser a mãe.

– Alô.

– Estou ligando a respeito de um anúncio no jornal.

Dori franziu o cenho.

– Sinto muito, mas é engano. – O homem do outro lado da linha quis argumentar, mas Dori desligou, interrompendo-o. Ele parecia bem desagradável, pelo que ela pudera perceber, afinal não havia nada mais para discutir.

Danny estava no treino de futebol no parque, a seis quarteirões de casa. Os dias estavam ficando mais curtos e o sol já estava se pondo ao término do treino. Em um impulso, Dori decidiu ir de bicicleta até o campo e voltar para casa com o filho. É claro que ela não deixaria que ele soubesse o verdadeiro motivo do passeio. Danny detestaria pensar que a mãe fora pegá-lo para levá-lo até em casa.

Quando os dois entraram em casa, 20 minutos mais tarde, o telefone estava tocando de novo.

– Eu atendo – gritou Danny, correndo pela cozinha.

Dori não prestou muita atenção quando ele esticou o fio do telefone e entrou no armário do corredor em busca de privacidade. Danny fazia isso às vezes, quando não queria que a mãe ouvisse sua conversa. A última vez em que isso acontecera fora quando uma colega da escola telefonara.

Como estava se sentindo preguiçosa e sem disposição para fazer o jantar, Dori abriu uma embalagem de tiras de peixe empanado congeladas e as colocou em um tabuleiro, no forno, junto com batatas fritas. Ela estava começando a picar repolho para fazer uma salada, quando Danny reapareceu. Ele lhe lançou um olhar encabulado enquanto devolvia o fone para o gancho.

– Era Erica novamente?

Danny ignorou a pergunta.

– Vai ficar usando essas roupas velhas?

Dori abaixou os olhos para o jeans desbotado e para o suéter tricotado.

– Qual é o problema com elas? – Na verdade, aquele era o melhor jeans que Dori tinha.

– Só achei que você talvez quisesse usar um vestido para o jantar, ou alguma coisa assim.

– Danny... – Dori deixou escapar um suspiro exagerado –, vamos ter peixe empanado para o jantar, não filé mignon.

– Ah. – Ele enfiou as mãos nos bolsos e deu um pulo novamente quando o telefone tocou. – Eu atendo.

Antes que Dori pudesse entender o que estava acontecendo, Danny já se enfiara de novo dentro do armário, esticando o fio do telefone ao máximo.

– O que está acontecendo?

– Nada.

O telefone tocou de novo, ao mesmo tempo em que a campainha da porta.

– Eu atendo – disse Danny, virando a cabeça de uma direção para a outra.

Dori secou as mãos no pano de prato e gesticulou na direção da sala de estar.

– Vou atender a porta.

Gavin Parker estava parado do outro lado da porta de tela, com o jornal do dia enfiado debaixo do braço.

– Gavin. – Dori estava surpresa demais para conseguir dizer algo além do nome dele.

Havia um sorriso nos olhos de Gavin, que estava novamente com aquela expressão de gato que pegara o rato.

– O telefone tem tocado muito ultimamente?

– Sim. Como você sabe? Estou ficando louca. – Dori destrancou a porta de tela e abriu-a, convidando-o silenciosamente a entrar. Que homem estranho era Gavin. Ela não esperara vê-lo novamente e ali estava ele, na sua casa, parecendo inexplicavelmente animado.

Gavin entrou e se sentou no sofá.

– Acho que você não leu o jornal hoje, não é?

Dori havia lido as partes que sempre lia. A coluna "Dear Abby", as tiras de quadrinhos, a coluna de curiosidades e a primeira página, nessa ordem.

– Li, sim. Por quê?

Com um floreio, Gavin pegou a seção de classificados e abriu-a sobre a mesa de centro. Então, moveu o dedo lentamente pela coluna de anúncios pessoais até achar o que queria.

– Estava conferindo o preço dos carros no jornal de hoje e encontrei outra coisa muito interessante...

Dori sentiu um aperto no peito, uma fraqueza nos joelhos e teve que se sentar na cadeira de balanço de madeira que estava diante de Gavin.

– Você tem alguma coisa a ver com a pessoa que publicou esse anúncio? "Preciso de um pai. Alto, atlético, que saiba caratê. Mãe bonita. 555-5818."

Aquilo era pior, muito pior do que qualquer coisa que Dori pudesse imaginar. Sentindo-se humilhada e furiosa, ela apoiou os cotovelos nos braços da cadeira de balanço e escondeu o rosto entre as mãos. Um som rouco e baixo escapou de sua garganta, enquanto seu rosto, seu pescoço e suas orelhas ficavam muito vermelhos. O gemido só parou quando os olhos dela se encheram de lágrimas de constrangimento.

– Daniel Bradley Robertson, venha aqui nesse minuto! – Ela raramente usava aquele tom com o filho. E, sempre que usava, Danny vinha correndo.

Danny enfiou a cabeça por uma fresta da porta do armário.

– Só um minuto, mãe, estou ao telefone. – Ele fez uma pausa, pois acabara de perceber a presença de Gavin. – Oh, olá, sr. Parker.

– Olá, Daniel Bradley Robertson. – Gavin se levantou e pegou o fone da mão do garoto. –

Acho que sua mãe precisa falar com você. Eu cuidarei de quem estiver ao telefone.

– Sim, mãe? – A imagem da inocência, Danny encontrou o olhar firme de Dori sem vacilar. – Algum problema?

O filho ardiloso se tornou um borrão quando Dori balançou a cabeça, sem saber como explicar o constrangimento que ele lhe causara.

– Mamãe? – Danny se ajoelhou em frente a ela. – Qual é o problema? Por que está chorando?

A resposta dela foi uma fungada e um dedo apontado na direção do banheiro. Danny pareceu entender a charada e correu até o banheiro, voltando com uma caixa de lenços de papel.

– Vocês sempre usam o armário do corredor para falar ao telefone?

Gavin estava de volta e Danny o encarou com curiosidade.

– Qual é o problema com a mamãe? Ela não para de chorar.

O telefone voltou a tocar e Dori deu um soluço histérico, que mais parecia um grito estrangulado de dor.

– Eu atendo – Gavin disse para tranquilizá-la, assumindo rapidamente o controle. – Danny, venha até a cozinha comigo. Sua mãe precisa ficar alguns minutos sozinha.

Por um instante pareceu que Danny não sabia o que fazer. A indecisão estava estampada em seu rosto. A mãe estava chorando e um homem com uma voz autoritária lhe dava ordens. Dori despachou o filho com um gesto débil.

Na hora seguinte, o telefone tocou mais 20 vezes. A cada toque Dori se encolhia. Gavin e Danny permaneceram na cozinha e atenderam a todas as ligações. Dori não se mexeu. O balançar suave da cadeira era seu único conforto. Danny se aventurou a voltar à sala de estar apenas uma vez, para anunciar que o jantar estava pronto, caso ela quisesse comer. Sem dizer nada, apenas balançando a cabeça, ela avisou que não comeria.

Depois de algum tempo, o pânico que Dori sentia cedeu um pouco e ela decidiu não vender a casa, arrumar seus pertences e buscar refúgio no outro extremo do mundo. Uma solução menos drástica tomou forma aos poucos em sua mente. A primeira coisa que precisava fazer era tirar aquele anúncio horroroso dos classificados. Então mudaria o número de telefone de casa.

Mais composta, Dori assoou o nariz e lavou o rosto marcado de lágrimas no banheiro do corredor. Quando entrou na cozinha, ficou chocada ao descobrir Gavin e Danny ocupados em lavar os pratos do jantar. Gavin estava na pia, com as mangas de sua camisa social muito cara enroladas até os cotovelos. Danny estava parado ao lado dele, com um pano de prato nas mãos.

– Oi, mãe. – Os olhos tristes não encontraram os dela. – O sr. Parker me disse que o que eu fiz não foi uma boa ideia.

– Não, não foi. – O som agudo que saiu da garganta de Dori mal parecia a voz dela.

– Gostaria de jantar agora? O sr. Parker e eu guardamos um prato para você.

Ela balançou a cabeça, negando. Então perguntou:

– O que está acontecendo aqui?

Em resposta, o telefone tocou, o som quase ensurdecedor, ao menos foi o que apareceu a Dori, que imediatamente se encolheu.

Sem hesitar, Gavin secou as mãos e foi até o telefone que ficava preso à parede.

– Preste atenção – sussurrou Danny, com uma risadinha. – O sr. Parker descobriu um modo de atender ao telefone sem precisar discutir. Ele é muito esperto.

Quando viu que Dori o observava, Gavin piscou o olho para tranquilizá-la e pegou o fone.

Depois de uma pausa breve, ele imitou a voz de uma gravação da companhia telefônica.

– O número que você chamou foi desligado – recitou Gavin, em uma voz de falsete.

Pela primeira vez naquela noite, a linha séria em que se transformara a boca de Dori se curvou na sombra de um sorriso. Mais uma vez, ela foi forçada a admirar a esperteza de Gavin Parker.

Sorrindo, ele desligou o telefone e se sentou em uma cadeira próxima à de Dori.

– Está se sentindo melhor agora?

– Estou bem. – Ela conseguiu acenar com a cabeça. A confusão e a raiva que sentira mais cedo só haviam piorado com o tom de deboche de Gavin quando ele chegara. Mas agora ela se sentia grata por ele ter se adiantado e tomado a frente daquela situação tão embaraçosa. Dori não sabia o que teria acontecido sem ele ali.

Ela sentiu um dedo sob seu queixo, levantando seu rosto.

– Eu acho que você não está nada bem. Está pálida como um fantasma. – Uma onda de prazer inesperada tomou conta de Dori ao sentir o contato das mãos dele, mesmo sendo um toque tão impessoal.

Os dedos de Gavin se aventuraram na linha suave do maxilar dela, em uma carícia hesitante. A ideia era acalmá-la, tranquilizá-la, mas o toque dele era estranhamente sensual, e muito excitante. Confusa, Dori ergueu os olhos para encontrar os de Gavin. Os dois ficaram se encarando enquanto a mão dele descia para o pescoço dela, seus dedos roçando no cabelo longo. Dori viu o movimento da respiração ondulando os músculos do peito dele e percebeu quando a respiração de Gavin se acelerou, como se ele também houvesse sido pego de surpresa por aquelas emoções. Gavin estreitou os olhos, ao mesmo tempo em que recolhia a mão.

– Você precisa de um drinque. Onde...?

Dori apontou debilmente para o armário da cozinha onde ela guardava algumas poucas bebidas alcoólicas. Enquanto servia uma dose de conhaque em um copo, Gavin disse tranquilamente:

– Danny, você não tem algum dever de casa que precisa ser feito?

– Não. – Danny balançou a cabeça, então logo levou os dedos aos lábios. – Ah... entendi. Você quer conversar a sós com a mamãe.

– Isso mesmo. – Gavin deu uma piscada de olho conspiratória para o garoto.

Quando Danny saiu da cozinha, Gavin colocou o copo de conhaque na frente de Dori e voltou a se sentar ao lado dela.

– Sem discussões. Beba.

– Você gosta de dar ordens, não é? – O que quer que houvesse acontecido entre eles havia desaparecido tão rápido quanto surgira.

Gavin ignorou a censura na voz dela.

– Tenho uma ideia que pode beneficiar a nós dois.

Dori deu um gole no conhaque, que queimou sua garganta e trouxe lágrimas frescas aos seus olhos.

– O que é? – Foi tudo o que conseguiu dizer.

– É óbvio que Danny está levando a sério essa história de ter um novo pai e, para ser sincero, Melissa também gostaria que eu me casasse de novo para que não precisasse mais frequentar o colégio interno. Ela detesta todas as restrições que o colégio impõe.

Dori simpatizava com a garota. Melissa estava em uma idade em que deveria estar testando suas asas, e isso incluía experimentar produtos de maquiagem e usar as roupas da moda.

– Você não está cantarolando a "Marcha nupcial", não é?

Gavin lhe dirigiu um olhar ameaçador e ela não conseguiu conter uma risadinha. Adorava provocar aquele homem insolente.

– Já expliquei que não tenho a menor intenção de me casar novamente. Uma vez já foi o bastante para me curar dessa vontade pelo resto da vida. Mas estou disposto a me comprometer se isso fizer com que Melissa pare de me pressionar.

– E como Danny e eu nos encaixamos nesse quadro?

Gavin pareceu ansioso quando sentou mais na beira da cadeira e se inclinou para a frente.

– Se nós dois começássemos a sair juntos com frequência, Melissa e Danny pensariam que estamos envolvidos um com o outro.

Dori respirou fundo, ainda trêmula. Por mais que detestasse admitir, a ideia era boa. Melissa precisava de uma influência feminina, e tudo o que Danny realmente queria era ter um homem que participasse com ele de coisas de que Dori não poderia participar. Dori percebeu que o filho já estava preocupado com o jogo de futebol entre pais e filhos marcado para o fim daquela temporada. Por anos o avô de Danny havia se oferecido para aquele tipo de evento, mas agora o pai de Dori estava próximo da aposentaria e já não tinha mais preparo físico para um jogo de futebol daquele tipo.

– Poderíamos começar nesse fim de semana. Vamos sair para jantar na sexta-feira à noite. No domingo, posso levar Danny ao jogo dos Seahawks, se você levar Melissa ao shopping. – Gavin abriu um sorriso sedutor.

Dori desconfiou que aquele era o mesmo sorriso que ele costumava usar com as garotinhas tolas que eventualmente cruzavam seu caminho. Ela mordeu o lábio inferior e se recusou a entrar no jogo de Gavin. Não era estúpida. Ele estava disposto a comprometer a sexta-feira e o domingo, mas queria a noite de sábado livre. Por que não? Dori não se importava com o que ele fazia ou deixava de fazer. Desde que não a embaraçasse na frente de Danny e de Melissa.

– E então? – Gavin já não parecia tão confiante, e isso deixou Dori satisfeita. Não havia por que ele achar que ela aceitaria seus planos com tanta facilidade.

– Acho que talvez você tenha esbarrado em uma ideia razoável.

Ele voltou a sorrir.

– O que, traduzindo, significa que você duvida que eu seja capaz de ter mais do que um pensamento original ocasional.

– Talvez. – Ele fora gentil e prestativo naquela noite. O mínimo que Dori podia fazer era ser um pouco mais condescendente em troca. – Está certo, eu concordo.

– Ótimo. – Um sorriso travesso, não muito diferente dos de Danny, iluminou o rosto dele. – Vejo você na sexta-feira, por volta das 19h.

– Está certo. – Ela se levantou e cruzou as mãos nas costas. – E, Gavin, obrigada por vir até aqui e ajudar essa noite. Estou grata de verdade. Vou telefonar para o jornal amanhã bem cedo para me certificar de que o anúncio não volte a ser publicado, e também entrarei em contato com a companhia telefônica, para que troquem o meu número.

– Você sabe como lidar com qualquer outro telefonema essa noite?

Dori prendeu o nariz com os dedos e imitou a gravação da companhia telefônica.

Um sorriso iluminou os olhos dele.

– Podemos passar bons momentos juntos, Dori. Só não vá se apaixonar por mim.

Então ele estava de volta ao tema.

– Acredite em mim, não há a menor possibilidade que isso aconteça – retrucou ela. – Se quer a verdade, acho que talvez você seja o...

Dori não conseguiu terminar porque subitamente Gavin a puxou para seus braços e a beijou apaixonadamente, fazendo com que ela perdesse o fôlego e o equilíbrio. Ela empurrou o peito dele para conseguir se livrar do ataque inesperado.

– Shhh – sussurrou Gavin, no ouvido dela. – Danny está bem atrás da porta.

– E daí? – Ela ainda não conseguira se soltar do abraço dele.

– Eu não quis que ele a ouvisse. Se vamos convencer essas crianças, temos que fazer essa história parecer verdadeira.

Dori sentiu que ruborizava.

– Tente me avisar da próxima vez.

Gavin a soltou e examinou o rubor no rosto dela.

– Não a machuquei, não é?

– Não – assegurou ela, pensando que a pior coisa de ser ruiva era a cor pálida da pele, que fazia com que o menor sinal de embaraço ficasse mais pronunciado.

– E então, como me saí?

– No quê?

– No beijo. – Ele balançou a cabeça como se esperasse que ela soubesse do que estava falando. – Como avaliaria o beijo?

Agora Dori estava começando a gostar da conversa.

– Em uma escala de um a dez? – Ela fez uma longa pausa, os braços cruzados, o olhar pensativo no teto. Estava na hora de alguém colocar aquele homem excessivamente autoconfiante em seu devido lugar. – Se levarmos em consideração que você é um ex-zagueiro, eu daria nota 5.

Ele torceu os lábios.

– Estava esperando que você fosse um pouco menos cruel.

– E, por tudo o que você disse – continuou ela –, não tenho esperanças de que sua técnica vá melhorar.

– Pode ser – ele riu –, mas eu duvido.

Danny escolheu aquele momento para entrar na cozinha.

– Não estou interrompendo nada, estou?

– Você não se incomoda se eu levar sua mãe para jantar na sexta-feira à noite, não é?

– É mesmo, mamãe?

Dori estaria disposta a dar o dobro da mesada ao filho só para que ele não parecesse tão ansioso.

– Acho que sim – disse ela secamente. Gavin ignorou sua falta de entusiasmo.

– Mas achei que você havia dito que o sr. Parker era um...

– Isso não importa agora – sussurrou ela significativamente, enquanto seu rosto voltava a ficar muito vermelho.

– Eu a verei na sexta-feira, às 19h, então. – Gavin desenrolou as mangas da camisa e voltou a

abotoá-las no pulso.

– Encontro marcado.

Dori raramente vira Danny tão feliz por causa de alguma coisa. Ele não parou de lhe fazer perguntas desde o instante em que ela entrou em casa na sexta-feira, depois do trabalho. Enquanto a mãe o levava para a casa dos avós – que estavam encantados porque o neto ia passar a noite com eles –, Danny quis saber o que ela ia usar, qual perfume, que brincos, que sapatos. Ele lhe deu conselhos e a bombardeou com estatísticas de futebol.

– Danny – disse ela, já irritada. – Não acho que Gavin Parker espera que eu saiba muito sobre futebol americano.

– Mas, mamãe... isso vai deixá-lo impressionado – pediu ele, em uma voz cantada.

– Mas, Danny... – Ela imitou a voz dele.

De volta à sua própria casa, uma Dori exausta se afundou na banheira, então secou-se rapidamente, passou uma maquiagem leve – por que estava caprichando tanto?, ela se perguntou – e se vestiu. Não ficou surpresa por Gavin estar 15 minutos atrasado, nem se sentiu ofendida. O tempo extra foi bem gasto por ela, que passou uma última camada de esmalte rosa-pálido nas unhas.

Gavin parecia apressado e levemente ofegante enquanto subia os degraus da varanda. Dori o viu chegando e abriu a porta da frente tomando cuidado para não borrar o esmalte.

– Olá. – Ela não mencionou o fato de ele estar atrasado.

Gavin deu um sorriso torto.

– Onde está Danny?

– Na casa dos meus pais.

– Ah. – Ele fez uma pausa e passou os dedos pelo cabelo, desarrumando o penteado elegante. – Escute, essa noite não vai ser exatamente como eu havia planejado. Prometi fazer um favor a um amigo. Mas não deve interferir no nosso encontro.

– Está tudo bem – murmurou Dori, passando os braços com cuidado pelas mangas do casaco que Gavin estava segurando para ela. Dori não tinha ideia do que ele tinha em mente, mas, conhecendo Gavin Parker, sabia que não eram rosas e raios de luar.

– Está falando sério? – Ele já estava com as chaves do carro na mão e baixou os olhos, enquanto brincava com elas. – Tive algumas complicações no trabalho e por isso estou um pouco atrasado.

– Não se preocupe com isso, Gavin. Não é como se estivéssemos perdidamente apaixonados. – Ela não conseguiu resistir a um pouco de sarcasmo. Ainda bem que Danny não estava ali para ver o "encontro" da mãe.

Enquanto Dori trancava a porta da frente, Gavin desceu os degraus da varanda e ligou o carro. Ela deixou escapar um suspiro exagerado quando ele se esticou do assento do motorista e abriu a porta do passageiro para ela. Com um sorriso forçado no rosto, Dori se acomodou. Tanto esforço para fingir galanteria e romance...

Ela não teria ficado nada chocada se houvesse outra mulher esperando por ele em algum lugar. O que a surpreendeu foi vê-lo parar o carro em uma lanchonete de fast-food local, ajudá-la a sair do carro e acomodá-la em uma mesa, enquanto perguntava o que ela iria querer comer. Dori escolheu a comida e ele ficou na fila com estudantes e jovens pais para comprar o lanche. Ela não tinha ideia do que Gavin estava aprontando, ou se ele esperava algum tipo de reação da

parte dela à escolha do restaurante, mas não demonstrou nada.

– Eu lhe prometi um jantar – falou ele, entregando-lhe um cheeseburguer, batatas fritas e um milk-shake de chocolate.

– É verdade – respondeu ela, com simpatia.

– Aconteça o que acontecer essa noite, lembre-se de que eu a alimentei.

– Fico grata. – Não pela primeira vez, Dori teve dificuldade em manter o sarcasmo longe de sua voz. Santo Deus, aonde ele iria levá-la?

– A questão é... quando a convidei para jantar, esqueci que tinha um... compromisso anterior.

– Gavin, está tudo bem. Não me importo se me levar de volta para casa... não é nada de mais. Na verdade, se há outra mulher envolvida, isso nos pouparia do embaraço. – Não a ele, mas às duas mulheres.

Gavin comeu o resto do hambúrguer e amassou o papel em que o sanduíche viera embrulhado.

– Não há nenhuma outra mulher! – Ele parecia horrorizado por ela sequer haver sugerido essa possibilidade. – Se não se incomodar de vir comigo, eu não me importo de levá-la. Na verdade, passei o diabo para conseguir um ingresso extra.

– Estou disposta a quase qualquer coisa. – Por um instante, Dori se perguntou em que estaria se metendo, mas saber que havia um ingresso envolvido foi encorajador. Um concerto, talvez? Uma peça?

– É alguma apresentação? – perguntou ela animada.

– Poderíamos dizer que sim – respondeu ele. – Às vezes essas coisas podem terminar bem tarde...

– Não se preocupe, Danny vai passar a noite com meus pais.

– Ótimo. – Ele abriu um sorriso brilhante. – Como Danny diria, para uma garota, você é bem legal.

Ele falou exatamente como o filho dela.

– Fico feliz por você pensar assim.

Depois de jogar o que sobrara do lanche deles no lixo, Gavin acompanhou Dori até o carro e eles saíram do estacionamento. Ele pegou a rodovia em direção a Tacoma. Dori ainda não sabia bem aonde estavam indo, mas não iria dar para trás agora.

Vários outros carros estavam estacionados em uma parte pouco iluminada do centro de Tacoma. Gavin saiu do carro e checou as horas no relógio de pulso. Então se apressou a dar a volta no carro para abrir a porta para Dori. Ele a segurou pelo cotovelo e a guiou na direção de um prédio cinza, quadrado. As luzes da rua eram muito fracas para que Dori conseguisse ler a placa sobre a porta, e Gavin também não lhe deu tempo para isso. Eles obviamente estavam atrasados.

Os dois entraram em um salão grande e logo ouviram gritos e palmas. Enquanto Dori examinava a plateia, o sorriso automático desapareceu dos seus lábios e ela se voltou furiosa para Gavin.

– Eu prometi a um amigo que daria uma olhada em seu mais recente prodígio – explicou ele, observando a reação dela.

– Está querendo me dizer que me trouxe para assistir a lutas de boxe?

CAPÍTULO QUATRO

– E ISSO é um problema? – perguntou Gavin na defensiva, seu olhar desafiando o dela.

Dori não podia acreditar que aquele era o seu "encontro" com o belo e popular Gavin Parker. Ela jamais fora assistir a uma luta de boxe na vida, e jamais tivera vontade de ir. Mas a verdade era que não se interessava muito por esportes em geral – a não ser que fossem os jogos de futebol do filho. Apesar disso, o "Não, acho que não" que respondeu foi dito com certa dose de honestidade. Danny ficaria encantado. Poucas outras coisas poderiam convencer melhor o garoto de 11 anos de que Gavin estava realmente interessado em sua mãe.

Dori seguiu Gavin para dentro do auditório e os dois desceram por um corredor largo. Ela hesitou um pouco quando ele a fez sentar em um assento a poucas fileiras do ringue. Fosse o que fosse que estivesse prestes a acontecer, Dori percebeu que assistiria nos mínimos detalhes.

Ao que parecia, Gavin era um espectador habitual das lutas. Ele apresentou Dori a vários homens cujos nomes passaram tão rapidamente que ela não teve esperanças de conseguir guardar nenhum deles. Quando olhou ao redor, Dori percebeu que havia poucas mulheres na audiência. E sem dúvida o vestido preto e o casaco que ela estava usando eram elegantes demais para a ocasião. Dori se encolheu um pouco no assento enquanto Gavin seguia em uma conversa animada com o homem que estava na fila à frente deles.

– Quer amendoim? – perguntou Gavin, inclinando a cabeça bem perto da dela.

– Não, obrigada. – Dori estava com as mãos pousadas no colo, segurando a bolsa e um programa que recebera na porta e não lera. As pessoas não comiam enquanto assistiam àquele tipo de coisa, não é?

Gavin deu de ombros e se levantou para procurar trocados no bolso. Então se virou para ela.

– Você não está brava, não é?

Dori estava convencida de que era exatamente isso o que ele esperava dela. Talvez fosse mesmo o que ele desejava. A raiva dela seria a prova de que Gavin precisava de que todas as mulheres eram iguais. Baseada em tudo o que ocorrera entre eles, Dori percebeu que Gavin intencionalmente não *queria* gostar dela. Dori suspeitava que qualquer relacionamento real seria perigoso para ele, mesmo se baseado em amizade e respeito mútuo.

– Não. – Ela deu um sorriso forçado, mas animado. – Acho que vai ser bem interessante. – Dori já estava planejando uma vingança sutil. Na próxima vez em que saíssem juntos, ela faria Gavin levá-la para assistir a uma ópera.

– Estarei de volta em um minuto. – Ele deixou o assento e passou por cima dos dois homens que estavam mais perto do corredor.

Sentindo-se completamente deslocada, Dori ficou sentada com os ombros muito esticados contra as costas da cadeira de armar de madeira. Estava se preparando mentalmente para o suplício que a aguardava.

– Então você é Dori. – O homem que estivera conversando com Gavin se voltou para ela.

Eles haviam sido apresentados, mas Dori não conseguia se lembrar do nome do homem.

– Sim. – Ela deu um sorriso tímido enquanto buscava o nome dele na memória.

– Essa é a primeira vez que Gavin traz uma mulher para as lutas.

Dori imaginou que aquilo devia ser um cumprimento.

– Estou honrada.

– Ele andou saindo com aquela loura linda por um tempo. Vários caras ficaram preocupados que Gavin acabasse se casando com ela.

Uma loura! A curiosidade de Dori foi aguçada.

– É mesmo?

Gavin não mencionara loura alguma. Se estivesse saindo com alguém regularmente, isso arruinaria o acordo deles. Gavin a levara para assistir à luta de sexta-feira à noite, enquanto provavelmente saia às escondidas para jantar e tomar vinho com essa loura. Fantástico...

– Sim – continuou o homem sem nome. – Ele estava saindo regularmente com ela. Por algum tempo, nem veio às lutas.

Obviamente Gavin e a mulher loura vinham tendo um relacionamento sério.

– Ela devia ser mesmo importante para que Gavin não viesse às lutas. – Dori deu um sorriso encorajador, torcendo para que o homem continuasse a falar.

– Entenda, ele não vem toda semana.

Dori assentiu, fingindo que sabia.

– Na verdade, durante a temporada de futebol americano, temos sorte se o vemos uma vez por mês.

Dori estava começando a se perguntar quanto ela tinha "sorte". O homem sorriu e desviou o olhar para o corredor. Dori seguiu o olhar dele e viu Gavin descendo o corredor lotado, carregando um enorme saco de amendoins.

Assim que ele se sentou, Dori se serviu distraidamente de um punhado.

– Achei que você havia dito que não queria nada – falou Gavin, passando-lhe o saco.

– Não quero – murmurou ela, abrindo um amendoim com os dentes.

– Então por que pegou um punhado deles assim que me sentei?

– Eu fiz isso? – Quando estava agitada ou aborrecida, a primeira coisa que Dori costumava fazer era procurar alguma coisa para comer. – Desculpe – disse ela, devolvendo o saco de amendoins para Gavin. – Não percebi o que estava fazendo.

– Está aborrecida com alguma coisa? – perguntou Gavin. Os olhos dele estavam sérios, como se estivesse esperando uma discussão.

Dori detestava ser tão transparente. Ela pensara que, talvez, em algum momento durante a noite, pudesse levantar casualmente o assunto da ligação dele com aquela... aquela outra mulher que estava colocando em risco o acordo experimental deles.

– Não há nada me aborrecendo – respondeu ela. – Não de verdade.

Os olhos cintilantes de Gavin pareciam zombar dela.

– É só que o seu amigo... – ela gesticulou com a mão na direção da fileira da frente – estava dizendo que você estava saindo com uma loura e...

– E você logo tirou suas conclusões?

– Sim, bem... isso não estava no nosso acordo. – O que mais irritava Dori era o fato de ela se

importar se Gavin estava saindo com outra mulher. Não tinha o direito de sentir nada por ele... ao menos até onde dizia respeito ao acordo dos dois. Mas, se Danny ouvisse sobre aquela outra mulher, ela, Dori, talvez caísse no conceito do filho, disse a si mesma. Talvez Danny chegasse à conclusão de que Gavin não estava interessado na mãe e retomasse a procura por um candidato a pai e marido.

– Bem, você não precisa se preocupar. Não estou mais saindo com ela.

– Qual foi o problema? – Dori provocou em um sussurro. – Ela teve o azar de sentir o perfume de flores de laranjeira?

– Não. – Ele cerrou os lábios e pegou um amendoim, quebrando-o com força entre os dentes, como se estivesse se vingando. – Toda vez que ela abria a boca, seu cérebro ficava um pouco menor.

Dori conseguiu disfarçar um sorriso.

– Achei que esse era o melhor tipo de namorada. – *Para alguém como você*, ela acrescentou mentalmente.

– Estou começando a ter a mesma impressão – retrucou ele secamente, o olhar inescrutável.

Com uma sensação crescente de triunfo, Dori relaxou e não disse mais nada.

Logo aplausos e assovios altos irromperam da plateia quando os jovens boxeadores chegaram ao ringue com sua enorme equipe de técnicos e assistentes.

O apresentador esperou até que os dois homens passassem pelas cordas e se posicionassem em seus cantos. Dori relanceou o olhar para o programa da noite e viu que aqueles dois eram da categoria peso leve.

O apresentador puxou um microfone que pareceu surgir do nada e gritou:

– Senhoras e senhores, sejam bem-vindos às lutas de sexta-feira à noite de Tacoma. Usando calção branco e pesando impressionantes 59kg está Boom Boom Bronson.

O som ecoou pelo auditório, seguido de mais aplausos e assovios. Boom Boom saltitou no meio do ringue e socou o ar algumas vezes, para delírio da plateia, antes de voltar ao seu canto. Mesmo quando ele estava na posição de espera, com as mãos apoiadas nas cordas, os pés de Boom Boom pareciam se recusar a ficar parados.

Então o outro lutador, Tucker Wallace, foi apresentado. Tucker também saltitou um pouco no meio do ringue, sempre socando o ar. A multidão foi à loucura. O homem sentado ao lado de Dori ficou de pé, colocou os dois dedos na boca e deixou escapar um assobio estridente. Dori pegou outro punhado de amendoins.

Os dois lutadores falaram rapidamente com o apresentador e um com o outro, antes de voltar para seus respectivos cantos. As equipes de apoio se reuniram novamente ao redor de cada um deles. Provavelmente para decidir uma estratégia, imaginou Dori.

A campainha tocou e os dois homens saíram de seus cantos, gingando. Dori piscou duas vezes, surpresa com a agressividade entre eles. Podiam ser da categoria peso leve, mas os músculos proeminentes deixavam claro que a estatura de ambos não tinha nada a ver com sua força ou com sua determinação.

Quando o primeiro round terminou, Gavin estava na beira do seu assento. A campainha trouxe um silêncio agitado ao auditório.

Dori não sabia quase nada sobre boxe. Odiava lutas, mas a competição entre Boom Boom e

Tucker lhe pareceu exagerada e, de certo modo, teatral. Apesar de detestar violência, ela se pegou torcendo por Boom Boom. Quando ele foi ao chão graças a um poderoso cruzado de direita de Tucker, ela ficou de pé para ver se estava machucado.

– Oh, Deus... – choramingou Dori, cobrindo a testa com a mão, enquanto voltava a afundar no assento. – Ele está sangrando.

Gavin estava olhando para ela, os olhos escuros e atraentes examinando o rosto ruborizado e animado dela, como se não conseguisse acreditar no que estava vendo.

– Algum problema? – Dori tomou coragem e o encarou de volta, sentindo um arrepio sensual na pele. – Estou torcendo muito alto? – Ela acabara tão envolvida com o que estava acontecendo entre os dois lutadores que talvez o houvesse constrangido com seu entusiasmo.

– Não – murmurou ele, balançando a cabeça. – Acho que estou surpreso por você estar gostando.

– Bem, para ser honesta – admitiu ela –, não achei que iria gostar. Mas esses caras são bons.

– Sim. – Gavin lhe deu um sorriso deslumbrante. – São mesmo.

A adrenalina disparou pelo corpo de Dori quando Boom Boom reagiu e venceu a luta em uma decisão unânime. Ao fim de três lutas, a noite terminou e Gavin a ajudou a vestir o casaco. Do lado de fora o tempo estava frio e chuvoso, e Dori tremia enquanto os dois caminhavam até o carro.

Assim que se acomodaram, Gavin ligou o aquecedor.

– Você vai esquentar em um instante.

Dori enfiou as mãos nuas bem fundo nos bolsos.

– Se esfriar mais, é provável que acabe nevando.

– Não vai nevar – declarou Gavin confiante. – Estava quente no auditório, só isso. – Ele colocou o cinto de segurança. Dori desviou o olhar para checar o fluxo pesado de carros saindo. Eles ainda teriam que esperar algum tempo até conseguir deixar o estacionamento, mas não havia pressa. Embora relutasse em admitir, ela gostara da noite. A última coisa que esperara fora ser levada para assistir a lutas de boxe, mas estava aprendendo rapidamente que Gavin era um homem de surpresas.

– Aqui – disse Gavin, inclinando-se por cima dela. – O cinto. – Antes que Dori pudesse tirar a mão do bolso para alcançar o cinto de segurança, Gavin já o estava puxando por cima da cintura dela. Ele hesitou por um instante, os olhos de ambos se encontrando. Suas bocas estavam próximas, muito próximas. Dori engoliu em seco. O coração dela pareceu falhar uma batida, então disparou no peito. Ela encarou Gavin, mal conseguindo acreditar no que via nos olhos dele, ou nas emoções que enchiam seu próprio peito. Uma estranha e inexplicável sensação a dominou. Naquele momento, era como se ela e Gavin fossem bons amigos, duas pessoas que gostavam da companhia um do outro. Ela gostava dele, respeitava-o, gostava de estar com ele.

Quando Gavin abaixou a cabeça, Dori sabia que ele iria beijá-la, mas em vez de se afastar ela o encontrou no meio do caminho, chocada com a imensa vontade que sentia de que ele fizesse exatamente o que estava fazendo. A boca de Gavin se encaixou com facilidade e perícia sobre a dela, em uma carícia terna, sem exigências. Com uma das mãos, ele afastou o cabelo dela da testa enquanto levava a boca agora à testa de Dori, em uma carícia.

– Está mais aquecida? – perguntou ele, em um murmúrio rouco.

O corpo dela foi dominado por uma onda de calor inesperada, seu sangue pulsando

vigorosamente nas veias. Incapaz de articular uma palavra sequer, Dori assentiu.

– Ótimo. – Ele prendeu o cinto dela no lugar com extrema calma e checou o espelho retrovisor antes de sair com o carro.

Dori agradeceu silenciosamente a Deus pela escuridão da noite. O rosto dela queimava diante de sua própria imprudência. Gavin a beijara e ela deixara. Pior, gostara. Tanto que lamentara quando ele se afastara.

– Vou lhe dar um 6... talvez 7 – provocou Dori, se esforçando para disfarçar o efeito que Gavin exercia sobre ela.

– O quê?

– O beijo – retrucou ela friamente, mas havia uma certa vulnerabilidade na resposta brincalhona. O maior medo de Dori era que Gavin pudesse estar se divertindo secretamente com o ardor da reação dela.

– Fico feliz em saber que estou melhorando. Pelo que me lembro, da última vez recebi um mero 5. – Ele se juntou ao tráfego que levava à rodovia principal, parou em um sinal e riu. – Um 7 – repetiu Gavin. – Eu teria dado um 8.

– Talvez... – Dori relaxou e sentiu uma risada prestes a escapar. – Não, definitivamente foi um 7.

– Você é uma mulher difícil, Dori Robertson.

Ela não conseguiu mais sufocar a risada.

– Foi o que me disseram.

Em vez de pegar a rodovia como Dori esperava, Gavin deu várias voltas para pegar um caminho que levava à beira-mar.

– Aonde estamos indo?

– Comer alguma coisa. Achei que você poderia estar com fome.

Dori precisou parar para pensar antes de decidir que sim, provavelmente conseguiria comer alguma coisa.

– Só uma coisinha.

– Sim? – Gavin afastou os olhos do caminho por um instante.

– Não quero outro hambúrguer. É só o que Danny quer comer quando saio com ele.

– Não se preocupe, tenho outra coisa em mente.

A "outra coisa" de Gavin era o The Lobster Shop, um elegante restaurante especializado em lagostas, com vista para a baía de Tacoma. Dori já ouvira falar muito do lugar, mas nunca estivera lá. Era o tipo de restaurante para o qual era preciso fazer reservas com dias de antecedência.

– Você estava planejando isso o tempo todo – disse Dori, quando Gavin entrou no estacionamento em frente ao restaurante. Ela examinou o rosto forte, largo e o cabelo escuro e cheio com fios grisalhos nas têmporas.

– Achei que teria que recompensá-la depois de levá-la para assistir às lutas.

– Eu me diverti.

A risada baixa dele encheu o carro.

– Eu sei. Você realmente me surpreendeu, principalmente quando ficou de pé de um pulo e beijou Boom Boom.

– É tão diferente de assistir pela televisão... E eu joguei um beijo para ele – retrucou ela, em

um tom indignado. – Isso é inteiramente diferente de ficar de pé de um pulo e beijá-lo. Fiquei feliz porque ele ganhou a luta, só isso.

– Eu vi... Mas, da próxima vez em que sentir vontade de beijar um atleta, pode querer tentar comigo.

– Você deve estar brincando! – Ela levou a mão ao coração e fingiu um olhar de choque. – E se você me der notas?

Gavin ainda estava rindo quando saiu do carro e deu a volta até o lado dela. E havia um brilho de admiração em seu olhar quando entrou com ela no restaurante.

A comida era tão boa quanto Dori imaginara. Os dois comeram lagosta e tomaram um excelente vinho branco. Depois da refeição, ficaram sentados, conversando e tomando café.

– Para ser sincera – disse Dori, com os olhos perdidos no fundo da xícara de café –, eu não tinha muita esperança nesse nosso "encontro".

– Não? – Um sorriso zombeteiro se insinuou nos cantos da boca de Gavin.

– Mas, para meu imenso espanto, me diverti. A melhor coisa da noite foi não ter que me preocupar em assumir um compromisso de verdade, ou em analisar o nosso relacionamento. Assim, nós pudemos simplesmente aproveitar o tempo que passamos juntos. Ambos sabemos em que pé estamos e isso é confortável. Gosto da sensação.

– Eu também gosto – concordou Gavin, terminando de tomar o café. Ele sorriu distraído para a garçonete enquanto pagava a conta.

Dori sabia que eles deviam pensar em partir, mas sentia-se satisfeita e surpreendentemente à vontade. Quando outra garçonete voltou a encher suas xícaras de café, nenhum dos dois fez objeção.

– Há quanto tempo você é viúva? – perguntou Gavin.

– Há cinco anos. – Dori curvou os dedos ao redor da xícara e abaixou os olhos. – Mesmo depois de todo esse tempo, ainda tenho dificuldade em aceitar que Brad se foi. Parece tão... irreal. Talvez, se ele houvesse ficado doente por muito tempo, fosse mais fácil de aceitar. Mas aconteceu tão rápido. Ele saiu para trabalhar em uma manhã e na manhã seguinte estava morto. Um ano depois eu ainda estava me recuperando do choque. Já revivi aquele dia milhares de vezes. Se eu soubesse que aquela seria a nossa última manhã juntos, teria tantas coisas para dizer a ele. Do jeito como aconteceu, não tive sequer a oportunidade de agradecer a Brad pelos anos maravilhosos que tivemos juntos.

– O que aconteceu? – Gavin pegou a mão dela. – Escute, se for muito doloroso, podemos deixar o assunto de lado.

– Não – sussurrou Dori, e sorriu para tranquilizá-lo. – É natural sentir curiosidade. Foi um acidente insano. Até hoje não sei exatamente o que aconteceu. Brad era pedreiro e estava trabalhando em um projeto no centro da cidade. O andaime cedeu e meia tonelada de tijolos caiu sobre ele. Brad já estava morto quando conseguiram tirá-lo de sob nos tijolos. – Ela engoliu para tentar aliviar o aperto na garganta. – Eu estava grávida de três meses de nosso segundo filho. Havíamos planejado a gravidez com todo cuidado, economizando para que eu pudesse deixar meu emprego. Tudo pareceu vir abaixo de uma vez. Uma semana depois do funeral de Brad, eu perdi o bebê.

Os dedos de Gavin apertaram os dela com mais força.

– Você é uma mulher forte por ter sobrevivido a esses anos.

Dori sentiu os músculos da garganta mais apertados e assentiu com tristeza.

– Não tive escolha. Havia Danny e o mundo dele havia virado de cabeça para baixo assim como o meu. Nós nos agarramos um ao outro e depois de algum tempo acabamos conseguindo juntar as peças de nossas vidas. Não estou dizendo que foi fácil, mas não havia escolha. Estamos vivos e não poderíamos nos enterrar com Brad.

– Quando Danny pediu um novo pai, você deve ter ficado desconcertada.

– Sem dúvida eu não esperava. – Os olhos dela cintilaram em uma risada silenciosa. – O garoto às vezes tem as ideias mais loucas.

– Como o anúncio nos classificados, você quer dizer?

Dori gemeu.

– Aquele deve ter sido o momento mais embaraçoso da minha vida. Você nunca vai saber como lhe sou grata por ter assumido a frente da situação como fez.

– Se conseguir convencer Melissa a comprar um vestido, ficarei em dívida com você para sempre.

– Considere feito.

Estranhamente, a resposta dela não pareceu agradá-lo. Gavin tomou o resto do café, então afastou a cadeira e se levantou.

– Vocês, mulheres, têm maneiras de conseguir exatamente o que querem, não é mesmo?

Dori reprimiu uma resposta irritada. Não estava entendendo a reação dele, não fizera nada para merecer aquele ataque. Mas tudo bem, que Gavin agisse como quisesse. Ela não se importava.

Quando abriu a porta do carro para ela, Gavin hesitou.

– Não tinha a intenção de atacá-la daquele jeito. Peço desculpas.

Um pedido de desculpas! De Gavin Parker! Dori o encarou.

– Desculpas aceitas – murmurou ela, disfarçando a surpresa enquanto se concentrava em entrar no carro.

Na viagem de volta a Seattle, Dori descansou a cabeça contra o assento e fechou os olhos. Aquela fora uma semana difícil e ela estava cansada. Quando Gavin parou diante da casa dela, Dori endireitou o corpo e tentou disfarçar um bocejo.

– Obrigada, Gavin. Eu me diverti muito. De verdade.

– Obrigado *eu*. – Ele não desligou o motor quando deu a volta até o lado dela do carro. Dori sentiu uma mistura estranha de alívio e tristeza. Havia brincado com a ideia de convidá-lo para um último drinque, ou para uma última xícara de café. Mas, conhecendo Gavin, ele provavelmente presumiria que o convite tinha outras intenções. De qualquer modo, ele deixara o motor ligado, portanto estava pronto para seguir seu caminho. Dori descobriu que estava desapontada porque o tempo que passaram juntos estava chegando ao fim.

Com a mão sob o cotovelo dela, Gavin a acompanhou até a varanda da frente. Dori buscava as chaves na bolsa, enquanto se perguntava se deveria dizer mais alguma coisa. Ela notara que ele perguntara sobre Brad, mas não dera nenhuma informação sobre a ex-esposa. Dori estava cheia de perguntas que não queria fazer.

Ela hesitou, a chave na mão.

– Obrigada, mais uma vez. – Dori não achou que Gavin fosse beijá-la, mas não faria objeções

se ele tentasse. O beijo que haviam trocado mais cedo havia sido agradável... mais do que agradável... empolgante, excitante. Ela ainda podia sentir o gosto da boca dele na sua. Ah, não! Por que estava se sentindo daquele jeito? A mente de Dori girava. Provavelmente era o vinho que havia causado aquela sensação de cabeça leve, ela decidiu, nervosa. Não poderia ter sido o beijo. Nem Gavin Parker. Ah, por favor, que não fosse por causa de Gavin Parker!

Ele estava parado tão próximo que tudo o que Dori precisava fazer era oscilar levemente, e estaria em seus braços. Teimosa, ela permaneceu rígida, exatamente onde estava. Gavin traçou a linha delicada do queixo dela com os dedos e os olhos de ambos se encontraram sob a luz suave da varanda. Dori deu um sorriso fraco e trêmulo quando percebeu que ele *queria* beijá-la, mas não faria isso. Era quase como se Gavin a estivesse desafiando a fazer o primeiro movimento... para que pudesse culpá-la por provocá-lo.

Dori abaixou os olhos. Não jogaria o jogo dele.

– Boa noite – disse ela baixinho.

– Boa noite, Dori. – Mas nenhum dos dois se moveu. – Passarei para pegar Danny por volta do meio-dia, no domingo – acrescentou ele.

– Está bem. – A voz dela era baixa e ligeiramente ofegante. – Ele estará pronto. – Conhecendo Danny, ele já estava pronto. O sorriso trêmulo dela se alargou ao pensar no filho.

– Trarei Melissa na mesma hora – murmurou Gavin, e o olhar dele foi da chave na mão de Dori ao rosto que ela erguia para ele.

– Ótimo.

Ele recuou um passo.

– Até domingo, então.

– Domingo – repetiu ela, virando-se determinada e enfiando a chave na porta. Quando a porta estava aberta, Dori olhou para ele por cima do ombro. – Boa noite, Gavin.

– Boa noite. – A voz dele era suave e profunda. Dori reconheceu a mensagem em seus olhos, e seu coração respondeu, enquanto seus nervos gritavam em advertência. Ela se apressou, então, entrou em casa e fechou a porta. Gavin não a beijara, mas o olhar que lhe dera quando descia os degraus da varanda fora mais poderoso do que um mero beijo.

NA MANHÃ seguinte, a porta da frente bateu e Danny entrou em disparada em casa.

– Mamãe! Como foi o encontro? O sr. Parker lhe fez alguma pergunta sobre futebol? Ele tentou lhe dar um beijo de boa-noite? E você deixou?

Dori estava sentada diante da mesa da cozinha, vestindo um antigo roupão de banho com a bainha desfeita; seus pés descansavam na cadeira oposta. Ela ergueu os olhos do jornal e estendeu os braços para receber um abraço do filho.

– Onde está sua avó?

– Vovó tinha uma reunião com o clube de jardinagem. Ela quer que eu conte a ela mais tarde tudo o que você me contar. – Ele puxou uma cadeira e sentou-se de frente para o encosto, como um cowboy montando um cavalo indomado. – Então, como foi?

– Tudo bem.

Danny inclinou a cabeça para um lado.

– Só "bem"? Não aconteceu *nada*? – O desapontamento deixou o tom de voz dele dramático.

– O que você achava que nós iríamos fazer? – Dori deu um sorriso divertido e seus olhos cintilaram. – Meu amor, foi só um encontro. Nosso primeiro encontro, na verdade. Essas coisas levam tempo.

– Mas quanto tempo? – Ele quis saber. – Achei que já teria um novo pai no Natal e logo, logo chegará o Dia de Ação de Graças.

Dori colocou o jornal de lado.

– Danny, me escute. Estamos lidando com um assunto muito importante. Você se lembra de quando compramos sua bicicleta? Nós fomos a várias lojas até conseguirmos o melhor preço possível. Precisamos ser ainda mais cuidadosos com a escolha de um novo pai para você.

– Sim, mas também me lembro de que nós acabamos voltando para comprar a minha bicicleta na primeira loja em que entramos. Mãe, o sr. Parker será um pai perfeito. – Ele abraçou as costas da cadeira. – Gosto muito dele.

– Também gosto dele – admitiu Dori –, mas isso não significa que estamos prontos para nos casar. Entende?

Danny fez uma cara desanimada e curvou os ombros.

– Aposto que você estava bonita na noite passada.

– Obrigada.

– O sr. Parker percebeu como você estava bonita?

Dori teve que parar para pensar a respeito. Para ser honesta, ela não tinha certeza se Gavin era o tipo de homem que se deixava impressionar por um vestido novo, ou pelo fato de ela estar usando um perfume caro.

– Quer saber o que fizemos?

– Quero! – O ânimo de Danny melhorou no mesmo instante e ele nem percebeu que a mãe não respondera sua pergunta.

– Primeiro comemos hambúrgueres e fritas.

– Uau!

Dori sabia que aquilo impressionaria o filho.

– Mas essa não foi a melhor parte. Depois fomos assistir às lutas de boxe em Tacoma.

Os olhos do menino se arregalaram, empolgados.

– Se pegar a minha bolsa para mim, eu lhe mostrarei o programa.

Ele foi correndo até a sala e pegou a bolsa de Dori.

– Mamãe... – Danny hesitou antes de passar a bolsa para ela, enquanto olhava fixamente para os pés da mãe. – Você não deixou o sr. Parker saber que às vezes dorme de meias, não é?

Dori sentiu uma onda de frustração crescendo dentro dela.

– Não – respondeu, mantendo os olhos fixos na bolsa, enquanto pegava o programa. – Não falamos desse assunto.

– Ótimo. – O alívio na voz dele era evidente.

– Gavin quer que você esteja pronto amanhã ao meio-dia. Ele vai levá-lo ao jogo dos Seahawks.

– É mesmo? – Os olhos de Danny se arregalaram ainda mais. – Uau! Nós vamos falar com os jogadores?

– Não sei, mas não peça a ele, está bem? Não seria educado.

– Não vou pedir, mamãe. Prometo.

DANNY ESTAVA vestido e pronto para o jogo horas antes de Gavin chegar no domingo de manhã. Ele ficou parado esperando, diante da janela da sala, inquieto e ansioso. Mas, no instante em que avistou o carro, Danny disparou pela porta da frente, descendo correndo os degraus da varanda.

Dori o seguiu e ficou parada na varanda, os braços passados ao redor do corpo para se proteger do frio do início de novembro. Ela viu quando Melissa e Gavin desceram do carro, então sorriu para o modo como Danny e Melissa se cumprimentaram. Como heróis conquistadores em um campo de batalhas, eles correram para o meio do gramado, então pularam e bateram nas mãos esticadas um do outro, em pleno ar, em um gesto de triunfo.

– O que há com esses dois? – perguntou Gavin, indo até onde estava Dori.

– Acho que estão felizes com o nosso... você sabe, com nosso acordo.

– Ah, sim. – Ele franziu o cenho, olhou irritado para ela e entrou na casa.

O humor de Dori sofreu um abalo, mas ela se virou e o seguiu para dentro.

– Escute, se essa saída com Danny hoje for inconveniente para você, podemos transferir para outra semana. – Ela teria que encontrar um modo de apaziguar Danny. A última coisa que queria era que Gavin visse o combinado de passar algum tempo com o filho dela como uma obrigação desagradável. Se fosse preciso, ela poderia muito bem levar Danny e Melissa ao cinema, caso Gavin preferisse assim. Dori estava prestes a fazer essa sugestão, quando Danny e Melissa entraram em casa.

– Oi, sr. Parker – cumprimentou o garoto animado. – Puxa, estou muito animado porque vai me levar ao jogo. É a coisa mais legal que eu já fiz.

A expressão séria de Gavin relaxou.

– Oi, Danny.

– A mamãe preparou um lanche para levarmos.

– Foi gentil da parte da sua mãe. – O olhar de Gavin se desviou brevemente para Dori. Embora ele desse um sorriso rápido, ela não se deixou enganar. Alguma coisa o estava incomodando.

– Sim, ela é uma excelente cozinheira. Aposto que deve ser uma das melhores cozinheiras do mundo.

– Danny – alertou Dori em voz baixa, dando um olhar de advertência ao filho.

– Quer um cookie com gotas de chocolate? – Danny voltou sua atenção para Melissa. – Mamãe fez ontem.

– Claro. – A filha de Gavin acompanhou Danny à cozinha.

Dori se virou para Gavin.

– Entenda, você não precisa fazer isso. Vou levar Danny e Melissa ao cinema ou alguma outra coisa. Você parece arrasado.

– Estou mesmo. – Ele enfiou as mãos nos bolsos e caminhou até o outro lado da sala.

– Qual é o problema?

– Mulheres.

Dori reconheceu o murmúrio baixo que vinha da cozinha como a voz de Melissa falando sem parar, com grande urgência. O problema sem dúvida envolvia a filha de Gavin.

– No plural? – Dori não escondeu um sorriso compreensivo quando olhou na direção das crianças.

– Esses são os melhores cookies que já comi na vida! – cantarolou Melissa, da cozinha.

Dori balançou a cabeça e deixou escapar uma risadinha.

– Esses dois não poderiam ser mais óbvios nem se quisessem.

– Não, acho que não. – Gavin desviou o olhar e voltou a franzir o cenho. – Melissa e eu tivemos uma discussão na noite passada. Ela não está falando comigo desde então. Ficaria grato se pudesse acalmar as coisas para mim.

– Claro, ficarei feliz em tentar.

Gavin caiu em um silêncio pensativo, então se adiantou e acariciou o pelo do leão de pelúcia que ganhara para Dori no parque de diversões.

– Não vai me perguntar por que brigamos?

– Eu já sei.

Gavin endireitou o corpo e seus olhos escuros se iluminaram em uma expressão especulativa e divertida.

– É mesmo?

– Sim.

– Está certo, sra. Sabe-Tudo, me diga, então.

Dori atravessou a sala e parou a poucos centímetros dele.

– Na próxima vez em que sair com outra mulher, talvez deva ser um pouco mais discreto. – Ela ergueu lentamente um longo fio de cabelo louro que estava preso ao ombro dele.

CAPÍTULO CINCO

– NÃO FOI culpa minha – declarou Gavin, achando-se cheio de razão. – Lainey apareceu em casa sem ser convidada, na noite passada.

Dori ergueu as sobrancelhas expressivamente. Era bem típico de um homem culpar a mulher. As coisas sempre haviam sido assim, desde o começo dos tempos. Começara no Jardim do Éden, quando Adão culpara Eva por levá-lo a comer o fruto proibido, pensou Dori, e continuava a acontecer.

– Ela pode não ter sido convidada, mas aparentemente foi bem-vinda – murmurou Dori, fazendo o possível para esconder um sorriso.

Gavin esfregou a nuca, inquieto.

– Não comece você também. – A resposta irritada pairou no ar.

– Eu?! – Foi tudo o que ela conseguiu dizer sem cair na gargalhada.

– Sem dúvida estou condenado a também ouvir um sermão seu de 15 minutos.

Fingindo indiferença, Dori foi até o outro lado da sala e se sentou no braço do sofá. Então cruzou as pernas graciosamente.

– Não seria justo da minha parte lhe fazer um sermão. Além do mais, tenho uma boa ideia do que aconteceu.

– Tem mesmo? – Gavin a encarou com uma expressão especulativa.

– Claro. Essa bela loura aparece... – Dori fez uma pausa para coçar o queixo, como se estivesse imersa em pensamentos. – Provavelmente com dois ingressos para alguma coisa que ela sabia que você adoraria assistir.

– Sem ingressos, mas... – Gavin se interrompeu de repente. – Está bem, você está certa, mas foi apenas uma hora e Melissa agiu como se eu houvesse cometido adultério ou coisa pior. – Ele voltou a ficar na defensiva. Então andou até onde ficava a TV, se virou de novo para Dori e perguntou: – Você também está zangada comigo?

– Não. – Na verdade, ela estava achando aquilo tudo divertido.

Gavin deixou escapar o ar e pareceu visivelmente aliviado.

– Ótimo. Juro que esse acordo é quase tão ruim quanto estar casado.

– Mesmo que eu estivesse aborrecida, Melissa já o repreendeu com mais determinação do que eu jamais seria capaz.

Um sorriso começou a aparecer nos olhos de Gavin e nos cantos de sua boca.

– Aquela garota puxou mais à mãe do que eu havia percebido.

– Só uma coisa, Gavin.

– Sim? – O olhar dele encontrou o dela.

– Essa Lainey é a mesma que o cérebro encolhe quando fala?

– Sim, é ela.

– Então você saiu novamente com ela embora tenha alegado que não estavam mais juntos? – Dori queria provar a Gavin que ele não era tão determinado como queria que ela acreditasse.

Gavin continuou encarando-a calmamente.

– Isso mesmo.

– E o que isso o torna? – Dori detestava admitir, mas estava se divertindo muito com aquela situação.

Os olhos dele estavam presos aos dela.

– Sabia que você me daria o troco de alguma forma.

Dori pestanejou maliciosamente e abriu seu sorriso mais cintilante. Era óbvio que Gavin estava mais irritado consigo mesmo do que com qualquer outra pessoa e que não gostava de ter sucumbido ao charme dessa loura. E, para ser honesta, Dori também não estava exatamente satisfeita, embora preferisse engasgar a deixar que ele soubesse.

– Não se preocupe, está tudo perdoado – falou ela, com um tom de mártir. – Serei generosa e farei vista grossa para os seus pecados. É fácil, já que eu mesma tenho alguns.

– Não pedi seu perdão – retrucou ele secamente.

– Não se preocupe, eu o poupei desse aborrecimento.

Um sorriso mal disfarçado cruzou o rosto dele.

– Não me lembro de Melissa já ter ficado tão furiosa.

– Não se preocupe, vou conversar com ela.

– O que vai dizer?

Não pela primeira vez, Dori percebeu como a voz dele era ressonante. Ela deu de ombros e olhou pela janela.

– Ainda não sei, mas vou pensar em alguma coisa – assegurou ela.

– Sei o que poderia ajudar.

– O quê? – Dori ergueu os olhos para ele.

Gavin foi até onde ela estava e relanceou o olhar para a cozinha.

– Danny, está pronto para irmos? – Antes que o menino tivesse a chance de responder, Gavin puxou Dori para que ela ficasse de pé e envolveu-a em seus braços com tanta força que a forma de seu corpo ficou marcada no dela.

– Estou pronto, sr. Parker – disse Danny, entrando correndo na sala com Melissa vindo preguiçosamente atrás. Antes que Dori pudesse dizer alguma coisa, sentiu a boca cálida de Gavin sobre a sua, movendo-se sensualmente sobre seus lábios, roubando seus pensamentos. Ela passou os braços instintivamente pelo pescoço dele, enquanto o beijo intenso afastava qualquer objeção que pudesse fazer.

– Gavin! – A palavra vibrou no fundo da garganta dela. De algum modo, Dori conseguiu se afastar e empurrar o peito dele. Ela também estava muito surpresa para dizer mais do que o nome de Gavin. O beijo fora tão inesperado, e tão bom, que Dori só conseguiu ficar encarando-o com os olhos arregalados e perturbados.

– Danny e eu devemos estar de volta perto das 17h. Se você quiser, podemos sair todos para jantar depois.

Ainda muda, Dori apenas assentiu. Se ele perguntasse se ela queria atravessar o estreito de Puget nua, a nado, teria concordado. Sua mente estava confusa; seus sentidos, entorpecidos.

– Ótimo. – Gavin colou a boca na curva do pescoço dela, que arregalou ainda mais os olhos de

choque. Quando Gavin a soltou, Dori viu de relance Danny e Melissa sorrindo orgulhosamente um para o outro. Dori teve que reprimir um gemido de raiva.

– Vejo vocês às 17h. – Com a testa franzida em uma expressão pensativa, Gavin correu o indicador pela lateral do rosto de Dori.

– Tchau, mãe – interrompeu Danny.

– Tchau. – Dori balançou a cabeça para clarear os pensamentos enevoados e para acalmar suas reações. – Divirtam-se.

– Vamos nos divertir – prometeu Gavin. Ele hesitou, observando a filha com cautela. – Comporte-se, Melissa.

O sorriso brilhante que a menina dirigiu ao pai forçou Dori e Gavin a disfarçarem uma risadinha.

– Está certo, papai, até mais tarde.

Os olhos surpresos de Gavin procuraram os de Dori e ele piscou para ela (os pais também têm suas próprias formas de manipulação). Mais uma vez Dori teve dificuldade em disfarçar o riso.

A porta da frente se fechou e Melissa se jogou no sofá, de braços cruzados.

– Papai lhe contou sobre *ela*, não foi?

– Ele mencionou Lainey, se é a isso que está se referindo.

– E você não está zangada? – A garota se inclinou para a frente e apoiou o queixo nas mãos, enquanto os braços se apoiavam nos joelhos. – Achei que ficaria furiosa. Eu fiquei. Até eu pude ver que ela é uma farsa. A srta. Loura de Farmácia foi tão falsa na noite passada que quase vomitei.

Dori se sentou ao lado de Melissa e assumiu a mesma pose que a garota, com os cotovelos apoiados nos joelhos.

– Seu pai não precisa que nenhuma de nós duas fique zangada com ele.

– Mas... – Melissa se virou para encarar Dori, a testa lisa agora franzida em uma expressão confusa. – Acho que nós duas deveríamos ficar furiosas. Ele não deveria ter saído com ela. Não quando está namorando você.

Dori passou o braço ao redor dos ombros da menina e buscou as palavras certas. Tentar explicar as ações de Gavin poderia colocá-la em uma encrenca.

– Seu pai estava mais zangado consigo mesmo do que qualquer uma de nós duas poderia ficar. Vamos mostrar a ele que podemos perdoar suas fraquezas e... amá-lo apesar delas. – Dori soube no mesmo instante que usara a palavra errada.

– Você ama o papai?

Dori estremeceu.

– Bem, isso talvez seja um pouco forte demais.

– Acho que ele está se apaixonando por você – disse Melissa entusiasmada. – Ele nunca fala de você, e esse é um sinal claro.

Dori não se deixou convencer. Se ele não falava sobre ela era porque não estava pensando nela... e não havia problema algum nisso. Dori não iria se enganar com emoções sem fundamento. Ela e Gavin tinham um namoro de fachada e Dori não estava querendo nada além de um modo de satisfazer a súbita necessidade de Danny por um pai. Assim como Gavin queria apaziguar a filha.

– Isso é legal – disse Dori, pegando o jornal de domingo. – O que gostaria de fazer hoje? – Ela folheou distraidamente os encartes que vinham com o jornal.

A garota deu de ombros e se recostou ao sofá.

– Não sei. O que você gostaria de fazer?

– Bem... – Dori também se colocou em uma posição confortável e fingiu considerar as possibilidades. – Eu poderia fazer algumas compras, mas não quero arrastá-la comigo se você for achar chato.

– O que você vai comprar?

Dori se lembrou do modo como Melissa a observara aplicar maquiagem e teve uma ideia.

– Acho que eu gostaria de ir ao shopping Northgage e experimentar alguns perfumes na Macy's. Você pode me ajudar a decidir de qual seu pai gostaria mais.

– Sim, vamos fazer isso!

Duas horas mais tarde, antes que pudesse se dar conta da armação de Dori, Melissa já era a feliz possuidora de seus primeiros cosméticos, de um vestido e de sapatos novos. Assim que Dori persuadiu a garota de que não havia problema em experimentar uma maquiagem leve, foi relativamente fácil progredir até chegar ao vestido e aos sapatos.

Já de volta à casa de Dori, Melissa foi até o quarto para experimentar a roupa nova. Ela desfilou timidamente diante de Dori, os olhos intensos fixos no tapete enquanto caminhava. O vestido tinha uma bela estampa floral cor-de-rosa, com a saia que chegava ao meio da panturrilha e balançava suavemente conforme a garota andava. As sapatilhas eram brancas e Melissa estava usando suas primeiras meias finas. Envergonhada, ela levantou a perna para que Dori examinasse.

– Eu coloquei as meias direito?

– Estão perfeitas. – Dori sorriu com orgulho, cruzou as mãos e disse com carinho: – Ah, Melissa, você está tão linda...

– Mesmo? – A incredulidade fez com que a voz da garota saísse mais aguda.

– Mesmo! – A transformação era impressionante. A menina parada diante de Dori não era mais uma moleca rebelde, mas uma jovem desabrochando. Dori sentiu o coração se encher de emoção. Gavin mal reconheceria a própria filha. – Venha ver. – Dori a levou até o banheiro e fechou a porta para que Melissa pudesse se ver no espelho de corpo inteiro.

A garota deixou escapar um longo suspiro.

– Está lindo – disse ela, com a voz trêmula. – Obrigada. – Em um impulso, Melissa abraçou Dori. – Ah, eu queria tanto que você fosse minha mãe. Queria muito mesmo que fosse.

Dori correspondeu ao abraço, surpresa com a emoção que a dominou.

– Eu me consideraria uma mulher de muita sorte se você fosse minha filha.

Melissa se afastou para voltar a se olhar no espelho.

– Sabe, no começo eu realmente torcia para que papai se casasse com Lainey. – Ela torceu os lábios e inclinou a cabeça em uma expressão zombeteira. – Para você ver como estou desesperada para sair daquela escola... Não é que os professores sejam ruins ou nada parecido. Todo mundo é legal. Mas quero mesmo uma família, uma vida comum.

Dori disfarçou um sorriso. *Mesmo* sem dúvida era a palavra do dia de Melissa.

– Mas, quanto mais eu penso a respeito, mais percebo que Lainey provavelmente me deixaria

naquela escola chata até eu fazer 29 anos. Ela não me queria por perto. Se papai se casar com ela, não sei o que farei.

– Seu pai não vai se casar com ninguém... – Dori deixou escapar por um instante. – Com ninguém de quem você não goste, quero dizer.

– Espero que não – falou Melissa, com ardor. Ela se virou de lado para checar seu perfil. – Sabe o que mais eu queria muito fazer?

– Diga. – O dia estava indo tão bem que Dori estava disposta a ser condescendente.

– Posso fazer algum doce?

– O que você quiser.

O aroma de torta de maçãs recém-assada enchia a casa no momento em que Danny entrou apressado pela porta da frente.

– Mamãe! – gritou ele, como se os demônios do inferno o estivessem perseguindo. – O Seahawks venceu o jogo! O placar foi 14 a 7!

Dori estivera tão ocupada que não lhe ocorrera ligar a televisão.

– Vocês se divertiram?

– O sr. Parker comprou cachorro-quente, refrigerante e amendoins para mim.

Dori lançou um olhar acusador para Gavin, que deu de ombros, com um sorriso envergonhado no rosto.

– E quanto ao lanche que eu mandei?

– Não poderíamos entrar no estádio com ele. E o sr. Parker disse que, de qualquer modo, seria mais divertido comprar comida durante o jogo.

– Ah, ele disse, não é? – Dori estava se divertindo e seu sorriso encontrou o de Gavin.

Uma fresta da porta do quarto de Dori foi aberta.

– Já posso sair?

Dori relanceou um olhar culpado para o corredor.

– Santo Deus, quase esqueci. Sentem-se vocês dois. Melissa e eu temos uma surpresa para ambos.

Gavin e Danny se sentaram obedientemente.

– Todos prontos – avisou Dori, por sobre o ombro. A porta do quarto se abriu e Melissa veio caminhando pelo corredor. Dori fez com que parasse por um instante e anunciou: – Enquanto vocês dois estavam no jogo, Melissa e eu estávamos ocupadas fazendo compras.

Confiante agora, sem deixar evidente a menor sombra da timidez de antes, Melissa entrou na sala e desfilou com o vestido, virando-se e parando diante do sofá. Sorrindo, ela fez uma mesura e abaixou os olhos discretamente. Então se endireitou e cruzou as mãos à frente do corpo, pronta para receber fartos elogios de Danny e do pai.

– Você está parecendo uma garota... – falou Danny, incapaz de disfarçar a falta de entusiasmo. Ao perceber o olhar desaprovador da mãe, ele rapidamente consertou o que dissera. – Mas está muito bonita.

Dori observou a reação de Gavin. As feições fortes, muitas vezes duras, revelavam uma miríade de emoções.

– Essa não pode ser minha garotinha. Não é Melissa Jane Parker, minha filha.

Melissa deu uma risadinha feliz.

– Papai! Quem mais poderia ser?

Gavin balançou a cabeça.

– Não sei quem está usando esse vestido, mas mal posso acreditar que tenho uma filha tão bonita.

– Eu também preparei uma surpresa para você – falou Melissa ansiosa. – Algo para comer.

– Algo para comer? – Ele repetiu as palavras da filha e voltou-se para Dori, que sorriu inocentemente.

Melissa puxou o pai pela mão e levou-o para a cozinha.

– Dori me ajudou.

– Não muito. Ela fez a maior parte do trabalho sozinha.

– Uma torta. – O olhar de Gavin recaiu sobre a obra de arte que esfriava sobre o balcão da cozinha.

– De maçã – falou Melissa, com orgulho. – A sua favorita.

Mais tarde, naquela noite, Dori estava deitada na cama, olhando para o teto escuro, com as mãos atrás da cabeça. O dia havia sido maravilhoso. Não havia outra palavra para descrevê-lo. Ela adorara fazer compras com Melissa principalmente porque a garota recebera muito bem as sugestões dela, Dori. Dori não gostava de pensar no bebê que perdera depois da morte de Brad. Tivera esperanças de que fosse uma menina... Pois naquela tarde, com Melissa, fora quase como se a menina fosse filha dela. Dori se sentira tão entusiasmada, tão feliz por compartilhar pequenas coisas, como fazer compras com Melissa. Ela amava Danny além da razão, mas havia certas coisas que ele jamais apreciaria. Fazer compras era uma delas. Mas Melissa gostara tanto do passeio quanto a própria Dori.

O dia de Danny também havia sido fantástico. Ele passara a noite toda falando sem parar sobre o jogo de futebol e, obviamente, se divertira como nunca. Muito depois de Gavin e Melissa terem ido embora, Danny continuara a contar momentos do jogo, relembrando diferentes jogadas em vívidos detalhes. Ou as duas crianças tinham grande – e até então insuspeita – habilidade para atuar, ou suas reações haviam sido genuínas. Dori tivera suas dúvidas quando Gavin propusera o acordo entre eles, mas agora achava que talvez estivesse sendo a melhor coisa que lhe acontecia há muito tempo... a melhor coisa para todos eles.

Na manhã seguinte, Sandy levantou os olhos do trabalho que fazia quando Dori entrou no escritório.

– Oi – cumprimentou Dori distraída, enquanto abria a última gaveta e deixava a bolsa ali. Quando Sandy não respondeu de imediato, Dori ergueu os olhos. A amiga a estava examinando com a cabeça ligeiramente inclinada. – Que olhar engraçadinho é esse? – quis saber Dori.

– Tem alguma coisa diferente em você.

– Em mim?

– Sim. Você e esse herói do futebol americano saíram na sexta-feira, não foi?

Dori não pôde deixar de rir.

– Sim. Fomos assistir a lutas de boxe, acredita?

– Não.

– Pois bem, acredite, porque é verdade. Mas primeiro ele me levou para uma refeição quatro estrelas de hambúrgueres, batatas fritas e milk-shake de chocolate.

– E o homem ainda está vivo para contar?

Dori relaxou na cadeira e cruzou os braços, divertindo-se novamente com a lembrança da

noite.

– Aham.

– E, pela expressão sonhadora em seus olhos, eu diria que você se divertiu.

Expressão sonhadora! Dori enrijeceu o corpo e pegou uma caneta.

– Ah, pare com isso. Você só está querendo implicar comigo.

Sandy ergueu uma sobrancelha como resposta e voltou ao arquivo em que estava trabalhando.

– Se é o que está dizendo... mas preste atenção por onde anda, essas estrelas brilhando em seus olhos podem cegá-la...

Por volta das 11h, o telefone tocou. Normalmente Sandy e Dori se revezavam para atender, mas Sandy estava fora da mesa e Dori pegou o fone automaticamente.

– Contratação de seguros – ela anunciou.

– Dori?

– Gavin? – O coração dela começou a martelar no peito. – Oi.

– A que horas você estará livre para o almoço? – perguntou ele, sem preâmbulos.

– Ao meio-dia. – Pelo som da voz dele, dava para perceber que estava preocupado com alguma coisa. – Algum problema? – Dori tentou descobrir o que era.

– Nada de mais. Só acho que precisamos conversar.

Eles combinaram de se encontrar em um agradável restaurante de frutos do mar, ao lado do lago Union. Gavin já estava sentado em uma das mesas quando Dori chegou, uma hora mais tarde. Ela percebeu que ele tinha uma expressão pensativa nos olhos, enquanto observava o *maître* levá-la até a mesa.

– Que bela surpresa – disse Dori a Gavin, sorrindo com prazer quando o garçom puxou a cadeira para que se sentasse.

– Sim, embora eu não costume fazer esse tipo de pausa para o almoço. – Parecia haver algum significado oculto naquela declaração.

Gavin sempre conseguia desconcertá-la, de um jeito ou de outro. Sempre que Dori achava que estava começando a entendê-lo, ele dizia ou fazia algo que a deixava perceber que mal conhecia aquele homem. A intuição dela dizia que isso estava prestes a acontecer de novo. Dori se preparou mentalmente e reprimiu um suspiro.

Para mascarar seus medos, ela pegou o cardápio e ficou olhando para ele sem ver. O restaurante era conhecido por seus pratos com frutos do mar, e Dori estava imaginando se deveria pedir Crab Louis, um prato de caranguejos, quando Gavin falou.

– Melissa se divertiu muito ontem.

– Eu também. Ela é uma criança maravilhosa, Gavin. – Dori deixou o cardápio de lado; já se decidira por uma salada de camarões.

– Assim que paramos de falar de você, Danny e eu também nos divertimos bastante – murmurou Gavin.

Dori gemeu intimamente ao pensar em Danny exaltando as virtudes da mãe sem parar. Gavin provavelmente estava enjoado de ouvir falar sobre ela. Dori fez uma anotação mental para conversar com o filho a respeito, mais tarde.

– Danny sem dúvida se divertiu.

Gavin deixou o cardápio ao lado do prato e ficou encarando Dori em um silêncio de destruir os

nervos de qualquer um.

Instintivamente, Dori enrijeceu o corpo.

– Mas há algum problema, certo? – perguntou ela com uma calma proposital, lutando contra uma sensação desagradável.

– Sim. Acho que você deve ter exercido sua maternidade um pouco excessivamente, não? Melissa me levou à loucura na noite passada. Primeiro Danny e agora a minha própria filha.

Dori sentiu uma onda de raiva encher seu peito e teve que se controlar para não se levantar e abandonar o restaurante. Na maneira torta de pensar de Gavin, ela se dispusera intencionalmente a convencer a filha dele de que seria a esposa e mãe perfeita. Tomando como base nada além da visita que Melissa e ele haviam feito à casa dela na véspera, Gavin havia concluído, em sua visão cínica, que ela, Dori, já estava procurando as alianças de noivado e escolhendo o padrão da porcelana.

– Sabe, eu estava pensando a mesma coisa – disse ela casualmente, surpresa com a calma da própria voz.

Gavin a examinou com uma indiferença divertida.

– Achei que deveria estar pensando mesmo.

O tom sarcástico dele foi a gota d'água para Dori.

– Sim, quanto mais eu penso a respeito, mais percebo que esse nosso esquema tão bem armado talvez esteja funcionando bem *demais*. Se você está cansado de ouvir sobre as minhas virtudes, deveria ouvir o meu lado.

– Sim, eu imagino...

– Esse é exatamente o seu problema, Gavin Parker – interrompeu ela, com a voz seca. – A razão para Melissa ter reagido tão bem a mim ontem foi porque aquela criança tem o coração cheio de amor, e ninguém que queira recebê-lo. – Dori fixou os olhos no copo de água à sua frente, enquanto lutava contra a raiva que ameaçava dominá-la. – Lamento por você. Seus pensamentos são tão desvirtuados que você não consegue perceber o que é genuíno e o que não é. Tem tanto medo de revelar suas emoções que... que seu coração se tornou duro como granito.

– E suponho que você se ache a mulher certa para me libertar dessas amarras desprezíveis? – provocou ele.

Dori ignorou a ironia e a pergunta.

– Pelo bem de Melissa, espero que você encontre o que está procurando. – Ela empinou o queixo e ergueu os olhos, encarando-o com desdém. – Da minha parte, estou fora. – Dori precisava pular fora daquela situação antes que se tornasse tão apegada a Melissa que o rompimento do relacionamento acabasse magoando demais as duas. E antes que cometesse o erro fatal de se apaixonar por Gavin Parker.

Os olhos dele cintilaram frios e escuros como o Mar Ártico.

– Está dizendo que quer romper o nosso acordo?

Com muita calma, Dori pousou o guardanapo de linho dentro do prato que não usara e se levantou.

– Esse homem é inacreditável – murmurou ela para si mesma. – Foi bom conhecê-lo, Gavin Parker. Você tem uma filha incrível. Obrigada por dar a Danny o dia mais feliz da vida dele.

– Sente-se – sibilou ele, entre os dentes. – Por favor. Vamos discutir isso como adultos.

Ainda de pé, Dori encarou corajosamente os olhos furiosos de Gavin. O coração dela doía e ela se sentia tão infeliz que acabaria em lágrimas diante de qualquer provocação; por isso, negou balançando lentamente a cabeça.

– Lamento, Gavin, mas nem mesmo um namoro de fachada funcionaria conosco. Somos diferentes demais.

– Não somos nada diferentes – argumentou ele. Então parou e olhou irritado para as pessoas que haviam se voltado para eles ao ouvi-lo levantar a voz.

– Cuidado, Gavin – zombou Dori –, alguém pode pensar que você está se tornando um pouco...

– A mãe de Melissa me telefonou essa manhã – falou ele de forma incisiva e, pela primeira vez, Dori notou as linhas fundas de preocupação no rosto dele.

– O quê? – sussurrou ela, sentindo o pulso se acelerar de medo. Dori sentou-se de novo, os olhos arregalados, com medo da apreensão que via no rosto de Gavin.

– Nossa conversa não foi nada amigável. Eu precisava conversar com alguém. Desculpe se ataquei você como um piloto kamikaze.

Se, Dori cismou, petulante. Ele a convidara para almoçar porque queria alguém para conversar e então tentara sabotar o almoço deles.

– O que aconteceu?

– O de sempre. Deirdre está em Nova York e está se divorciando do terceiro ou quarto marido, esqueço qual deles é, e quer que Melissa vá morar com ela.

Dori ofegou. Não sabia nada sobre aquela mulher. Até aquele dia, sequer sabia seu nome. Mas tinha consciência da dor que a ex-mulher infligira à vida de Gavin.

– Ela tem alguma chance de conseguir a guarda? – O coração de Dori estava disparado só de pensar na possibilidade de Gavin perder a filha para uma mulher que ele obviamente detestava.

A risada de Gavin era amarga.

– Dificilmente, mas isso não a impedirá de tentar. Ela faz isso no fim de cada casamento. Sempre tem um ataque de culpa e quer brincar de mãe por algum tempo.

– Como Melissa se sente sobre Deirdre? Ela costuma ver a mãe? – Dori não tinha a intenção de bisbilhotar e não queria que Gavin lhe contasse nada que não se sentisse confortável em compartilhar. Mas a ideia daquela menina sendo forçada a uma situação tão difícil partia o coração de Dori.

– Melissa costumava passar um mês com ela todo verão. No ano passado ela me telefonou três dias depois de chegar e me implorou para deixá-la voltar para casa. Na época, Deirdre ficou feliz em se livrar da filha. Não sei o que aconteceu, mas Melissa me fez prometer que não a mandaria novamente para ficar com a mãe.

– Entendo que você esteja aborrecido, mas um tribunal não vai ouvir sua...?

– Eu sei – interrompeu Gavin. – Só precisava desabafar a minha frustração e a minha raiva com alguém. Melissa e eu já passamos por isso antes e podemos enfrentar outro dos caprichos de Deirdre. – Ele tocou a mão de Dori com delicadeza. – Eu lhe devo desculpas pelo modo como me comportei há pouco.

– Já esqueci. – O que não estava esquecido era o fato de Gavin haver procurado por ela. De algum modo havia conseguido tocar Gavin Parker... e agora estavam em um terreno perigoso. Aquela farsa se tornava mais real a cada vez que se viam. No início, ambos estavam

convencidos de que poderiam manter suas emoções sob controle... mas estavam fracassando. Gavin dominava cada vez mais os pensamentos de Dori e, apesar de tudo, ela encontrava desculpas para imaginá-los juntos. Não era assim que aquele acordo deveria funcionar...

– Você me contou sobre Brad. Acho que é justo que eu lhe conte sobre Deirdre.

Dori foi dominada por uma sensação de alegria. Não porque Gavin estava lhe contando sobre a ex-esposa. Para dizer a verdade, Dori nem tinha certeza se queria ouvir os detalhes sangrentos do fim do casamento. Mas o fato de Gavin querer lhe contar era uma medida da confiança que ele tinha nela. Gavin se sentia seguro o bastante com ela para falar de sua dor mais profunda... da mesma forma como acontecera com Dori em relação a ele.

– Não é necessário – ela disse baixinho.

– É justo que você saiba. – Ele segurou com força o copo de água gelada, aparentemente sem perceber que o frio devia estar subindo por seu braço. – Não sei por onde começar. Nós nos casamos jovens... jovens demais, eu imagino. Estávamos no nosso último ano de faculdade e eu estava no auge. Os times profissionais de futebol americano já estavam de olho em mim. Eu vinha saindo com Deirdre, mas ela saía com vários outros caras também. Ela vem de uma família abastada e fora mimada demais por um pai excessivamente indulgente. Eu gostava dele. Era um cara fantástico, mesmo tendo estragado a filha... mas ele a amava. Quando Deirdre me disse que estava grávida e que eu era o pai do bebê, me ofereci para casar com ela. Acredito sinceramente que, se eu não tivesse me casado, ela teria feito um aborto. Quando nos casamos eu tinha muitas expectativas, achava até que estava feliz por ela estar grávida. A ideia de ser pai me agradava... era uma prova da minha masculinidade e toda essa bobagem. – Gavin ficou em silêncio por um instante, olhando fixo para a mesa.

Dori percebeu como aquilo devia ser difícil para ele, e seu primeiro instinto foi lhe dizer para parar. Não era necessário que revivesse toda aquela dor. Mas ela também percebeu que Gavin precisava falar... precisava desabafar.

– As pessoas costumam saber quando o casamento delas vai mal. O nosso foi mal desde o dia em que nos casamos. Deirdre odiava estar grávida; mas, pior do que isso, acredito que ela me odiava. Desde o momento em que Melissa nasceu, ela não quis ter nada a ver com a menina. Mais tarde descobri que ela detestara tanto ficar grávida que pedira para ligarem suas trompas no parto, para que não pudesse mais ter filhos. E nem se incomodou em me avisar. Melissa foi entregue nas mãos de uma babá e em poucas semanas Deirdre estava de volta à vida dela, se entende o que quero dizer. Acho que não preciso ser mais explícito.

– Não. – A voz de Dori saiu baixa e trêmula. Ela nunca conhecera ninguém daquele jeito e achava impossível imaginar uma mulher que pudesse colocar prazeres tão fúteis e egoístas à frente das necessidades da própria filha.

– Tentei fazer o casamento funcionar. Mais por causa do pai de Deirdre do que por ela. Mas, depois que ele morreu, não consegui mais fingir. Na época, ela não quis a custódia de Melissa, e não vou desistir da minha filha agora.

– Há quanto tempo foi isso?

– Melissa tinha 3 anos quando nos divorciamos.

Três! Dori sentiu um aperto no peito por aquela criança que nunca experimentara um amor de mãe.

– Achei que você deveria saber – concluiu Gavin.

– Obrigada por me contar. – Instintivamente, Gavin recorrera a ela com suas dúvidas e preocupações. Ele estava se aproximando, embora relutante a princípio. Mas dera um primeiro passo e Dori estava convencida de que era o começo certo para eles.

NAQUELA MESMA semana, Dori viu Gavin mais duas vezes. Eles foram ao cinema na noite de quarta-feira, onde se sentaram na última fila e disputaram o saco de pipoca. Ter contado a Dori sobre Deirdre parecia ter libertado Gavin. Na sexta-feira, ele telefonou para ela novamente no escritório e os dois se encontraram para almoçar no mesmo restaurante a que haviam ido na segunda-feira. Gavin disse a Dori, então, que ficaria fora no fim de semana, fazendo a transmissão de um jogo.

Na segunda-feira seguinte, Dori estava preocupada. Vinha tendo tanta dificuldade em manter a mente no trabalho que imaginou se estava se apaixonando por Gavin. Não parecia possível que isso pudesse acontecer tão rapidamente. A reação física dela ao toque dele fora uma agradável surpresa. Mas haviam se passado anos desde que um homem a segurara nos braços como ele fizera, portanto Dori mais ou menos esperara o impacto físico e não o levara tanto em consideração. A reação emocional, no entanto, a estava pegando de surpresa. Gostava de Gavin. Preocupava-se com ele. Pensava nele acima de tudo. Eles estavam com problemas, grandes problemas... Mas Gavin não estava querendo perceber o que estava acontecendo. Se alguma decisão sensata tivesse que ser tomada, teria que partir dela.

Os pensamentos de Dori ainda estavam confusos quando ela estacionou no campo de futebol, depois de sair do trabalho, para pegar Danny, naquela segunda-feira à noite. Os garotos estavam jogando uma partida amistosa e ela ficou de lado, assistindo e sorrindo enquanto via o filho abrir caminho através da defesa do outro time.

– Você é a mãe do Danny, não é?

Dori voltou sua atenção para o homem muito magro parado ao lado dela. Ela o reconheceu como sendo o pai de Jon Schaeffer. Jon e Danny haviam se tornado os melhores amigos recentemente e já tinham passado a noite um na casa do outro umas duas ou três vezes desde o início do ano escolar. Pelo que ela sabia, os pais de Jon eram separados.

– Sim. E você é o pai de Jon, certo?

– Isso mesmo. – Ele cruzou os braços e acenou com a cabeça para os meninos que corriam de um lado para o outro no campo. – Danny é um bom jogador.

– Obrigada. Jon também é.

– Sim, tenho muito orgulho dele. – A conversa estava artificial e Dori sentiu-se um pouco desconfortável.

– Espero que não me ache muito inconveniente, mas você colocou um anúncio no jornal?

Dori sentiu o rosto ficar quente e vermelho.

– Bem, na verdade foi Danny quem colocou.

– Imaginei que teria sido ele. – O homem riu e estendeu a mão. – A propósito, meu nome é Tom.

Menos constrangida, Dori apertou a mão estendida.

– Dori – ela se apresentou.

– Li o anúncio e pensei em ligar. Apesar da minha torcida, não parece que eu e Paula vamos

voltar a ficar juntos, e eu estava tão solitário que pensei em lhe telefonar.

– Como sabia que era o meu número de telefone?

– Eu não sabia. – Ele se apressou em explicar. – Escrevi o número em um pedaço de papel e deixei ao lado do telefone. Jon passou o último fim de semana comigo, viu o papel e quis saber como eu tinha o número de telefone de Danny.

– Ah. – O rosto de Dori voltou a ficar muito vermelho. – Eu mudei meu número de telefone depois disso.

– Acho que Jon mencionou isso. Então Danny colocou o anúncio no jornal?

– Por conta própria. Foi a primeira vez na vida em que lamentei ser mãe. – A voz dela se ergueu sem querer ao lembrar o constrangimento.

– Recebeu muitos retornos?

Ele estava falando tão sério que Dori se viu forçada a disfarçar um sorriso.

– Você não acreditaria no número de ligações que recebi naquela primeira noite.

– Foi o que imaginei.

Eles caíram em um silêncio amigável.

– Você e seu marido se separaram?

Ao que parecia, Tom tinha uma visão bem definida da vida, e maneiras excessivamente diretas. A pergunta surgira do nada.

– Não, sou viúva.

– Ei, escute, me desculpe. Não quis ser enxerido. Não é da minha conta.

– Não se preocupe – falou Dori, com tranquilidade.

Tom não era como a maioria dos homens que ela conhecera. Ele obviamente era um homem esforçado e franco, apesar de um pouco rude. Dori percebeu que ainda estava apaixonado pela esposa e torceu para que os dois se reconciliassem.

– Jon e Danny são bons amigos, não são?

– Os dois com certeza têm se visto bastante.

– Você aguentaria um pouco mais de proximidade? – Tom continuou com o olhar fixo no campo.

– O que quer dizer?

– Eu poderia convidar você e Danny para jantar comigo e com Jon? – Ele parecia tão envergonhado quanto um adolescente convidando uma garota para sair pela primeira vez.

Dori se sentiu inclinada a recusar educadamente. A última coisa que queria era se indispor com a mãe de Jon. Por outro lado, precisava organizar seus sentimentos por Gavin, e sair com outra pessoa talvez ajudasse.

– Nós adoraríamos. Obrigada.

O sorriso de Tom foi brilhante o bastante para rivalizar com as luzes da rua.

– O prazer é todo meu.

CAPÍTULO SEIS

– MAMÃE... – CHAMOU Danny, seguindo-a até o banheiro e abanando freneticamente com a mão em frente ao rosto para afastar a nuvem de spray de cabelo que ela estava aplicando.

– O que foi? – perguntou Dori irritada. Vinha discutindo com Danny desde o instante em que ele soubera que ela ia sair com Tom Schaeffer.

– O sr. Parker pode telefonar.

– Eu sei, mas é pouco provável. – Gavin não entrara em contato com ela desde o almoço de segunda-feira. Se esperava que ela fosse ficar sentada esperando que ele telefonasse, então teria uma surpresa.

O olhar irritado de Danny e a postura desafiadora de braços cruzados a fez hesitar.

– Se Gavin telefonar, diga a ele que eu saí e que retornarei a ligação quando voltar para casa.

– Mas eu achei que você e o sr. Parker eram bons amigos... *muito* bons amigos. Você até o beijou!

– Somos amigos – disse Dori, fingindo indiferença, enquanto ajeitava uma mecha de cabelo e examinava seu reflexo no espelho. Com um suspiro de desgosto, ela encolheu a barriga e se perguntou quanto tempo aguentaria ficar sem respirar.

– Mamãe – protestou Danny de novo –, não gosto nada disso e acho que o sr. Parker também não vai gostar.

– Ele não vai se importar – disse Dori, parecendo mais serena do que estava se sentindo. Danny estava imaginando que, como ela iria sair em uma noite no meio da semana, aquele devia ser um "encontro quente". Não era. Tom a havia convidado depois do jantar que tiveram com os meninos e Dori aceitara porque percebera que o que ele realmente queria era um ouvido amigo. Tom estava se sentindo solitário e ainda era apaixonado pela esposa. Dori não poderia ter escolhido uma companhia menos ameaçadora, mas Danny não compreenderia isso e ela nem tentou explicar.

– Se você é mesmo amiga do sr. Parker, por que está usando perfume para sair com o pai de Jon?

– As mães às vezes fazem isso sem nenhum motivo especial.

– Mas você está agindo como se essa noite *fosse* especial. Vai sair com o sr. Schaeffer.

Dori pousou as mãos sobre os ombros do filho e o examinou com atenção. O rosto do menino estava retorcido; seus olhos, muito intensos.

– Você não gosta do sr. Schaeffer?

– Ele é legal, eu acho.

– Mas achei que você tinha se divertido quando saímos para jantar na segunda-feira à noite.

– Aquilo foi diferente. Jon e eu estávamos com vocês.

Dori sabia que Danny não estava muito satisfeito porque uma garota da vizinhança, que

cursava o ensino médio, iria ficar tomando conta dele. O garoto estava naquela idade difícil, jovem demais para ser deixado sozinho, especialmente por uma noite, mas com idade o bastante para se ressentir de ter uma babá, principalmente quando era uma de suas vizinhas.

– Vou voltar cedo para casa... provavelmente antes da hora de você dormir – prometeu Dori, despenteando o cabelo do filho.

Danny afastou a mão dela com impaciência.

– Mas por que você está saindo, mamãe? É isso que não estou entendendo.

Dori não sabia como explicar uma coisa que ela mesma não entendia direito. Estava preocupada com a possibilidade de estar se envolvendo demais emocionalmente com Gavin. Tom era seguro. Com Tom ela não sentia medo de se apaixonar ou de se machucar. Mas, toda vez que via Gavin, suas emoções ficavam mais confusas... ela gostava dele e de Melissa. No que dizia respeito a Gavin, no entanto, no minuto em que ele soubesse que ela se apaixonara, seria o fim do relacionamento deles. Gavin já deixara bem claro que não queria nenhum envolvimento real. Não tinha planos de voltar a se casar e, se ela demonstrasse qualquer comprometimento emocional, ele não hesitaria em rejeitá-la como rejeitara outras. Ah, ela poderia prendê-lo por um tempo, como Lainey estava tentando fazer. Mas Gavin não era um homem que se deixava enganar com facilidade... e Dori não era tola.

A campainha da porta tocou e a jovem de 16 anos que morava do outro lado da rua entrou com os braços carregados de livros.

– Olá, sra. Robertson.

– Oi, Jody. – Pelo canto dos olhos, Dori viu que Danny estava sentado em frente à televisão. Ela não se deixou enganar pela indiferença do filho. Ele não estava feliz porque ela ia sair com Tom Schaeffer e deixara isso bem claro. Dori o ignorou e continuou a dar instruções à babá. – O telefone do restaurante está na cozinha. Não devo chegar depois das 21h30, no máximo 22h. – A campainha voltou a tocar e Danny atendeu dessa vez, abrindo a porta para Tom, que sorriu encantado ao ver Dori.

– Comporte-se – sussurrou Dori, e deu um beijo no rosto do filho.

Danny esfregou o lugar onde ela beijara e examinou a palma da mão em busca de algum vestígio de batom.

– Está bem – concordou ele com um sorriso triste, calculado para atingir o coração de uma mãe. – Mas vou esperar por você acordado. – Danny a encarou com a expressão de um cachorrinho perdido, os olhos gritando diante da injustiça de ser deixado à mercê de uma garota de 16 anos. A ênfase, é claro, na palavra *garota*.

Se Dori não fosse embora logo, era bem provável que o filho ganhasse aquela batalha silenciosa, e ela não poderia permitir isso.

– Conversaremos quando eu voltar – prometeu Dori.

Tom, que estava usando um terno, pousou a mão nas costas dela quando deixavam a casa.

– Algum problema com Danny?

Dori relanceou um olhar por sobre o ombro. Sentia-se culpada e deprimida, embora não houvesse razão para isso. Agora percebia como Melissa fizera Gavin se sentir quando ele saíra com Lainey, naquele sábado à noite. Não era de estranhar que ele estivesse tão aborrecido no domingo. Nenhum dos dois estava acostumado a sofrer aquele tipo de controle dos filhos

adolescentes. E Dori, assim como Gavin, não gostava nada disso.

– Danny está chateado porque vai ficar com uma babá – respondeu ela, apenas como uma meia-verdade a Tom.

Com um começo tão lamentável, Dori desconfiou que a noite estava condenada antes mesmo de começar. Ela e Tom tiveram um jantar tranquilo e conversaram enquanto tomavam café, mas a conversa era esporádica e, quando eram 21h, Dori teve que se esforçar para não ficar checando o relógio a cada cinco minutos.

No caminho de volta para casa, ela se sentiu na obrigação de se desculpar.

– Sinto muito *mesmo*... – Dori fez uma pausa e se lembrou da frequência com que Melissa usava aquela palavra. Então, apesar do aborrecimento, caiu na gargalhada.

Tom a encarou sem entender.

– O que é tão divertido?

– É uma longa história. Um amigo meu tem uma filha que usa *mesmo* o tempo todo. Eu me peguei repetindo a palavra agora e...

– E de repente pareceu engraçado.

– Isso mesmo. – Dori ainda estava sorrindo quando Tom entrou na rua dela. Mas seu rosto ficou rígido e seu sorriso desapareceu quando ela viu um carro parado em frente à sua casa. O carro de Gavin. Ela cerrou os punhos e respirou fundo várias vezes para acalmar os nervos. Não havia como saber que tipo de confrontação a aguardava.

Dori agradeceu a Tom pelo jantar o mais educadamente possível e se desculpou por não convidá-lo para entrar e tomar um café.

Quando abriu a porta de casa, um par de olhos masculinos acusadores a recebeu.

– Olá, Gavin – cumprimentou ela, em uma voz animada. – Que bela surpresa.

– Dori. – O olhar duro que ele lhe lançou deixou claro que Gavin não estava nada satisfeito. – Você se divertiu?

– Foi fantástico – mentiu Dori. – Fomos a um restaurante grego. Naturalmente, tudo parecia escrito em grego para mim. – Ela forçou uma risada. – Acabei pedindo exatamente o que o garçom sugeriu. – Dori odiou o modo como estava tagarelando como uma colegial. Sentia a boca seca e a garganta arranhada.

Danny fingiu um enorme bocejo.

– Acho que vou para a cama, agora.

– Não tão rápido, rapazinho. – Dori o deteve. O filho havia tido sua participação naquela visita constrangedora de Gavin. O mínimo que poderia fazer era se explicar. – Você tem algo para me contar?

Danny abaixou os olhos para o tapete com um interesse fora do comum, enquanto seu rosto ficava muito vermelho.

– Não.

Dori estava convencida de que Danny ligara para Gavin, mas lidaria com isso mais tarde, deixando o filho de castigo por uma semana.

– Conversarei com você de manhã.

– Boa noite, sr. Parker. – Danny disparou pelo corredor em direção ao próprio quarto com a rapidez de um coelho que houvesse conseguido fugir de uma armadilha.

Não escapou a Dori que o filho não havia desejado boa-noite a ela. Ela pendurou o casaco no armário do corredor e aproveitou aquele tempo para organizar as ideias... e resolveu ignorar o calor angustiante que aquecia seu sangue. Quando se virou para encarar Gavin, viu que um sorrisinho cínico se abrira no rosto dele.

– Não pareça tão culpada – murmurou ele.

O rosto de Dori parecia queimar, mas ela encontrou os olhos dele com firmeza.

– Não estou me sentindo culpada. – Ela foi até a cozinha para preparar um bule de café. Gavin a seguiu e Dori automaticamente pegou duas xícaras no armário. Então se virou, as costas apoiadas contra a bancada, e o confrontou diretamente. – O que aconteceu? Danny telefonou para você?

– Achei que tínhamos um acordo.

Sem querer, Dori se encolheu diante da dureza da voz dele.

– E temos – retrucou ela com calma, enquanto observava o café enchendo lentamente o bule de vidro.

– Então o que estava fazendo saindo com um homem? E ainda por cima casado.

– O que Danny lhe contou exatamente? Tom e a esposa estão separados. Pelo amor de Deus, nem demos as mãos. – Dori evitou propositalmente o olhar firme dele, já irritada consigo mesma por ter se dado ao trabalho de explicar. – Puxa, você saiu com Lainey. Não vejo diferença.

– Ao menos eu me *senti* culpado.

– Eu também! Isso facilita as coisas?

– Sim! – gritou ele.

Dori deu as costas, cansada de bancar o ratinho na brincadeira de gato e rato dele. A mão dela tremia enquanto servia café nas duas xícaras.

– Vamos brigar por causa disso? – perguntou ela, quando colocou a xícara de Gavin sobre a mesa da cozinha.

– Depende se você pretende ou não sair de novo com ele. – O rosto de Gavin estava impassível, como se a pergunta não tivesse a menor importância. Dori ficou impressionada com o autocontrole dele. Os olhos duros fixos nos dela a desafiavam a dizer que voltaria a ver Tom.

– Não sei. – Dori se sentou diante dele. – Isso importa?

A boca de Gavin se retorceu em um sorriso irônico.

– Poderia importar. Eu não gostaria de receber outro telefonema frenético do seu filho me informando que é melhor eu fazer alguma coisa rápido.

– Pode ter certeza de que isso não voltará a acontecer – disse Dori, furiosa com Danny e mais furiosa consigo mesma. Ela deveria ter imaginado que Danny faria alguma coisa parecida e deveria ter tomado providências para impedir o filho.

– Então você está se sentindo culpada. – A voz baixa e lenta tinha um toque de zombaria.

– Não gosto dessa situação mais do que você. – Ela bufou e cruzou os braços em um gesto defensivo. – Não sei, Gavin... Talvez esse nosso acordo esteja funcionando bem demais. – Ela pegou o açucareiro que estava no meio da mesa com impaciência e adoçou o café. – Antes que qualquer um de nós dois perceba, nós vamos estar casados e morando em uma linda casa com uma cerca branca.

– Não se preocupe com isso.

– Ah, não... – Ela acenou com as mãos em um gesto de impotência. – É claro que isso não o preocuparia. O sr. Herói do Futebol pode lidar com tudo, certo? Bem, você mesmo admitiu que Melissa tornou sua vida um inferno quando você saiu com Lainey. Danny fez o mesmo comigo. Acho que deveríamos desistir graciosamente desse acordo enquanto podemos. – Embora Dori estivesse dando a sugestão, ela esperava que Gavin recusasse. Precisava saber se a atração entre eles era mútua.

– É isso o que você quer?

Em um rompante de irritação, Dori afastou a cadeira, levantou-se e foi rapidamente até a pia, onde deixou sua xícara. Então deixou escapar um suspiro de frustração e voltou para a mesa.

– Não, infelizmente não quero. Maldição, Parker, apesar de seu jeito arrogante, descobri que gosto de você. É isso que me assusta.

– Não pareça tão chocada. Sou um cara fantástico. Pergunte a Danny. É claro que se o que a estiver atraindo em mim for a minha virilidade então nós estaremos encrencados. – Rindo, Gavin se levantou lentamente e levou a xícara vazia para a pia.

– *Você* não precisa se preocupar – resmungou ela, em um tom sarcástico. – Sua masculinidade ainda não me venceu.

– Essa provavelmente é a melhor coisa para nós dois. Não se apaixone por mim, Dori – avisou ele, os olhos muito sérios agora. – Eu acabaria fazendo você sofrer.

O pulso dela disparou em alarme. Gavin estava certo. O problema era que ela já estava a meio caminho de se apaixonar. E estava pisando em terreno perigoso, lutando para sufocar seus sentimentos.

– Acho que você está torcendo as coisas – disse Dori secamente. – Estou mais preocupada com a possibilidade de você se apaixonar por mim. Não sou seu tipo usual, Gavin. Portanto o risco poderia ser de você sair machucado.

A declaração dela não pareceu agradá-lo.

– Há pouca chance que isso aconteça. Uma mulher já me deixou de quatro uma vez e não vou permitir que isso aconteça de novo.

Dori reprimiu as palavras de protesto que estava pronta a dizer – na opinião dela, uma mulher de verdade não queria um homem de quatro. Ela o queria ao seu lado como amigo, amante e confidente.

– Há outro problema a caminho e acho que deveríamos conversar a respeito – continuou ele.

– O que é?

Gavin ignorou o olhar preocupado dela e se apoiou casualmente na bancada.

– Melissa e eu vamos passar o fim de semana do feriado de Ação de Graças em São Francisco. Vou fazer a transmissão do jogo do San Francisco 49ers no sábado do feriado. Melissa vem me perguntando há semanas se você e Danny podem vir conosco.

– Mas por quê? Esse deve ser um momento especial para vocês dois.

– Infelizmente não é assim que Melissa vê a situação. Ela vai passar o sábado sozinha no quarto do hotel porque estarei na cabine dos locutores e não quero que ela assista ao jogo sozinha. *É* o fim de semana de Ação de Graças, como Melissa não se cansa de repetir. Mas odeio admitir que a minha filha sabe exatamente que botões apertar para fazer com que eu me sinta culpado.

– Não sei, Gavin. – Dori hesitou. Ela planejara passar o feriado com os pais, mas adorava São

Francisco. Visitara a baía de São Francisco quando era adolescente e sempre quisera voltar. Seria como as férias que não tirava há anos.

– Do meu ponto de vista – continuou Gavin –, isso talvez atenda às nossas necessidades. As crianças vão ter uma overdose um do outro se passarem tanto tempo juntos. Talvez depois de três ou quatro dias na companhia um do outro eles estejam dispostos a encarar algumas verdades sobre essa coisa toda.

Dori não estava muito convencida.

– O tiro pode sair pela culatra...

– Duvido. O que você diz?

A tentação era tão grande que Dori precisou fechar os olhos para evitar dizer *sim* na mesma hora.

– Eu... deixe-me pensar a respeito.

– Está certo – disse ele calmamente.

Dori puxou uma cadeira e se sentou.

– Teve mais alguma notícia de Deirdre?

– Não, e não terei.

– Como pode ter tanta certeza?

A linha dura da boca de Gavin se curvou em um sorriso melancólico.

– Confie em mim nessa questão.

O modo como ele falou fez com que o sangue de Dori parecesse gelar nas veias. Sem dúvida Gavin conhecia alguma vulnerabilidade de Deirdre e sabia como atacar a ex-esposa.

– Não há a mínima chance de eu entregar a minha filha para *ela*.

Dori nunca vira uma expressão tão fria e cruel nos olhos de um homem.

– Se houver alguma coisa que eu possa fazer... – Ela não completou a frase. Gavin não precisaria de nada dela.

– Na verdade, há sim – disse ele, contradizendo o que ela pensava. – Vou narrar um jogo esse domingo em Kansas City, o que significa que Melissa terá que passar o fim de semana no colégio. Ficar sábado e domingo lá é o pior, ou ao menos é o que ela alega.

– Ela poderia ficar com a gente. Eu gostaria muito. – Dori não planejara nada especial para o fim de semana. No sábado resolveria algumas pendências e faria as compras da semana no mercado, e Danny teria um jogo de futebol à tarde, mas Melissa gostaria de assistir.

– Estava pensando em apenas um dia – falou Gavin. – Assim você só ouviria sobre as minhas muitas virtudes por 24 horas. Por que pedir mais?

– Deixe ela passar todo o fim de semana aqui – disse Dori. – Não foi você mesmo que disse que devemos tentar fazer com que Melissa e Danny tenham uma "overdose" um do outro?

O ALERTA de Gavin se mostrou profético. No instante em que Dori pegou Melissa na Eastside Boarding School, em Mercer Island, a garota começou a tagarelar sem parar, exaltando as virtudes aparentemente ilimitadas do pai... exatamente como ele previra.

– Você sabia que meu pai tem uma sala cheia de troféus que ganhou quando jogava?

– Uau! – respondeu Danny, o tom de voz mais alto do que no normal. – Você se lembra da nossa lista, mamãe? Acho que é importante que meu novo pai seja atlético.

– O que mais há na lista? – perguntou Melissa, então escutou atentamente enquanto Danny explicava cada item. A garota então começou um discurso de enaltecimento de Gavin, descrevendo-o como o pai e o marido ideal em todos os sentidos. No entanto, não escapou a Dori que Melissa não mencionara a última exigência, que o novo pai de Danny deveria amar Dori. A menina reconheceu instintivamente que isso seria passar dos limites. Dori apreciou a honestidade dela.

Enquanto Melissa continuava a elogiar o pai, Dori teve que morder a língua para não cair na gargalhada. Se tivesse oportunidade, ela ensinaria alguma coisa sobre sutileza àqueles dois... mais tarde. Por enquanto eles estavam muito divertidos. Em um esforço para conter sua vontade de rir, Dori se concentrou no trânsito cheio, que se movia lentamente sobre a ponte flutuante. As tardes de sexta-feira eram um pesadelo para os motoristas.

A conversa cessou e, a julgar pelos sons que ouvia no banco de trás, Dori imaginou que Danny e Melissa estivessem tendo uma discussão acalorada aos sussurros. Ela pensou ter ouvido o nome de Tom, mas deixou passar. Com todos os problemas que seu encontro com ele causara, duvidava que fosse voltar a ver o homem. Da parte de Tom, ele estava com esperança de acertar as coisas com a mulher e voltar para casa para passar o feriado de Ação de Graças. Dori sabia que Jon ficaria muito feliz por ter o pai de volta e rezava para que a esposa de Tom estivesse com a mesma disposição.

Depois da expedição ao mercado no sábado, os três foram ao jogo de futebol de Danny. Para deleite de Melissa, o garoto marcou dois gols e foi aclamado como herói quando saiu do campo no fim do jogo. Eles tiveram a sorte de voltar para casa antes de começar a chover. Dori fez pipoca e as duas crianças sentaram para assistir a um filme na televisão.

O telefone tocou quando Dori estava terminando de lavar os pratos do jantar. Ela pegou o fone e relanceou o olhar para Danny e Melissa, que agora jogavam uma partida de "Risk" na sala de estar.

– Alô – disse Dori, distraída.

– Dori, é Gavin. Como estão as coisas?

– Está tudo ótimo – respondeu ela, sentindo uma satisfação irracional por ele ter telefonado. – Eles tiveram sua primeira briga, mas se reconciliaram maravilhosamente bem.

– O que aconteceu?

– Melissa queria experimentar a minha maquiagem e Danny ficou muito decepcionado ao vê-la se comportando como uma menina.

– Você disse a ele que vai chegar a hora em que ele vai gostar de meninas se comportando como meninas?

– Não. – Dori apertou o fone com força. Gavin estava a milhares de quilômetros de distância de Seattle. O súbito prazer que sentiu ao ouvir a voz dele fez com que ela se sentisse grata por ele não estar ali para testemunhar o efeito que provocava nela. – Danny não teria acreditado, não vindo de mim.

– Eu direi a ele. Em mim Danny acreditará.

Era verdade. Se havia alguma coisa errada naquele relacionamento era o fato de Danny idealizar Gavin. Um dia, Gavin cairia do pedestal altíssimo em que o garoto o colocara. Nenhum homem conseguiria respirar confortavelmente em uma atmosfera tão rarefeita. Dori só esperava que, quando chegasse o dia da queda, o filho não saísse machucado.

– Está se divertindo com suas fãs? – perguntou ela, apoiando-se na parede da cozinha.

Ele riu e o som provocou um arrepio de prazer em Dori.

– Não tem medo de que haja uma mulher no quarto comigo?

– Medo nenhum – respondeu ela honestamente. – Você dificilmente telefonaria para cá se isso fosse verdade.

– Você é esperta demais para o seu próprio bem – repreendeu Gavin afetuosamente. Então fez uma pausa e o coração de Dori acelerou. – Vocês irão para São Francisco conosco, não é?

– Sim.

– Ótimo. – Nenhuma palavra jamais havia soado tão sensual aos ouvidos de Dori.

Ela endireitou o corpo rapidamente, assustada com a intensidade de suas emoções.

– Gostaria de falar com Melissa?

– Como ela está se comportando?

– Como previsto.

Gavin riu.

– Quer que eu fale com ela a respeito?

Ele obviamente estava satisfeito por a filha estar se comportando como imaginara.

– Não. Danny com certeza passará horas exaltando as minhas virtudes na próxima vez em que você sair com ele.

– Vou esperar ansioso...

– Aposto que sim. – Ainda rindo, Dori deixou o telefone de lado e chamou Melissa, que veio correndo atender ao pai. Transbordando de entusiasmo, a garota contou ao pai os eventos do dia, enquanto Danny se agitava dramaticamente atrás, instruindo Melissa a contar a Gavin sobre os gols que ele fizera naquela tarde. No fim, o próprio Danny teve a oportunidade de contar as novidades. Quando as crianças terminaram de falar, Dori pegou novamente o fone.

– Eles não fizeram sua orelha cair?

– Quase. A propósito, devo conseguir pegar um voo cedo aqui, no domingo, depois do jogo.

Dori não via Gavin desde o dia em que saíra com Tom e, por mais que detestasse admitir, queria passar algum tempo com ele antes de viajarem para São Francisco.

– Quer que peguemos você no aeroporto?

– Se você puder.

– Vou ver se consigo dar um jeito...

Antes de encerrar a conversa, Dori anotou o número do voo de Gavin e a hora da chegada.

Na tarde seguinte, os três estavam sentados no setor de desembarque da Sea-Tac International. Eles haviam chegado cedo e Dori se pegou checando várias vezes o relógio, menos por curiosidade sobre a hora e mais por nervosismo pela espera. Ela sabia que estava se comportando quase como uma adolescente apaixonada. Até mesmo a escolha da roupa que usaria para ir ao aeroporto fora extraordinariamente difícil – ela se debatera entre uma saia de lã na altura dos joelhos, com botas altas de couro preto, ou alguma coisa menos formal. No fim, acabara optando por uma calça lilás de veludo cotelê e um pulôver castanho.

– O avião do papai acaba de pousar. – Melissa apontou para o monitor e ficou de pé.

Dori retirou um fiapo imaginário do pulôver e se amaldiçoou por estar se sentindo tão feliz por Gavin ter chegado são e salvo. Com as crianças paradas ao seu lado, as mãos pousadas sobre os ombros delas, Dori se obrigou a colocar um sorriso no rosto. O já habitual rubor aqueceu seu

rosto e ela afastou o cabelo da testa, constrangida. Gavin foi o terceiro passageiro a sair.

– Papai! – Melissa disparou e abraçou o pai com força.

Danny a seguiu mais tímido e estendeu a mão para que Gavin apertasse.

– Seja bem-vindo sr. Parker – disse ele educadamente.

– Obrigado, Danny. – Gavin apertou a mão do garoto com a seriedade de um homem fechando um negócio de 1 milhão de dólares.

– Como foi o voo? – Dori se adiantou, mantendo os braços obedientemente ao lado do corpo, lutando contra o impulso de cumprimentar Gavin com a mesma impetuosidade de Melissa.

Gavin trazia o casaco pendurado em um dos braços e carregava uma pequena bolsa de viagem na outra mão. As olheiras sob seus olhos deixavam claro que ele estava exausto. Mesmo assim, Gavin deu um sorriso caloroso para Dori.

– O voo foi ótimo.

– Achei que você havia dito que ele a beijaria – sussurrou Danny indignado para Melissa. As duas crianças estavam paradas bem perto de Dori e Gavin.

– Aqui é público demais... eu acho – sussurrou Melissa de volta, lançando um olhar acusador para o pai.

Gavin arqueou as sobrancelhas e estendeu o braço para Dori.

– É melhor não desapontá-los – murmurou ele –, ou teremos que ouvir a respeito disso durante a semana toda.

O braço esticado era o convite de que Dori precisava. Nunca um único passo pareceu tão distante... ou tão próximo. Gavin sustentou o olhar de Dori com determinação, enquanto ela encontrava abrigo em seus braços. Ele passou a mão pela nuca de Dori, trazendo-a mais para perto. Os dedos longos se perderam no cabelo dela, enquanto ele aproximava a boca lentamente dos lábios entreabertos. Conforme a distância entre os dois diminuía, Dori fechou os olhos, mais ansiosa por aquele beijo do que tinha o direito de estar. Ela sentiu o coração disparar no peito e umedeceu os lábios. Então ouviu Gavin prender a respiração quando sua boca capturou a dela.

As mãos dela pareciam se mover por vontade própria sobre os músculos do peito e dos ombros de Gavin, até seus dedos encontrarem a nuca dele. No instante seguinte, o beijo se tornou mais exigente; o toque, firme e experiente. A pressão das mãos dele na nuca de Dori fez com que ela ficasse na ponta dos pés, forçando o corpo a ficar completamente colado ao corpo forte dele. O som da bolsa de viagem de Gavin caindo no chão mal foi registrado pelos sentidos embotados de Dori. Ela também não ofereceu resistência quando ele a abraçou com tanta força que quase a deixou sem fôlego. Tudo o que conseguia sentir, saborear, cheirar, era Gavin. Ele já a beijara antes, mas nunca daquele jeito, como se centenas de estrelas estivessem deixando um rastro pelo céu em uma noite escura.

Dori lutou para não ceder ao magnífico show de luzes, para não corresponder com toda a emoção que sentia. Precisava resistir. Do contrário, Gavin descobriria tudo.

Ele interrompeu o beijo e enfiou o rosto no cabelo dela.

– Esse beijo tem que receber nota 10 – murmurou Gavin, com a voz rouca.

– Um 9 – insistiu ela, em um tom débil. – Quando tivermos um 10, estaremos encrencados de verdade.

– Ainda mais se estivermos em um aeroporto.

Gavin relaxou o abraço, mas passou a mão pela cintura dela, trazendo-a mais para perto.

– E então, crianças, estão felizes agora?

– Deixou cair a sua bolsa, sr. Parker. – Danny levantou a bolsa e olhou animado para Melissa. O garoto sorria de orelha a orelha.

– É verdade – falou Gavin, pegando a bolsa. – Obrigada por pegá-la.

– Dori deixou um assado no forno – informou-o Melissa. – Para o caso de você estar com fome. Eu disse a ela como você voltava faminto para casa depois desses trabalhos.

– Seu pai está cansado, Melissa. Receberei vocês dois para jantar outro dia.

– Eu agradeço – disse Gavin a Dori, acariciando-a com o olhar. – Estou acordado há 30 horas.

Um sorrisinho involuntário curvou os cantos da boca de Dori. Ela não passara tantos anos casada com Brad sem ter ideia de como um homem pensava e se comportava fora de casa.

Os olhos de Gavin ficaram mais escuros, como se ele esperasse um comentário sarcástico.

– Nenhum comentário?

– Nenhum comentário – repetiu ela, com a voz tranquila.

– Não está preocupada com quem eu estava?

– Eu sei... ou ao menos acho que sei – emendou Dori.

Gavin hesitou, olhando-a com incredulidade.

– Você acha que sabe? – perguntou ele.

– Bem, não tenho certeza, mas tenho um bom palpite.

– Preciso ouvir isso. – A mão dele apertou a cintura dela com mais força. – E então?

Danny e Melissa os observavam preocupados. Os dois estavam obviamente desapontados por Dori não demonstrar nenhum sinal de ciúme. Era claro que ambos haviam presumido que Gavin estivera com outra mulher. Dori duvidava disso. Se fosse verdade, ele não teria mencionado o assunto tão abertamente. Ainda mais na frente das crianças.

– Acho que você saiu com alguns amigos do futebol para tomar cerveja, comer pretzels e jogar pôquer.

A expressão presunçosa de Gavin lentamente se transformou em um olhar confuso, as sobrancelhas franzidas.

– Foi exatamente o que eu fiz...

Dori não conseguiu disfarçar o orgulho por ter acertado.

– Sinceramente, Gavin, não era difícil de descobrir. Tenho mais de 30 anos, já fui casada. Sei como os homens pensam.

– E os homens são todos iguais... – provocou ele.

– Não – ela disse, tentando com todas as forças permanecer séria. – Mas estou começando a conhecer *você*. Quando parar de me perguntar se estou preocupada com quem você estava, então ficarei realmente preocupada.

– Você se acha muito esperta, não é?

– Não. – Ela balançou a cabeça. – Os homens eu consigo entender. São as crianças que sempre me surpreendem.

Ele continuou a abraçá-la enquanto desciam o longo caminho para sair do aeroporto. Melissa e Danny dispararam na frente.

– Eles causaram problemas nesse fim de semana? – Gavin apontou as duas crianças com a cabeça.

– Nada com que eu não pudesse lidar.

– Tenho a sensação de que há muito pouco com que você não consiga lidar.

Dori desviou o olhar, constrangida. Havia tantas coisas que ela não sabia, tantas coisas que a assustavam... E o motivo principal de seus medos estava caminhando bem ao lado dela, abraçando-a como se aquilo fosse a coisa mais natural do mundo, como se ele pretendesse abraçá-la pelo resto da vida. Mas Dori sabia que isso não era verdade.

CAPÍTULO SETE

A CAMPAINHA do bonde soou enquanto Dori, Melissa e Danny se penduravam precariamente na lateral. Uma nebulosidade baixa se dissipava lentamente sob os raios alegres do sol do início da tarde.

– Quando vamos ao Ghiradelli's? – Melissa quis saber. – Adoro chocolate.

– Eu também – concordou Danny, ansioso.

– Logo – prometeu Gavin –, mas eu disse a Dori que primeiro nós iríamos ao Fisherman's Wharf.

– Desculpe, crianças. – Embora estivesse se desculpando, não havia arrependimento algum na voz de Dori. A encantadora cidade de São Francisco era tudo de que ela se lembrava e mais um pouco. As ruas íngremes e estreitas, as casas vitorianas pintadas em cores fortes, a baía de São Francisco e a ponte Golden Gate. Dori duvidava que algum dia conseguisse se cansar da graça e da beleza daquela cidade magnífica.

Eles haviam chegado no Dia de Ação de Graças e ido diretamente para um hotel luxuoso no centro da cidade. Gavin havia reservado uma enorme suíte com dois quartos interligados e uma sala imensa entre eles. Depois de um jantar preguiçoso de peru com todos os acompanhamentos típicos do feriado, eles foram para a cama – Gavin e Danny em um quarto e Dori e Melissa no outro, todos ansiosos para explorar a cidade na manhã seguinte.

Depois de um dia cheio, visitando o Parque Golden Gate, descendo de carro a Lombard Street com suas famosas curvas a 90º e passeando pelo Fisherman's Wharf, eles voltaram para a suíte no hotel.

Melissa se sentou em uma poltrona e esfregou os pés inchados.

– Estou com uma bolha enorme – reclamou ela, bem alto. – Acho que nunca andei tanto em toda a minha vida. Não há nada que eu queira mais do que assistir a um pouco de TV e depois ir direto para a cama. – A garota deu um suspiro exagerado e olhou para Danny, que retornou o olhar sem parecer compreender. Quando ele não respondeu imediatamente, Melissa sussurrou alguma coisa que Dori não conseguiu entender e o cutucou com o cotovelo.

– Ah, eu também – concordou Danny abruptamente. – Tudo o que eu mais quero fazer é dormir.

– Vocês dois terão que continuar sem nós – continuou Melissa, com uma expressão de mártir. – Por mais que quiséssemos nos juntar a vocês, provavelmente será melhor ficarmos aqui.

O olhar de Gavin encontrou o de Dori e ele revirou os olhos. Dori teve dificuldade de conter o riso. Os dois pequenos casamenteiros estavam aprontando de novo.

– Mas não podemos, de forma alguma, deixar vocês sozinhos e sem jantar – disse Dori, com uma voz preocupada.

– Não estou com tanta fome assim. – Pela primeira vez Danny pareceu inseguro. Ele nunca

ficara sem jantar na vida e ultimamente seu apetite parecia prestes a levar Dori à falência. Para Danny, se oferecer para ficar sem jantar era o sacrifício máximo.

– Não se preocupem conosco, vamos pedir o serviço de quarto – disse Melissa, com a tranquilidade casual de quem estava acostumada a viajar. – Vão vocês dois sozinhos. Nós insistimos, não é, Danny?

– Isso mesmo.

Quando finalmente Dori acabou de tomar banho e se vestir, Danny e Melissa estavam debruçados sobre o cardápio do serviço de quarto com a voracidade de duas pessoas que jamais haviam comido na vida. Gavin parecia estar levando a armação tão transparente das crianças com bom humor, mas Dori não estava tão confiante. Eles haviam tido dois dias maravilhosos juntos. Gavin já morara em São Francisco e fora um guia maravilhoso. Se ele havia esperado que Melissa e Danny tivessem uma overdose da companhia um do outro, seu plano falhara de forma sensacional. Os dois nunca haviam se entendido melhor.

Depois de checar o conteúdo da bolsa, Dori se sentou na beira da cama e calçou os sapatos de couro importado. Então se levantou e alisou a saia. Sua pulsação estava loucamente acelerada e ela pousou a mão sobre o coração e respirou fundo para se acalmar. Sentia calor e frio, empolgação e apreensão, tudo ao mesmo tempo. Quando se lembrou de como fora fria a respeito do primeiro encontro para jantar dos dois, só ficou ainda mais aflita. Fora na noite das lutas de boxe, e Dori se lembrou de como não se importara muito com o que iria usar. Dez minutos antes da hora marcada para Gavin chegar, ela passara uma última camada de esmalte nas unhas. Agora, estava mais nervosa do que jamais se sentira. Já repensara a roupa que iria usar umas 20 vezes nos últimos 20 minutos. O vestido simples, de seda verde, era o melhor que tinha, mas não estava na última moda. Gavin estava acostumado com mulheres muito mais experientes e sofisticadas do que ela jamais teria a esperança de se tornar. Para aumentar sua autoconfiança, Dori colocou seus brincos de ouro e retocou o batom. Enquanto segurava com força a pia do banheiro, ela forçou um sorriso nos lábios rígidos e soltou o ar que estava prendendo sem querer. Não havia dúvidas, estava se apaixonando por Gavin Parker. Nada poderia ser pior. Nada poderia ser mais maravilhoso, respondeu seu coração.

Quando Dori voltou a entrar na sala de estar da suíte, Melissa e Danny estavam esparramados no tapete, em frente à televisão. Danny olhou distraidamente para a mãe e voltou a olhar para a tela, mas Melissa a examinou de cima a baixo.

– Uau! – murmurou a garota, endireitando o corpo. Os olhos dela se arregalaram em admiração. – Você está...

– Encantadora. – Gavin terminou a frase para a filha, os olhos parecendo acariciar Dori, subindo pelos lábios dela, passando pelo volume dos seios e descendo.

– Obrigada. – A voz de Dori saiu como um sussurro. Sentia vontade de se afogar nos olhos dele. Queria estar nos braços de Gavin. Um longo silêncio se estendeu entre eles e Dori desviou os olhos, sentindo o coração ainda mais acelerado.

– Não se preocupem conosco – disse Melissa, confiante.

– Vamos estar lá embaixo se precisarem de alguma coisa – murmurou Gavin, pegando Dori pelo cotovelo.

– Comporte-se, Danny.

– Está bem – respondeu ele, sem desviar os olhos da tela da TV.

– E não deixem o quarto por nenhum motivo – alertou ela.

– E se houver um incêndio?

– Vocês sabem o que queremos dizer – respondeu Gavin por Dori.

– Não se apressem por nossa causa – falou Melissa, apoiando o queixo em uma das mãos enquanto continuava deitada sobre o tapete. – Danny e eu provavelmente vamos estar dormindo antes de o programa terminar.

Danny abriu a boca para protestar, mas voltou a fechá-la diante do olhar firme de Melissa.

Gavin abriu a porta para Dori, que deu um sorriso por sobre o ombro.

– Divirtam-se, vocês dois.

– Vamos nos divertir – responderam eles em coro.

Quando a porta foi fechada, Dori pensou ter ouvido um grito de triunfo.

Gavin deu uma risadinha e passou a mão pela cintura dela, guiando-a até o elevador.

– Juro que esses dois têm a sutileza de um elefante.

– Eles realmente pareceram um pouco óbvios.

– Só um pouco... No entanto, dessa vez não vou me importar de ficar a sós com você. – Ele passou a mão pelas costas dela, acariciando suavemente a seda do vestido. Lentamente, seus dedos subiram para os ombros de Dori. A cabeça dele estava tão próxima que ela podia sentir seu hálito contra a nuca. Dori não sabia que tipo de jogo Gavin estava jogando, mas seu coração parecia ansioso demais em participar.

Quando ouviu o som do elevador se aproximando, Gavin endireitou o corpo. A mão nas costas de Dori a guiou para dentro do elevador e ele apertou o botão para o andar onde iriam descer.

Dentro do restaurante, o *maître* os levou até uma mesa coberta por uma toalha de linho, no centro de um salão espaçoso, e puxou a cadeira para que Dori se sentasse. Ela sorriu em agradecimento, sentou-se, aceitou o cardápio e examinou a variedade de pratos sugeridos. Sentia a boca seca e, a julgar pelo estado de seus nervos, duvidava que alguma coisa fosse lhe abrir o apetite.

Logo que eles estavam sentados e confortáveis, o *sommelier* se aproximou da mesa.

– É o sr. Parker? – perguntou ele.

– Sim. – Gavin ergueu os olhos do cardápio.

O homem estalou os dedos e logo traziam um balde de prata polida para a mesa. Acomodado no meio de um berço de cubos de gelo estava uma garrafa de champanhe francês.

– Eu não pedi isso. – Gavin franziu o cenho, surpreso.

– É verdade, senhor. O champanhe vem com os cumprimentos de Melissa e Danny, do quarto 1423. – O homem retirou a garrafa com destreza do balde e a estendeu para que Gavin examinasse. Quando viu o rótulo, Gavin ergueu as sobrancelhas.

– Uma excelente escolha – murmurou ele.

– Tem razão – concordou o *sommelier*. Com ainda mais destreza ele abriu o champanhe e serviu uma prova na taça de Gavin. Depois de receber a aprovação do cliente, o homem encheu as duas taças e se afastou.

Gavin ergueu a taça para um brinde.

– A Melissa e Danny.

– Aos nossos filhos. – A resposta de Dori acabou soando mais íntima do que ela pretendera.

O champanhe desceu suavemente pela garganta de Dori e relaxou sua tensão. Ela fechou os olhos e saboreou a acidez borbulhante.

– É maravilhoso – sussurrou Dori, pousando o copo sobre a mesa. – Como Melissa e Danny souberam como pedir um champanhe tão fantástico?

– Eles não souberam. Tenho a impressão de que simplesmente encomendaram o mais caro.

As mãos de Dori ficaram tensas ao redor da taça.

– Oh, Deus, essa bebida deve custar uma fortuna. – Ela sentiu o rosto ruborizar. – Escute, deixe que eu pago a metade. Estou certa de que Danny tem alguma coisa a ver com isso; ele sabe que adoro champanhe. É a minha grande fraqueza.

– Você não vai pagar por nada – insistiu Gavin, com uma severidade zombeteira. – O champanhe é um presente e, se você voltar a mencionar isso, vou ficar ofendido.

– Mas, Gavin, essa garrafa talvez custe uns 500 dólares, eu não posso...

– Vamos discutir? – A voz dele era baixa.

Dori sentiu o coração bater mais forte ao reparar no modo como ele a observava.

– Não – respondeu ela finalmente. – Concordo em não discutir, mas sob protesto.

– Você tem alguma outra fraqueza que eu desconheço? – perguntou Gavin, em uma voz aveludada.

Você!, a mente dela disparou inesperadamente. Dori se esforçou para manter a compostura, deu de ombros e abaixou os olhos para o líquido dourado e borbulhante.

– *Bouillabaisse*.

Alguma coisa semelhante a um sorriso se desenhou no rosto de Gavin, quando fez sinal para chamar o garçom e pediu o ensopado provençal que era preparado com ao menos oito tipos diferentes de frutos do mar. Gavin também pediu uma salada de palmito. O garçom pegou os cardápios das mãos deles e se afastou. Logo depois, o *sommelier* voltava para encher mais uma vez as taças de champanhe.

Dori relaxou na cadeira e apoiou os cotovelos sobre a mesa. O champanhe já estava subindo à sua cabeça. Ela sentia um calor gostoso se espalhando por seu corpo.

A *bouillabaisse* era uma das melhores que Dori já experimentara e o vinho que Gavin pedira para acompanhar a refeição era suave e agradável.

Enquanto se demoravam sobre as xícaras de café forte, Gavin falou abertamente sobre si mesmo pela primeira vez desde a noite em que descrevera seu casamento. Ele conversou sobre sua posição na empresa de computadores e sobre as muitas viagens que às vezes precisava fazer. O trabalho era perfeito para ele, pois lhe dava liberdade para continuar a transmitir jogos durante a temporada de futebol americano. Poder determinar suas próprias horas de trabalho era um benefício de ser um dos donos da empresa. Ele falou sobre seus objetivos para o futuro, sobre o amor pela filha e dos sonhos que tinha para Melissa.

O olhar de Gavin ao falar da menina era comovente de um modo que Dori jamais esperara ver nele. Havia um anseio profundo e intenso naquele olhar, um anseio pelo bem-estar e pela felicidade futura de quem ele amava. Gavin não mencionou o passado, ou as glórias dos tempos que passara nos campos de futebol americano. Também não mencionou Deirdre.

Todo o corpo de Dori estava consciente da presença de Gavin, cada nervo, cada célula. Dori nunca esperara voltar a se sentir tão próxima de outro ser humano. Ela viu em Gavin uma

ternura e uma vulnerabilidade que ele raramente expunha. Nos últimos meses, com frequência Gavin se retraía bem no momento em que Dori estava começando a compreendê-lo. O fato de estar dividindo confidências com ela deixava claro que ele agora confiava nela e a respeitava, o que enchia Dori de alegria.

O garçom se aproximou com um bule de café e Dori balançou a cabeça, recusando.

Gavin relanceou o olhar para o relógio.

– Devemos ousar voltar para a suíte? Só passamos duas horas fora.

Do jeito como Dori estava se sentindo, não havia lugar seguro àquela noite, não se estivesse com Gavin. Ela queria tanto estar nos braços dele que quase antecipava seu toque. Buscou uma desculpa para se demorar mais.

– Eles vão ficar terrivelmente desapontados se voltarmos cedo demais.

– Há um grupo tocando no salão – disse Gavin. – Gostaria de dançar?

– Sim. – A voz dela tremeu levemente com uma compreensão renovada do que sentia. – Eu gostaria.

Gavin não procurou por uma mesa quando entraram no salão. Uma música suave e melodiosa estava tocando e ele levou Dori diretamente para a pista de dança, onde a tomou nos braços.

Dori deixou escapar um longo suspiro. Então entrelaçou os dedos ao redor do pescoço dele e colou o rosto à linha firme do maxilar de Gavin. Seus corpos estavam tão próximos que Dori podia sentir o ritmo irregular do coração dele, e reconheceu que o seu também batia com força. Eles só fingiram dançar, abraçando-se com tanta força que por alguns segundos era impossível respirar. Dori fez um esforço, respirou fundo e fechou os olhos para mergulhar na plenitude de emoções que a dominavam. Vinha lutando há semanas contra seus sentimentos por Gavin. Não queria se apaixonar por ele. Ali, naqueles poucos momentos desde que ele a tomara nos braços, ela soube que era tarde demais. Amava Gavin. Completa e irremediavelmente. Mas, se admitisse seu amor naquele momento, só o intimidaria. Sua intuição lhe dizia que Gavin não estava pronto para aceitar os sentimentos dela ou para reconhecer os próprios sentimentos. Se perseguisse agora aquela minúscula fagulha, poderia acabar extinguindo-a antes que ela sequer tivesse a chance de arder com plenitude.

– Dori. – A emoção crua na voz dele fez o coração dela derreter. – Vamos sair daqui.

– Sim – sussurrou ela.

Gavin a guiou para fora da pista de dança, do salão, e atravessou com ela a recepção fervilhante de pessoas. Ele hesitou por um instante, aparentemente sem saber para onde deveriam ir.

– As crianças já devem estar na cama – lembrou Dori, em uma voz suave.

O elevador estava vazio e, assim que as portas pesadas se fecharam, Gavin a tomou nos braços.

Dori, que ansiava desesperadamente pelo beijo dele, abriu um sorriso ousado. Ela viu os olhos de Gavin escurecerem de paixão quando ele abaixou a cabeça. Dori se ergueu na direção dele e seus lábios se encontraram com todo o desejo que aquela noite provocara. Gavin a beijou com uma ternura firme até ambos estarem ofegantes e o elevador parar.

Ele deixou escapar um suspiro profundo e a abraçou com mais força, colando-a mais ao seu corpo.

– Se você me beijar desse jeito toda vez que entrarmos em um elevador, jamais vamos sair

dele.

– Era isso o que eu temia – murmurou Dori, olhando profundamente dentro dos olhos dele.

Gavin ficou em silêncio por algum tempo.

– Então talvez devêssemos sair agora, enquanto ainda podemos. – Ele relaxou um pouco a mão que a segurava com força quando os dois saíram do elevador.

Não havia luz sob a porta da suíte deles, mas Dori duvidava que fossem realmente ter privacidade. Sem dúvida Melissa e Danny estavam colados às portas de seus quartos, ansiosos para documentar a maior intimidade possível entre os pais de ambos.

Gavin abriu a porta silenciosamente. A sala estava às escuras, a pouca luz que havia vinha da lua crescente que brilhava além das janelas. Eles entraram na suíte, o braço de Gavin ao redor da cintura dela. Ele se virou, fechou a porta, encostou-a ali e pressionou o corpo contra o dela, seu olhar sustentando o de Dori sob a pálida luz do luar.

– Eu não deveria beijá-la aqui – murmurou Gavin, com a voz rouca, como se quisesse que ela recusasse.

Dori não conseguiu encontrar palavras para dissuadi-lo... ela o desejava demais. O momento pareceu se estender. Então, muito lentamente, Dori ergueu as mãos para acariciar o maxilar tenso de Gavin. Os dedos dela deslizaram pelo cabelo cheio e escuro e ela ficou na ponta dos pés para dar um beijo suave nos lábios dele. A pressão foi tão leve que os lábios dos dois mal se tocaram.

Lentamente, a boca de Gavin se moveu sobre a dela, em uma exploração sofisticada, indo delicadamente de um lado dos lábios de Dori ao outro. A sensualidade absoluta do beijo a fez estremecer. Ela deixou escapar um suspiro do mais puro encantamento. O gemido baixo logo foi seguido por outro quando a boca de Gavin capturou a dela em uma erupção de paixão e desejo nova e súbita. Dori pensara que aqueles sentimentos, aquelas sensações, haviam morrido com Brad. Ela desejava Gavin. Não conseguiria detê-lo se ele a erguesse nos braços e a carregasse para o quarto. Essa constatação a chocou.

Gavin acariciou as curvas dos ombros dela, enquanto a provocava com mordidinhas sensuais nos lábios. Os dedos dele se perderam no cabelo de Dori, e ele deixou a boca roçar todo o rosto dela, os olhos, o nariz, arranhando o queixo de Dori com a barba cerrada. Ela o sentiu estremecer e segurou a cabeça dele próxima a sua enquanto ofegava. A ânsia por experimentar o toque íntimo das mãos e da boca de Gavin a dominou. Mas ele se controlou e Dori tinha certeza de que isso exigira um grande esforço.

– Se você der nota 10 para esse beijo, estaremos muito encrencados – murmurou Gavin, bem perto do ouvido dela.

– Então estamos muito encrencados.

– Foi o que pensei. – Mas ele não a soltou.

– Conhecendo Danny, imagino que ele provavelmente tirou fotos dessa breve demonstração de afeto. – Um langor delicioso se espalhava lentamente pelos membros dela.

– E, conhecendo Melissa, diria que com certeza foi ela quem emprestou a câmera a ele. – Lentamente, os braços dele relaxaram ao redor dela.

– Você acha que eles vão tentar nos chantagear? – perguntou ela, tentando encerrar a noite em um tom leve.

– Duvido – sussurrou Gavin. – De qualquer modo, tenho a defesa perfeita. Acredito que

podemos atribuir o que aconteceu esta noite ao champanhe caro e à excelente diversão, não concorda?

Não, ela não concordava. Mas Dori não discutiu. Ela sabia que aquele sentimento entre eles estava presente desde o momento em que haviam embarcado no avião em Seattle. Gavin quisera tanto ficar sozinho com ela naquela noite quanto Dori ansiara por estar com ele. Os beijos haviam sido uma consequência natural dessa descoberta.

Dori decidiu que não responder era melhor do que contar uma mentira, por isso fingiu um bocejo exagerado e murmurou:

– Acho melhor eu ir para a cama. Foi um longo dia.

– Sim – Gavin concordou rápido demais. – E amanhã teremos um dia tão cheio quanto hoje.

Eles se separaram no meio do quarto, indo para direções opostas na direção dos respectivos quartos. Dori se despiu no escuro, com medo de acordar Melissa – que realmente estava dormindo. E, mesmo se não estivesse, Dori não estava com vontade de responder as perguntas da menina.

Ela ergueu com cuidado as cobertas da cama de casal, enfiou-se entre os lençóis e se acomodou em uma posição confortável. Ficou observando as sombras brincando na parede oposta, enquanto se atormentava com dúvidas e recriminações. Gavin atribuíra a intensa atração que sentiam um pelo outro ao champanhe. Ela se perguntava o que ele diria se voltasse a acontecer. E voltaria. Eles haviam chegado longe demais para voltar agora.

NA TARDE seguinte, Melissa, Danny e Dori sentaram-se diante da TV para assistir ao San Francisco 49ers jogar contra o Denver Broncos. Dori não tinha nenhum interesse especial por futebol americano e sabia muito pouco a respeito. Mas ela nunca havia assistido a um jogo narrado por Gavin. Agora, ouvia com orgulho e atenção os comentários dele, apreciando pela primeira vez os enormes conhecimentos que ele tinha de esportes.

Outro ex-jogador também muito conhecido era o parceiro de locução de Gavin e os dois trocavam piadas e gracejos livremente. No intervalo, a câmera de TV mostrou os dois homens sentados na cabine de transmissão. Gavin ergueu um bloco onde se via escrito: “Oi, Melissa! Oi, Danny!”

As crianças quase enlouqueceram de alegria e Dori os observou feliz. Aquele fim de semana de quatro dias fora inesquecível para ela. Tudo fora perfeito... talvez até demais.

Gavin voltou para o hotel muitas horas depois do fim do jogo. Os ombros largos estavam levemente curvados e ele esfregou os olhos com as mãos. Seu olhar evitou o de Dori quando cumprimentou as crianças e ele logo afundou pesadamente em uma cadeira.

– Você foi ótimo! – disse Danny, com entusiasmo indisfarçado.

– É verdade, papai! – O orgulho na voz de Melissa era evidente.

– Vocês só estão dizendo isso porque o 49ers venceu e os dois torcem por ele. – Gavin deu um sorriso que não alcançou seus olhos.

– Posso lhe servir alguma coisa, Gavin? – Dori ofereceu com uma voz calma, sentando em frente a ele. – Você parece exausto.

– Estou mesmo. – O olhar de Gavin encontrou o dela pela primeira vez desde que ele voltara. A expressão que viu nos olhos escuros fez Dori prender a respiração; mas, tão rápido como

surgira, a expressão desapareceu, como se uma cortina invisível a houvesse escondido. – Não quero nada, obrigado. – O modo como Gavin falou fez Dori se perguntar se ele estava se referindo a ela. Naquela manhã, ele fora frio e eficiente, mas Dori atribuíra o comportamento de Gavin ao jogo de futebol que ele iria narrar. Com certeza devia estar preocupado. Ela não esperara que ele a tomasse nos braços e não ficara desapontada quando ele não o fizera. Ao menos fora o que dissera a si mesma...

Melissa se sentou no tapete, aos pés do pai.

– Danny e eu sabíamos que você chegaria cansado, por isso encomendamos uma pizza. Assim você e Dori podem sair novamente essa noite e ficar um pouco sozinhos. – O nervosismo mal disfarçado na última palavra fez Dori ruborizar.

Ela abriu a boca para protestar, mas logo voltou a fechá-la. Com certeza não estava pronta para repetir a performance da noite anterior, mas queria ouvir o que Gavin pensava da ideia. Os olhos dele se voltaram para ela, e se estreitaram por um breve instante, como se ele a estivesse desafiando a aceitar ou recusar.

– Não – protestou Dori rapidamente, a voz baixa. – Tenho certeza de que seu pai está muito cansado. Vamos todos comer pizza.

– Está certo. – Melissa ficou de pé, ansiosa para cooperar com a decisão de Dori. – Danny e eu vamos pegá-la, então. A pizzaria fica a apenas dois quarteirões daqui.

– Eu vou com vocês – falou Dori, que não queria as duas crianças andando sozinhas pelas ruas depois de escurecer.

Uma mão a deteve, e Dori se virou e viu Gavin a examinando. A boca dele estava retorcida; os olhos, ardentes.

– Qual é o problema? – perguntou Gavin.

Ela o encarou por algum tempo, avaliando o sutil desafio na pergunta dele.

– Nada – retrucou Dori calmamente. – Você não queria sair, não é?

– Não.

– Então por que está me olhando como se eu houvesse cometido uma gafe terrível? – Dori inclinou a cabeça para um lado, sem entender a mudança que ocorrera em Gavin.

– Você está zangada porque eu não coloquei seu nome junto com o das crianças na placa que levantei essa tarde.

Dori ficou boquiaberta de choque.

– É claro que não estou! Que loucura! – Gavin não podia acreditar que algo tão banal fosse aborrecê-la, poderia?

Mas aparentemente ele poderia, sim. Gavin soltou o braço dela e apoiou o corpo contra a cadeira.

– As mulheres são todas iguais. Vocês querem atenção, e atenção em rede nacional é ainda melhor. Certo?

– Errado! – Ela recuou um passo, espantada com a dureza na voz dele. Não sabia como reagir quando Gavin estava com esse humor e, a julgar pela expressão teimosa nos olhos dele, Dori não esperou que fosse melhorar tão cedo.

Os pensamentos dela foram proféticos. Gavin estava retraído e incomumente quieto no voo de volta para casa na manhã seguinte. Ele também não telefonou para ela nos dias que se seguiram. Durante o mês anterior, Gavin telefonara para Dori duas vezes por semana, às vezes até três.

Agora havia apenas silêncio. O pior era que ela se pegava esperando pelo telefonema dele. Sua própria reação a enfurecia mais do que o silêncio de Gavin. Mesmo assim, Dori achava que compreendia o motivo dele para não entrar em contato. Ela também percebeu que não deveria telefonar para ele. Talvez Gavin esperasse que ela fizesse isso, talvez até mesmo desejasse que ela telefonasse. Mas Dori não faria isso. Não poderia. Gavin estava lutando contra seus sentimentos por ela. Ele sabia que o que acontecera entre os dois naquela noite em São Francisco não poderia ser atribuído ao excesso de champanhe, e isso o assustava. Não poderia vê-la, com medo do que diria ou faria. Era mais simples inventar algum falso ressentimento, culpá-la por algum erro imaginário.

Na sexta-feira de manhã, depois de uma semana de silêncio, Dori estava sentada em sua mesa no trabalho, com o olhar perdido no espaço.

– Você e Gavin vão sair juntos esse fim de semana? – perguntou Sandy, erguendo a sobrancelha delicada.

Dori voltou a atenção para a apólice de seguros domésticos que estava em sua mesa.

– Esse fim de semana, não.

– Gavin vai narrar outro jogo de futebol?

– Não sei – respondeu Dori, com a mesma expressão.

– Vocês dois brigaram ou alguma coisa parecida?

– Alguma coisa parecida – resmungou Dori secamente.

– Dori. – Os olhos de Sandy ficaram muito sérios. – Você não estragou esse relacionamento, não é? Gavin Parker é perfeito para você. Seja o que for que tenha acontecido, conserte. O peixe é rico demais e bonito demais para ser jogado de volta ao mar. Puxe a linha com muito cuidado, Dori.

Dori teve que engolir uma resposta irritada que já estava na ponta de sua língua. Nunca pensara em Gavin como um peixão, e não gostava da sugestão cínica de que deveria puxar a linha com cuidado para pescá-lo, ou correria o risco de perdê-lo. A relação de ambos nunca existira nesses termos. Nenhum dos dois estava procurando por nada permanente – ao menos não no começo.

O humor de Dori não melhorara nada quando ela chegou em casa.

Danny estava jogado no sofá, com os pés apoiados no encosto, a cabeça tocando o chão.

– Oi, mãe.

– Oi. – Ela desenrolou o cachecol do pescoço e desabotoou o casaco. Então enfiou o cachecol na manga do casaco e procurou um lugar para pendurá-lo.

– Não vai me perguntar sobre a escola?

– Como foi na escola? – Pela primeira vez em anos, Dori não se importava. Afundar-se em uma banheira quente a interessava muito mais. Aquele humor a estava enfurecendo.

– Bem.

Dori fechou a porta do armário.

– O que foi bem?

Danny desembaraçou os braços e pernas do sofá e se sentou para encarar a mãe.

– A escola. – Ele inclinou a cabeça e a encarou perplexo. – Está se sentindo mal?

Era tão fácil mascarar a verdade. Ela estava doente do coração, desiludida e cheia de dúvidas. Não queria ver Gavin nunca mais e, mesmo assim, estava louca para receber notícias dele.

Qualquer coisa. Um cartão de Natal já serviria, um cartão de visita deixado na porta dela, um carta passando adiante uma corrente. Qualquer coisa.

– Estou um pouco indisposta.

– Quer que eu prepare o jantar essa noite?

– Quero, sim. – A disposição dela em deixar Danny solto na cozinha era uma medida de como se sentia infeliz. Àquela mesma hora, na semana anterior, eles estavam em São Francisco.

– Você *quer* que eu cozinhe? – Danny voltou a lançar o mesmo olhar estupefato à mãe.

– Deve haver alguma refeição congelada no freezer. Você pode colocar no micro-ondas.

– E quanto a você?

Dori hesitou por um instante antes de começar a caminhar pelo corredor em direção ao seu quarto.

– Não estou com fome. – Não havia chocolate o bastante no mundo que conseguisse ajudá-la a suportar outra semana sem notícias de Gavin.

– Não está com fome? Você deve estar mesmo doente...

Dori sempre tivera um apetite saudável e Danny sabia disso.

– Devo estar – comentou ela baixinho, e entrou no banheiro para encher a banheira. Em um impulso, acrescentou alguns óleos de banho. Enquanto a água corria, Dori foi até o quarto para pegar seu pijama, o roupão azul desbotado e com a bainha desfeita e um par de meias grossas.

Bem no momento em que estava prestes a afundar na massa fragrante de bolhas, Danny bateu à porta, ansioso.

– Vá embora – murmurou ela, irritada.

Danny hesitou.

– Mas, mamãe...

– Danny, por favor – pediu ela. – Não estou me sentindo bem. Espere só alguns minutos, por favor, para ficar mergulhada na água quente antes de me encher de perguntas. – Dori podia ouvir o filho arrastando os pés do lado de fora da porta. – Escute, meu bem, se houver algum biscoito sobrando no pote de biscoitos, ele é seu, desde que não me perturbe por meia hora. Entendeu?

Dori sabia que deveria se sentir culpada, mas estava disposta a quebrar algumas regras dessa vez se isso lhe trouxesse um pouco de paz e calma.

– Tem certeza, mamãe?

– Danny, quero tomar um banho quente, gostoso e sem interrupções. Compreendeu?

Ele hesitou de novo.

– Está certo, mamãe.

Dori ficou afundada na banheira até todas as bolhas desaparecerem e a água quente ficar morna. Aquela letargia era ridícula, ela decidiu, tirando a tampa da banheira com o dedão do pé. As pontas de seus cachos estavam molhadas – Dori os esfregou com a toalha e eles caíram murchos ao redor do rosto. O roupão já deveria ter sido descartado há muito tempo, mas combinava com o humor de Dori. As meias chegavam até os joelhos dela, que ainda enfiou os pés em um par de pantufas no formato de coelhinhos que Danny lhe dera de presente de Natal dois anos antes. As pantufas tinham longas orelhas molengas que se arrastavam pelo chão e um rabinho de pompom cor-de-rosa que fazia cócegas nos tornozelos dela. Aquelas pantufas eram,

sem dúvida, a coisa mais absurda que possuía.

– Oi, mamãe... – Danny franziu o cenho, preocupado, quando ela entrou na sala. – Você está com uma aparência péssima.

Dori não duvidava disso, com o cabelo escorrido, o velho roupão surrado e as pantufas de coelho.

– O sr. Parker nunca viu você com essa aparência...

– E nem vai ver, não se preocupe.

– Mas, mamãe – o garoto protestou em voz alta –, ele vai estar aqui a qualquer minuto.

CAPÍTULO OITO

POR UM instante insano, Dori teve que controlar o pânico.

– Ele não está vindo para cá. – Ela esperara a semana toda que Gavin ligasse e não tivera notícias. Agora ele estava prestes a aparecer na porta e ela não queria vê-lo. Não conseguiria encará-lo, não com a aparência que estava ou do modo como estava se sentindo. Em seu coração, Dori implorava ao filho para que dissesse que Gavin não estava realmente vindo. – Tenho certeza de que Gavin telefonaria antes de vir. – Era melhor que ele ligasse mesmo!

– Ele ligou, mamãe. – A expressão de Danny era da mais pura inocência.

– Quando? – gritou Dori, a voz trêmula.

– Enquanto você estava preparando seu banho. Eu disse a ele que você havia tido um dia ruim e que queria se afundar na banheira.

– Por que não me *disse*? – gritou ela de novo, cedendo ao pânico.

A campainha tocou e Dori se virou e olhou irritada para a porta. Ela agarrou o filho pelos ombros, sentindo uma vontade irracional de se esconder atrás dele.

– Livre-se dele, Danny. Entendeu?

– Mas, mamãe...

– Não me importo com o que vai dizer a Gavin. – Ocorreu a Dori que ela devia estar louca para fazer uma sugestão daquela.

A campainha continuou a tocar em sons curtos e impacientes. Antes que mãe ou filho pudessem se mover, a porta da frente foi aberta e Gavin entrou.

– Por que a porta estava aberta?

Ao ver o olhar culpado de Danny, ele repreendeu:

– Você não sabe como isso é perigoso? Alguém poderia... – As palavras se transformaram em um sussurro quando ele olhou para Dori. – Alguém chamou um médico? Você está com péssima aparência.

– É o que estão todos me dizendo – retrucou Dori, irritada, cerrando os punhos. Ela passara a semana toda ansiando por uma palavra, um olhar, qualquer coisa, da parte de Gavin. E, agora que ele estava ali, tudo o que ela queria era que fosse embora. Dori se virou e saiu andando em direção à cozinha. – Vá embora.

Gavin a seguiu e ficou parado, as pernas separadas, como se esperasse um confronto.

– Preciso conversar com você.

Dori abriu a geladeira e colocou uma embalagem de ovos sobre o balcão, ignorando-o. Não estava com fome, mas ovos mexidos lhe dariam alguma coisa em que se concentrar.

– Você me ouviu? – perguntou ele.

– Sim, mas tenho esperanças de que, se eu ignorá-lo, você acabará indo embora.

Naquele momento Danny entrou na cozinha, puxou uma cadeira e se sentou. Seu olhar ansioso

ia da mãe para Gavin e voltava para a mãe. Ambos franziram o cenho para ele em advertência.

– Vocês dois querem um pouco de privacidade, certo?

– Isso mesmo – respondeu Gavin.

– Antes de ir, eu queria que soubesse, sr. Parker, que a mamãe não costuma ter... essa aparência.

– Eu já percebi.

– Bem, fiquei preocupado porque...

– Danny, por favor – sibilou Dori. – Você está prejudicando as coisas, não ajudando.

O garoto afastou a cadeira com barulho e se levantou.

– Não se preocupe – disse ele. – Eu já entendi.

Dori se perguntou como o filho poderia alegar que sabia o que estava acontecendo quando ela mesma não tinha a menor ideia. E, a propósito, desconfiava que Gavin também não tinha nenhuma.

Ela pegou um a tigela pequena no armário e quebrou dois ovos dentro dela.

– Como foi sua semana? – perguntou Gavin.

Dori fechou os olhos com força e contou mentalmente até cinco.

– Fantástica.

– A minha também.

– Ótimo. – Ela não conseguiu disfarçar o sarcasmo na voz.

– Imagino que você tenha se perguntado por que não lhe telefonei – continuou Gavin.

Dori já sabia, mas queria ouvir dele.

– Esse pensamento cruzou minha mente uma ou duas vezes – disse ela em um tom petulante, enquanto batia os ovos com tanta força que eles estavam quase escorrendo para fora da tigela pequena.

– Dori, pelo amor de Deus, você poderia se virar e olhar para mim?

– Não! – Uma mecha de cabelo caiu sobre o rosto de Dori, que a afastou com violência.

– Por favor. – A voz dele era tão suave, quase como uma carícia, que Dori sentiu sua resistência se dissolver.

Com o queixo enfiado na gola do roupão, ela se encolheu ao fazer uma imagem mental de si mesma, com o cabelo murcho e sem vida, um roupão velho e pantufas tolas. Então, Dori se virou na direção de Gavin, os dedos segurando com força a bancada para se apoiar.

Gavin caminhou até ficar bem em frente a ela e pousou as mãos nos ombros dela. Por mais absurdo que fosse, Dori percebeu que os sapatos dele brilhavam. Pior, provavelmente eram de couro italiano, caros e perfeitos. Gavin ergueu o queixo dela com um dedo, mas os olhos de Dori se recusaram a encontrar os dele.

– Senti saudades de você essa semana – sussurrou ele, e Dori sentiu o olhar de Gavin sobre sua boca. Ela precisou de toda a força de vontade que possuía para não umedecer os lábios e convidá-lo a um beijo. Sentia-se ansiosa por provar o sabor dele. Uma semana nunca parecera tão longa. – Peguei no telefone uma centena de vezes para ligar para você – Gavin voltou a sussurrar.

– Mas não ligou.

– Não. – Ele deixou escapar um suspiro de infelicidade e balançou lentamente a cabeça. – Acredite se quiser, mas eu estava com medo.

A honestidade inesperada de Gavin fez com que ela agora encontrasse o olhar dele abertamente.

– Medo?

– As coisas estão ficando um pouco... intensas entre nós, não acha? – A voz dele ficou mais alta com a preocupação pelo que havia acabado de admitir.

– E que os céus não permitam que você tenha algum sentimento por uma mulher com mais de 30 anos. – Dori respirou fundo e segurou uma mecha sem vida do cabelo ruivo. – Uma mulher que acaba de descobrir seu primeiro cabelo branco, nada menos.

– Dori, não tem nada a ver com isso.

– É claro que tem – argumentou ela zangada. – Se você fosse se envolver com alguém, sem dúvida iria preferir uma garota de 25 anos, com o corpo perfeito e a pele muito lisa.

– Pare com isso! – Ele a sacudiu levemente pelos ombros. – Qual é o problema com você?

– Talvez essa semana tenha me dado tempo para pensar. Talvez eu o conheça melhor do que você mesmo. Você está absolutamente certo, Gavin. *Está* com medo de mim e dos sentimentos que posso despertar em você. Sente-se atraído por mim e isso o assusta. Se não fosse pelas crianças, quem sabe o que teria acontecido entre nós no último fim de semana? – Ao ver que ele estreitava os olhos, ela voltou a respirar fundo e continuou o discurso: – Não tente negar, Gavin. *Eu* posso imaginar algumas coisas sozinha. Aliás, esse é o problema quando você começa a sair com uma mulher cujo cérebro não encolhe. Sei muito bem o que está acontecendo aqui. E também sei o que você está prestes a sugerir.

– Duvido. – Ele cerrou as sobrancelhas, aborrecido.

– É uma de duas coisas – continuou Dori, sem se deixar intimidar.

– É mesmo? – Gavin recuou um passo, cruzou os braços e se apoiou contra a mesa da cozinha. Seus olhos pareciam queimá-la, mas Dori ignorou o ardor.

– Uma opção é você querer abandonar completamente essa farsa, para que nunca mais voltemos a nos ver. Isso, no entanto, o deixaria com uma filha irritada nas mãos, uma menina que é persistente o bastante para fazê-lo armar um esquema similar com outra mulher. Conhecendo o modo como você pensa, diria que considerou essa hipótese por algum tempo. No entanto, como está aqui, imagino que decidiu que outra mulher madura só lhe causaria mais problemas. Você é tão irresistível que ela provavelmente se apaixonaria por você – acrescentou ela, com sarcasmo. – Portanto, é melhor lidar com o inimigo que você já conhece... eu.

Os lábios de Gavin estavam tão firmemente cerrados que surgiram linhas brancas nos cantos de sua boca.

– Continue – disse ele.

– Opção número dois – continuou Dori, depois de respirar fundo de novo. – E essa opção, já vou lhe adiantar, é completamente inaceitável e estou furiosa com você por sequer ter pensado nela.

– Que crime tão terrível cometi em minha mente agora? – perguntou Gavin, com uma nota de sarcasmo na voz.

Durante toda a semana, a perspectiva do "convite" de Gavin passara pela mente de Dori. Ah, ele sem dúvida negaria, mas a intenção estava lá, ela poderia apostar um mês de salário nisso.

– Você está prestes a sugerir que ambos abandonemos tudo o que pensamos sobre moralidade

para termos uma amostra de casamento.

– Acredite em mim – ele deu uma gargalhada alta –, casamento é a última coisa em minha mente.

– Sei disso. Eu disse *amostra*, não casamento de verdade. Você estava prestes a sugerir que Danny e eu fôssemos morar com você. Isso, é claro, seria uma tentativa, um teste, como você provavelmente chamaria, para ver se as coisas funcionavam bem. Então você terminaria tudo quando a situação ficasse muito complicada ou a vida tomasse outro rumo. O conselho que lhe dou a respeito é que nem se dê ao trabalho de tentar. Jamais concordaria e o respeitaria menos se pedisse.

– Menos do que já respeita – terminou ele por ela. – Mas pode ficar tranquila que essa ideia nunca me passou pela cabeça.

Dori poderia ter se enganado, mas duvidava disso.

– Olhe bem para mim – ela falou, levantando as laterais do roupão que usava. A bainha desfeita se arrastou pelo chão da cozinha. – Porque o que está vendo é o que levará.

Gavin não estava zangado quando chegara, mas agora estava.

– O que posso ver é que está fora de questão ter qualquer conversa racional com você.

Dori abaixou os olhos e deixou escapar um suspiro trêmulo.

– Como você deveria ter imaginado, não sou a melhor companhia essa noite. Eu... não tinha a intenção de ser tão agressiva com você. – Ela sabia que deveria se desculpar, mas as palavras estavam entaladas em sua garganta. Dori só queria que Gavin fosse embora para que ela pudesse curtir sua infelicidade a sós.

– Admito que já a vi com um humor melhor.

Dori decidiu ignorar o comentário.

– Como eu disse, foi uma semana difícil.

Um longo momento se passou antes que Gavin voltasse a falar e, quando ele o fez, Dori pôde notar que ele já recuperara o controle sobre sua raiva.

– Há uma peça de Neil Simon sendo encenada no Teatro 5th Avenue. Você acha que vai estar se sentindo bem o bastante para ir comigo amanhã?

O convite foi tão surpreendente que Dori ficou perplexa. Os músculos de sua garganta pareciam paralisados, portanto ela só assentiu abruptamente.

– Pegarei você por volta de 19h15, está bem?

Mais uma vez tudo o que Dori conseguiu fazer foi assentir com a cabeça.

Gavin se virou para partir, então se deteve na porta da cozinha.

– Cuide-se.

– Eu... eu farei isso.

Dori ouviu a porta da frente ser fechada e estremeceu horrorizada. Qual era o problema com ela? Fora para cima de Gavin como uma louca. E até agora não sabia o que ele realmente pretendera dizer.

As recriminações e dúvidas continuaram a atormentá-la até a tarde seguinte. Talvez por causa disso, Dori resolveu sair do orçamento e ir ao salão para cortar e arrumar o cabelo, coisa que raramente fazia. Ela teve vontade de dizer à cabeleireira para tentar um penteado novo e ousado, que a fizesse perder uns três quilos automaticamente. Mas achou melhor não se dar ao trabalho...

a mulher era cabeleireira, não mágica.

Dori não conseguia se lembrar de nenhum outro encontro que tivesse tido que exigisse tanto planejamento, nem mesmo seu baile de formatura do Ensino Médio. Ela comprou um macacão em tecido fluido que vinha com o título extravagante de "Rapsódia em Púrpura". A etiqueta dizia que era elegante, dinâmico e desenhado para mulheres de espírito livre – tudo o que Dori queria ser naquela noite. Ela lembrou a si mesma que aquela era uma época do ano que clamava por generosidade e que ela merecia um pouco de generosidade consigo mesma, por isso entregou o cartão de crédito no caixa da loja de roupas, rezando para que a compra não estourasse seu limite.

Em casa, Dori pendurou a roupa na parte de trás da porta do quarto e a examinou. O macacão macio, em um lilás pálido, tinha um corte simples, com mangas longas e ondulantes e, pelo preço que ela pagara, deveria ser feito de puro ouro. O decote em "V" nas costas o tornava a roupa mais ousada que ela possuía.

Dori deixara Danny na casa dos pais dela mais cedo, naquela tarde, portanto estava vestida e arrumada às 19h. Enquanto esperava por Gavin, ela procurou um anúncio da peça no jornal. Gavin lhe dissera que era uma comédia de Neil Simon, mas não mencionara qual. Logo encontrou um anúncio de página inteira para *Um estranho casal*. Dori quase riu alto. A descrição se encaixava perfeitamente com ela e Gavin. Ela com certeza não conhecia casal mais estranho.

Gavin chegou pontualmente e examinou Dori de cima a baixo quando ela abriu a porta.

– Oi – cumprimentou Dori quase timidamente, a cabeça erguida. Os pingentes de ouro que usava nas orelhas roçavam a curva de seus ombros.

– Olá... – Gavin parecia ter perdido a capacidade de falar. Ele entrou na sala, o olhar ainda preso ao dela. – Para uma mulher que não tem mais 25 anos, você está muito bem.

– Vou encarar isso como um elogio – disse Dori, lembrando-se dos comentários que fizera na véspera. Ela se orgulhou de si mesma por não morder a isca agora. Qualquer comentário de Gavin seria um lucro, e um comentário positivo fazia o macacão valer cada centavo que custara. – Você também não está nada mal.

Ele endireitou a gravata e deu outro de seus sorrisos estonteantes.

– É o que minhas inúmeras companhias femininas sempre me dizem.

Dori também ignorou esse comentário e pegou a bolsa de mão, pequena e bordada com milhares de minúsculas pérolas. Ela prendeu a bolsa sob o braço, ansiosa para que partissem logo. Sabia, por experiência própria, que teriam dificuldade em encontrar vaga para estacionar o carro se tomassem drinques em casa antes.

Gavin hesitou, como se estivesse esperando que ela ao menos lhe oferecesse alguma coisa, mas Dori subitamente se sentiu constrangida, ansiosa para chegar ao teatro, em território neutro.

– Acho que deveríamos ir logo, não acha? – perguntou ela, sem rodeios.

Gavin franziu o cenho e relanceou o olhar para o armário do corredor dela.

– E o seu casaco? – perguntou ele.

– Não preciso de casaco. – Uma mulher não usava um macacão "Rapsódia em Púrpura" com um casaco comprido azul-marinho. Aquela roupa fora criada para ser usada com xales de seda transparentes, não com lã.

– Dori, não seja absurda! Está congelante lá fora. Você não vai sair sem um casaco.

– Vou ficar bem – insistiu ela.

– Você vai congelar.

Dori atravessou a sala de má vontade, abriu o armário do corredor e pegou seu casaco de inverno.

– Satisfeito?

– Sim. – Ele bufou irritado, e enfiou as mãos no fundo dos bolsos do sobretudo que usava. Dori desconfiou que Gavin estava controlando a vontade de esganá-la.

– Vou arruinar a minha aparência – resmungou ela aborrecida, passando por ele e saindo pela porta da frente.

Os assentos deles no teatro eram excelentes e a peça havia recebido críticas entusiasmadas. Mas Dori teve dificuldade para se concentrar nos personagens e no roteiro. Embora Gavin estivesse sentado ao lado dela, eles poderiam muito bem ser dois estranhos, a levar em conta a pouca atenção que ele lhe dava. Gavin não a tocou, não segurou a mão dela ou indicou de qualquer modo que estivesse consciente da proximidade dela. Ele também não riu nos momentos apropriados da peça, sua mente parecia estar em outro lugar... é claro que a concentração de Dori também não era das melhores.

Durante o intervalo, ela estava determinada a fazer com que Gavin a notasse. Afinal, gastara muito tempo, dinheiro e esforço para atrair a atenção dele. E pretendia conseguir.

O plano dela era sutil. Quando a cortina se fechou para o segundo ato, Dori cruzou as pernas e deixou que a tira da sandália se soltasse. Com o calcanhar exposto, ela fingiu roçar o joelho dele sem querer. Dori soube que havia atingido seu objetivo quando Gavin cruzou as pernas para evitar o toque dela.

A segunda parte do plano foi apoiar a mão no descanso para braços entre os dois assentos. Antes que Gavin se desse conta, Dori passara os dedos pela dobra do cotovelo dele. Quase imediatamente ela percebeu a tensão deixar o corpo de Gavin, como se ele ansiasse pelo toque dela. Se era assim que Gavin se sentia, por que não pegara a mão dela simplesmente? Ele com certeza não era nada tímido. Aquela relutância em tocá-la destruiu as ideias preconcebidas de Dori sobre ele e sobre o motivo pelo qual ele a convidara para sair. Quando Gavin admitira na noite anterior que estava assustado, não estava exagerando seus sentimentos. Deveria ter sido muito difícil para ele fazer aquela revelação, e ela acabara jogando tudo de volta em cima dele, junto com um monte de acusações. Gavin queria estar com ela, gostava da companhia dela... e talvez até estivesse se apaixonando por ela. Na véspera, ele também dissera que havia sentido saudades de Dori naquela semana e ela o interrompera com um rompante exaltado. Agora tudo o que Dori queria era gemer e chorar por sua estupidez.

Ela sentiu vontade de tomá-lo nos braços e implorar para que a perdoasse. Queria pedir a Gavin que dissesse o que realmente queria dizer quando aparecera na sua casa. Arrependimento, dúvida e incerteza enchiam a mente de Dori, tirando sua atenção das performances no palco.

Oh, céus! Gavin teria percebido que ela o amava? Talvez. Mesmo se ele não estivesse pronto para agir de acordo com seus sentimentos, ao menos havia chegado ao ponto de querer falar sobre eles. E ela estragara tudo, o atormentara com suas suposições exageradas e o condenara antes mesmo que ele dissesse alguma coisa. Dori fechou os olhos em agonia por sua própria impulsividade.

Naquele momento, quando todas aquelas dúvidas pareciam prestes a fazer a cabeça dela

explodir, Gavin ergueu a mão e fechou-a ao redor da de Dori, segurando os dedos esguios dela com carinho.

Ela não conseguia respirar, não conseguia se mover. Uma eternidade se passou antes que Dori conseguisse se virar para encará-lo e ver por si mesma a maravilha que sabia estar esperando por ela. O que viu quase lhe trouxe lágrimas aos olhos. A expressão no olhar dele era gentil e doce, mas intensa a ponto de praticamente deixá-la de joelhos.

A peça terminou e eles aplaudiram educadamente, apenas porque os outros ao redor fizeram o mesmo. Quando a plateia ficou de pé, Gavin e Dori também se levantaram, mas ele não soltou a mão dela.

Dori nunca sentira uma comunicação tão profunda com outra pessoa. Se ele admitira que estava assustado, então ela também precisava admitir. Jamais imaginara que Gavin se chegaria a ela tão facilmente. Dori o amava, mas presumira que ele demoraria mais para reconhecer seus sentimentos.

– Gostei da peça – disse Gavin, enquanto a ajudava a vestir o casaco. Sua voz estava apenas levemente rouca.

– Maravilhosa. – A voz de Dori, por sua vez, estava dominada pela emoção. Mas, se Gavin percebeu, não deu nenhuma indicação. Dori precisou se controlar para não passar os braços ao redor do pescoço dele e beijá-lo. Ela deu um sorrisinho, pensando que, se ele soubesse o que passava na cabeça dela, teria ficado grato por Dori ter se controlado.

A viagem de volta até a casa dela não demorou mais do que alguns minutos. Gavin estacionou no meio-fio, mas manteve as mãos no volante.

– Danny vai passar a noite com os avós?

Dori teve a impressão de que ele não perguntara aquilo apenas para puxar conversa, mas sim porque queria ficar sozinho com ela, que sentia o coração saltar dolorosamente no peito.

– S-sim.

Ele a encarou com a expressão preocupada.

– Está se sentindo mal novamente?

– Não, estou bem. – Dori amaldiçoou o fato de a vida ser tão complicada. – Gostaria de entrar para tomar um café? – Ambos sabiam que o convite era um pretexto. Dori não queria que metade da vizinhança visse quando Gavin a tomasse nos braços.

O motor do carro ainda estava ligado, e Gavin fez gestos exagerados para checar o relógio.

– Fica para outra vez – disse ele. – Está tarde.

Eram apenas 22h45, não estava tarde! Se Dori estava confusa antes, não era nada perto da miríade de emoções conflitantes que a dominava agora.

– Você queria me dizer alguma coisa ontem. – Ela tentou novamente, se esforçando para parecer calma e controlada. Dori até forçou um sorriso, apesar do tremor na voz. – Não sei como me desculpar pelo modo como me comportei.

– Uma coisa é verdade sobre você, Dori... é uma mulher completamente imprevisível.

– Você realmente queria me dizer alguma coisa? – repetiu ela.

– Sim. – Ele fez uma pausa e Dori percebeu o modo como seus dedos apertaram o volante com mais força. – Como eu disse, as coisas estão ficando um pouco intensas entre nós.

– Sim – sussurrou ela carinhosamente, o coração refletido nos olhos.

– E isso foi algo que eu não havia planejado.

– Eu sei. – Dori sentia a garganta apertada e mal conseguia falar.

– Diante do que aconteceu em São Francisco... – Ele hesitou. – Alcançamos um 10 naquele último beijo e até mesmo você disse que 10 significava que estávamos encrencados. Só Deus sabe onde terminaríamos a partir daí.

– Eu me lembro. – Quem ele estava tentando enganar? Ambos sabiam onde terminariam, e não era na cozinha. Dori não entendia por que ele estava tentando escapar disso.

– Dori – disse Gavin, pigarreando para clarear a voz rouca. – Estive pensando que talvez estejamos nos vendo demais. Talvez fosse melhor deixarmos as coisas esfriarem por algum tempo.

Nada que ela ouvisse poderia ter sido mais inesperado. Durante todo aquele tempo, Dori estivera esperando ouvir uma declaração de amor, e tudo o que Gavin estava tentando lhe dizer era que queria pular fora. Para horror de Dori, ela sentiu os olhos marejados. E teve que se esforçar para controlar as lágrimas. Ela agarrou a maçaneta da porta, desesperada para escapar.

– É claro – conseguiu balbuciar Dori, sem passar vergonha. – Como quiser. – Ela abriu a porta do carro e saiu com tanta pressa que teve sorte de não cair. – Obrigada por me levar para assistir à peça. Como eu disse antes, foi maravilhosa. – Sem esperar por uma resposta, Dori bateu a porta do carro e saiu andando apressada em direção à casa. O som da porta do lado dele se abrindo e fechando a fez respirar fundo para tentar manter o controle.

– Achei que você não queria café – falou ela, sem se virar para encará-lo. A luz da varanda estava acesa e com certeza revelaria as lágrimas que nublavam os olhos dela, o que embaraçaria a ambos.

– Escute, Dori, sinto muito. Mas preciso de tempo para pensar em tudo isso. O que quer que esteja acontecendo entre nós está indo rápido demais. Por favor, me dê algum tempo...

Pela distância da voz dele, Dori imaginou que Gavin estivesse a meio caminho na calçada.

– Eu entendo. – E realmente entendia, muito mais do que ele imaginava. Ela olhara para ele com uma expressão de adoração quando tudo o que Gavin estava tentando fazer era arrumar um modo de dispensá-la... ou, como ele provavelmente diria, de desapontá-la carinhosamente. Com os olhos cegos pelas lágrimas, Dori abriu a bolsa, procurando pelas chaves. – Não se preocupe, você tem todo o tempo do mundo – murmurou ela, segurando as chaves de casa entre os dedos rígidos.

– Um mês. Tudo o que eu quero é um mês. – A pausa na voz dele revelava sua incerteza.

– Leve seis meses – retrucou ela, com impertinência. – Por que parar aí... leve dez! – Dori sentiu vontade de rir, mas o barulho que escapou de sua garganta foi um soluço seco e sofrido.

– Dori. – Os sapatos dele faziam um barulho agudo contra os degraus da varanda. Então houve um momento hesitante de silêncio, enquanto Gavin ficava ali parado, olhando para ela. – Você está chorando?

– Quem, eu? – Ela riu, e voltou a soluçar. – De modo algum! Você não quer me ver novamente? Sem problemas. Sou madura o bastante para aceitar isso.

– Vire-se, deixe eu ver seu rosto.

Dori sentia o peito pesado com o esforço de não soluçar abertamente. Era muito tola...

– Dori, eu não tinha a intenção de magoá-la.

– Não estou magoada! – gritou ela e apoiou a testa contra a porta. Com medo de que outro soluço pudesse escapar, Dori cobriu a boca com uma das mãos. Quando finalmente conseguiu

recuperar o fôlego, virou-se para encará-lo. – Estou bem; portanto, por favor, não se sinta obrigado a ficar por perto. Danny e eu ficaremos muito bem.

– Dori...

– Estou bem! – Ela voltou a insistir, secando as lágrimas. – Está vendo? – Ela não disse mais nada. Virou-se para a porta, enfiou a chave na fechadura e entrou em casa.

– VOCÊ SE divertiu com o sr. Parker na noite passada, mamãe? – Danny estava sentado diante da mesa da cozinha com Dori, que bebericava uma xícara de café. A mãe dela havia telefonado mais cedo para avisar que deixaria Danny em casa em seu caminho para resolver algumas pendências domésticas.

– A peça é ótima. – Dori se sentia frágil e vulnerável, mas conseguiu dar um sorriso abatido para o filho. Sentia-se tão deprimida como na época em que Brad morrera. Teria que contar a Danny que seu relacionamento com Gavin tivera uma pausa, mas isso não seria fácil. – E você, se divertiu com o vovô e a vovó?

– Eu me diverti, sim, mas vou ficar feliz quando você e o sr. Parker se casarem, porque prefiro fazer parte de uma família. Melissa e eu poderíamos ficar sozinhos e eu não precisaria de uma babá ou de ir para a casa da vovó toda vez que você quisesse sair.

– Escute, Danny. – Dori se esforçou para manter uma expressão fria, embora sentisse que seu coração estava se partindo. – O sr. Parker e eu resolvemos que seria melhor que não nos víssemos por algum tempo.

– O quê? – Danny ficou boquiaberto de espanto. – Mas por quê? Achei que vocês gostavam de verdade um do outro. Achei que poderiam até estar conversando sobre casamento. Melissa tinha certeza... – Ele se interrompeu, como se tivesse deixado escapar um segredo sem querer.

– Não. – Dori abaixou os olhos e engoliu em seco. Não havia outra escolha se não dar a Gavin exatamente o que ele pedira... tempo. – Gavin não está pronto para esse tipo de compromisso, e precisamos aceitar isso.

– Mas, mamãe...

– Escute – implorou Dori, pegando a mão pequena do filho entre as suas. – Você precisa me prometer que não vai entrar em contato com Gavin de jeito nenhum. Às vezes, os adultos precisam de tempo para pensar, exatamente como as crianças, e temos que respeitar isso. Prometa para mim, Danny. É importante.

O garoto a examinou atentamente, e por fim assentiu.

– E quanto a Melissa? Vamos poder vê-la?

As duas crianças haviam se tornado boas amigas, e Dori detestava a ideia de puni-las pelos problemas dos pais.

– Estou certa de que conseguiremos arrumar um jeito de trazê-la para cá nos fins de semana em que Gavin tiver que narrar jogos. – Gavin provavelmente não se importaria, desde que não tivesse que *vê-la*.

– Você o ama, não é?

Dori deu um sorriso melancólico.

– Gavin Parker é um homem muito especial e é fácil amá-lo. Mas não será o fim do mundo se nunca mais voltarmos a vê-lo.

Danny arregalou os olhos, incrédulo, como se achasse as palavras dela chocantes.

– Mas o sr. Parker era *perfeito*.

– Sim – concordou Dori –, ele preenchia todas as exigências da sua lista, mas vários outros homens também irão preencher.

– Você vai começar a procurar outro pai para mim? – Danny apoiou o queixo nas palmas das mãos, com uma expressão de desamparo nos olhos.

A mente de Dori protestou no mesmo instante.

– Não imediatamente. – Assim como Gavin, ela precisava de tempo, mas não pelas mesmas razões. Para Dori, aquele seria um jogo de espera. Em poucas semanas ela saberia se venceria a aposta. Fora um erro ter se apaixonado por Gavin. Ele a avisara várias vezes a respeito. Agora ela estava sofrendo as consequências.

Nos dias que se seguiram, Dori ficou surpresa com sua própria força de vontade. Foi uma luta, mas quando pensamentos sobre Gavin invadiam sua mente bem defendida ela os afastava. Ele não fez nenhum esforço para manter contato com ela, que não esperava mesmo outra coisa. O que quer que houvesse acontecido com Deirdre o ferira tanto que ele talvez nunca mais se arriscasse a se comprometer com outra mulher. Isso era uma perda para ele e para Melissa... e também para Dori e Danny.

Na quarta-feira de manhã, Dori folheava o jornal, enquanto acrescentava água quente ao mingau de aveia.

– Danny – chamou ela, por sobre o ombro. – Apresse-se, você vai chegar atrasado na escola.

– Está bem, mamãe. – A voz dele veio abafada da direção do quarto.

Dori colocou a tigela com o mingau do filho sobre a mesa e se recostou contra a bancada, então passou pela página da coluna social do jornal, enquanto procurava pela coluna que gostava de ler, "Dear Abby". A princípio, ela não reconheceu as pessoas na foto da primeira página do caderno da cidade.

Então seu olhar recaiu sobre o rosto sorridente de Gavin e seu coração pareceu parar. O oxigênio ficou preso em seus pulmões, tornando difícil respirar. Alguma beldade loura e anônima, que não poderia ter mais de 22 anos, estava agarrada ao braço dele e sorrindo para Gavin com uma expressão de adoração. Dori conhecia muito bem aquele olhar. Apenas alguns poucos dias antes, ela mesma encarara Gavin com a mesma expressão. Foi como se uma faca estivesse sendo enfiada em seu coração, mas ela leu a matéria que descrevia a abertura da temporada de ópera com uma performance de gala de *Carmen*, de Bizet. Então era *assim* que Gavin estava colocando em ordem os sentimentos dele por ela, Dori... Ele não demorara muito a encontrar uma mulher mais jovem, com a pele muito lisa e um corpo perfeito. *Problema dele*, a mente dela gritou furiosa. Lágrimas tolas queimavam os olhos de Dori e ela piscou para afastá-las, recusando-se a ceder às emoções que ameaçavam dominá-la.

– Mamãe, qual é o problema? Você está parecendo que está com vontade de bater em alguém...

– Estou? – Ela se apressou a dobrar o jornal. – Não é nada, certo?

Danny inclinou a cabeça.

– O sr. Parker me disse que, às vezes, as mulheres agem de um jeito estranho. Acho que essa é uma dessas vezes.

– Estou cansada de ouvir falar no sr. Parker. – Dori abriu a porta da geladeira com força e pegou o pão para preparar a merenda do filho. Quando ele não respondeu nada, ela se virou. – Você me escutou?

Danny estava começando a comer o mingau.

– Você vai chorar ou algo parecido?

– É claro que não! Por que eu deveria? Estamos quase no Natal.

O garoto mexia furiosamente o açúcar no mingau de aveia com canela e passas.

– Não sei, mas quando a sua boca fica torcida desse jeito é porque você está chateada.

– Obrigada – retrucou ela irritada.

O restante do dia foi tão ruim quanto havia sido a manhã. Nada deu certo. Dori colocou um arquivo no lugar errado. Seus pensamentos divagaram durante uma reunião importante e, quando o sr. Sandstrom pediu sua opinião, ela não tinha ideia do que estava sendo discutido. Sandy a olhara com simpatia e a salvara de passar vergonha falando primeiro. Como agradecimento, Dori pagou o almoço da amiga, embora não pudesse arcar com a despesa.

No instante em que entrou em casa, Dori tirou os sapatos e parou para massagear os pés doloridos. Danny não estava à vista e ela pendurou o casaco nas costas de uma das cadeiras da cozinha, enquanto se perguntava onde poderia estar o filho. Ele sabia que deveria ficar dentro de casa até que ela chegasse. Dori tirou um pacote de hambúrgueres da geladeira, mas a perspectiva de preparar uma refeição decente era quase mais do que ela poderia encarar.

Quando se virou, Dori reparou no telefone. O fone não estava no gancho e o fio estava esticado para além da cozinha, desaparecendo dentro do armário do corredor. Danny. Ela foi até a porta do armário e abriu-a.

O menino estava sentado de pernas cruzadas no chão e, quando a porta foi aberta, levantou os olhos, surpreso, incapaz de disfarçar a expressão de culpa.

– Muito bem, Daniel Robertson, exatamente com quem você está falando?

CAPÍTULO NOVE

– AH, OI, mãe – disse ele constrangido, se esforçando para ficar de pé.

– Com quem você está falando? – Dori repetiu a pergunta, mas sua mente já estava fervilhando com as possibilidades, todas desagradáveis. Se fosse Gavin, era bem possível que ela fizesse alguma tolice, como agarrar o telefone e imitar uma gravação dizendo que o telefone acabara de ser desconectado. A lembrança da estratégia divertida que ele arrumara para ajudá-la fez com que Dori sentisse uma já familiar pontada no coração. Sentia mais saudades de Gavin do que imaginara ser possível. Não havia por que tentar se enganar mais. Estava muito infeliz.

– Estou falando com uma garota – admitiu Danny, com o pescoço muito vermelho por ter sido pego.

– Erica?

– Não. – Ele estendeu o fone para a mãe com relutância. – Melissa.

Dori entrou no armário, afastou os casacos deles que estavam pendurados e se sentou no chão. Nos últimos dias ela sabia que estivera mal-humorada com o filho. Esperava que aquele gesto mostrasse a Danny que se arrependia de estar sendo tão rabugenta.

Danny achou divertido o que a mãe estava fazendo e também se sentou no chão do armário, ao lado dela, fechando a porta. No mesmo instante os dois foram envolvidos por uma escuridão agradável.

– Oi, Melissa – murmurou Dori ao telefone. – Como vai você?

– Bem – respondeu a garota muito séria –, eu acho...

– Que história é essa de "eu acho"? O Natal está quase chegando e há tantas coisas acontecendo. Uma menina como você não deveria ter sequer uma preocupação no mundo.

– Sim, eu sei. – Melissa parecia deprimida, mas Dori não sabia quanto deveria se aprofundar nos motivos da infelicidade da garota. Em tudo o que dizia respeito a Gavin, e isso incluía o relacionamento dele com a filha, Dori sentia-se particularmente vulnerável. Ela amava Gavin e sentia uma enorme afeição por Melissa.

Danny estava sussurrando sem parar do outro lado do armário.

– Melissa, me dê licença um instante. Parece que Danny tem alguma coisa extremamente importante para me falar. – Ela tapou o fone com a mão. – Sim, Danny?

– Melissa tem um evento de mãe e filha no colégio, alguma coisa de moda e não tem ninguém para levar.

Dori assentiu.

– Danny está me contando que vai ter um desfile de moda na sua escola.

– Foi a professora da aula de Estudos de Família que organizou. Eu costurei um vestido e tudo. Ficou quase tão bonito quanto a roupa que você me ajudou a comprar. A professora me deu um A.

– Parabéns! Tenho certeza de que você fez um ótimo trabalho, se recebeu uma nota tão alta. – Dori já sabia o que estava por vir e estava com medo de decepcionar a menina. Mas, do jeito que estavam as coisas entre ela e Gavin, Dori não poderia se oferecer para ir.

– Eu o costurei muito bem – admitiu Melissa, com uma encantadora falta de modéstia. – Foi a melhor coisa que eu já fiz. Melhor do que o avental, mas com o avental eu tive que descosturar quatro vezes o cós. Com o vestido só cometi alguns errinhos – continuou ela, a voz aumentando de volume e velocidade a cada palavra. – Eu costurei o zíper no lado do avesso, entende, e aí a lingueta ficou para dentro... Achei que não teria problema, que eu poderia vesti-lo pela cabeça e tudo o mais, mas tive que descosturar o zíper e prender de novo do lado certo. Fiquei furiosa comigo mesma por ser tão burra. – Melissa fez uma pequena pausa para recuperar o fôlego e voltou a falar em uma torrente de palavras: – Você participaria do desfile comigo e fingiria ser minha mãe? Por favor, Dori? Praticamente todo mundo vai trazer alguém. Até as garotas internas...

– Ah, Melissa. – Dori curvou os ombros e apoiou as costas na parede. – Querida, eu não sei... – Ela sentia o peito apertado. Odiava a ideia de recusar o convite da menina, mas Gavin poderia interpretar mal se ela aceitasse.

– Por favor, Dori, jamais lhe pedirei outra coisa novamente. Preciso de uma mãe de mentira por apenas uma noite. Para o desfile de moda.

A voz baixa e suplicante de Melissa foi a perdição de Dori. Ela considerou brevemente a possibilidade de sugerir que a garota convidasse Lainey, mas logo se lembrou da reação da filha de Gavin à loura. Apesar de seus receios, Dori não conseguiria ignorar a agonia de Melissa.

– Farei o que está me pedindo, mas com duas condições – concordou ela cautelosamente.

– O que você quiser. – A voz de Melissa estava mais alta de empolgação.

– Primeiro, você não deve dizer a nenhuma de suas amigas que eu sou sua mãe. Isso seria errado. Por mais que eu quisesse ter uma filha como você, Melissa, eu jamais poderia ser sua mãe.

– Está certo – concordou a menina, um pouco desanimada. – O que mais?

– Não quero que o seu pai saiba que eu fiz isso. – Gavin com certeza veria outros significados naquele simples ato de gentileza. – Não estou lhe pedindo para mentir para ele, mas não quero que seu pai tenha ideias erradas a respeito do que vou fazer. Está certo, Melissa?

– Está certo. Ele não vai mesmo precisar saber, porque tudo vai acontecer na escola mesmo, e papai nunca aparece por lá em dias de semana. E prometo não contar a ele.

– Então acho que tudo o que preciso saber é a data e a hora em que devo estar na escola.

– Na próxima segunda-feira, às 19h30. Posso falar novamente com Danny?

– Claro. – Dori estendeu o fone novamente para o filho e ficou de pé com dificuldade no espaço pequeno, batendo com a cabeça no varão que atravessava o armário. – Ai – resmungou ela, abrindo a porta com cuidado e procurando sair sem se machucar mais.

Alguns minutos depois, Danny se juntou a Dori na cozinha, onde ela estava fritando o hambúrguer.

– Foi legal o que você fez, mamãe.

– Fico feliz por poder ajudar Melissa. Gosto muito dela. – Gavin amava a filha, Dori não duvidava disso, mas ela esperava que ele também admirasse a garota.

– Melissa estava preocupada mesmo com o desfile de moda. Achei que era difícil não ter pai,

mas acho que não ter mãe é tão difícil quanto.

– Tenho certeza de que é mesmo – respondeu Dori, em uma voz suave. – Agora, que tal colocar a mesa?

– O que vamos ter para o jantar?

Dori olhou para a carne que estava fritando e deu de ombros.

– Ainda não sei...

– Ai, mamãe, é outra *daquelas* refeições...?

NA SEXTA-FEIRA de manhã, Dori perdeu a hora. Danny a acordou quase 20 minutos depois que o alarme já havia soado.

– Mamãe – murmurou ele, ainda esfregando os olhos de sono. – Já não deveríamos ter levantado? Hoje não é sábado, é?

Dori deu uma olhada no rádio-relógio silencioso, ofegou e afastou rapidamente as cobertas para o lado.

– Vista-se rápido! Estamos atrasados!

Dori se sentiu um pouco como o coelho em *Alice no País das Maravilhas*, enquanto corria de um cômodo a outro da casa, exclamando como estavam atrasados. O banho que tomou rivalizou com os banhos de 30 segundos de Danny por um novo recorde de velocidade. Ela escovou os dentes com uma das mãos e secou o cabelo com a outra. O resultado foi que seu cabelo acabou parecendo ter sido penteado com um batedor de ovos, e ainda havia uma mancha de pasta de dentes na blusa dela.

– É melhor eu comprar a merenda hoje? – Danny quis saber, enquanto enfiava os braços em um agasalho de moletom e passava a cabeça pela gola, olhando a mãe inquisitivamente.

– Sim. – Não havia tempo para preparar um sanduíche. – Pegue dinheiro na minha bolsa.

Danny voltou um minuto depois com a carteira de dinheiro dela.

– Você só tem uma nota de 20 dólares.

– Ah, que ótimo... – Enquanto enfiava os pés nos sapatos de couro, Dori tentava pensar rapidamente em uma solução. – E quanto ao seu cofre de porquinho?

– Mas, mamãe...

– É apenas um empréstimo, Danny. Vou lhe devolver mais tarde.

– Está certo – concordou ele, com o mesmo tom caridoso de um agiota mal-humorado.

– Agora, apresse-se. Vou tirar o carro da garagem.

Dori já estava com o carro parado na saída de carros, tentando esquentar o motor frio, quando Danny veio correndo de dentro da garagem. Ele bateu a porta e entrou no carro.

– Consegui 4 dólares.

– Ótimo. – Ela olhou por sobre o ombro, enquanto saía com o carro. O trânsito estava cheio e ela precisou se concentrar ao volante.

– Mamãe – disse Danny, depois de alguns minutos. – Sobre aqueles 4 dólares.

– Danny, pelo amor de Deus, eu vou lhe pagar hoje à noite. Agora pare de se preocupar com isso. – Dori diminuiu a velocidade do carro até parar em um semáforo.

– Mas vou precisar desse dinheiro! Já está quase chegando o Natal e não posso me permitir ser generoso.

Dori parou para pensar nas palavras de Danny antes de se voltar para o filho.

– Você ouviu o que acabou de dizer?

– Sim. Eu não deveria ter que pagar a minha própria merenda. Quero o meu dinheiro de volta.

– Danny. – Dori olhou para ele sem acreditar. O filho não podia se permitir ser generoso porque era Natal? A época do ano em que o amor e a bondade humanos deveriam estar no auge... Ela deixou escapar um gemido baixo e então começou a rir. O riso logo se transformou em uma gargalhada alta que fez todo o corpo de Dori sacudir. Ela teve que segurar a lateral do corpo para se impedir de gargalhar ainda mais. Ainda fascinada com a absoluta ironia da declaração dele, Dori estendeu o braço, apesar do cinto de segurança, e abraçou o filho. – Obrigada. – Ela riu. – Eu precisava disso.

– Não foi tão engraçado assim – reclamou Danny, mas ele também estava rindo. – Olhe, mamãe! É o sr. Parker. Ele está no carro ao lado do nosso.

Incapaz de resistir, Dori relanceou o olhar para o BMW parado perto dela. A risada morreu quando ela reconheceu Gavin. Ele não vira nem a ela, nem a Danny, ou se vira preferira desviar os olhos para a direção oposta. Enquanto Dori se perguntava o que devia fazer – se havia alguma coisa a fazer –, o olhar de Gavin encontrou o dela. O coração de Dori deu um pulo no peito e começou a bater disparado, enquanto os olhos escuros e pensativos olhavam bem dentro dos dela. Surpresa, Dori percebeu uma ternura dolorosa no rosto dele. Ela viu também arrependimento, dúvida, até mesmo sofrimento. Teve vontade de sorrir para assegurar a ele que estava bem, mas que sentia muitas saudades. Quis perguntar como ele estava e sobre a foto no jornal. Mais uns dez pensamentos sem sentido se atropelavam na mente de Dori, mas ela não teve a oportunidade de verbalizar nenhum. Um carro buzinou impacientemente atrás do dela, e Dori percebeu que a luz do semáforo estava verde e que ela estava impedindo o fluxo de uma longa fileira de carros.

– *Era* o sr. Parker, não era? – perguntou Danny, quando ela pisou no acelerador e colocou o carro em movimento.

– Sim. – Dori sentia a garganta seca e, embora pouco antes estivesse às gargalhadas, agora sentia vontade de chorar. Ela engoliu as lágrimas e entrou na primeira rua à direita, indo em direção à escola de Danny. Uma rápida olhada pelo retrovisor lhe revelou que Gavin seguira em frente. Sem um aceno, sem olhar para trás. Talvez ele se arrependesse do relacionamento deles, talvez ela houvesse entendido errado desde o princípio e o que houvera entre eles nunca houvesse significado nada para Gavin. Mas Dori não podia se permitir acreditar nisso. Precisava confiar em seus instintos. Caso contrário, seria sofrimento demais.

O sábado e o domingo passaram em uma nuvem de ansiedade. Depois de ver Gavin na sexta-feira de manhã, Dori esperara que ele fosse ligar durante o fim de semana. Ela deveria ter pensado melhor antes de tentar prever o que Gavin Parker faria. O homem tinha sua própria maneira de fazer as coisas. Quando e se ele admitisse que a amava, ela jamais teria que duvidar disso de novo. Assim era Gavin. Ela sabia com certeza absoluta que, quando ele se apaixonasse de verdade, seria um amor completo e duradouro, que duraria pelo resto da vida.

O único momento de alegria em seu fim de semana decepcionante foi o telefonema de Melissa, que queria confirmar se Dori iria mesmo ao Desfile de Moda Mãe e Filha conforme prometera. Durante a conversa, a garota mencionou casualmente que Gavin estava em Los Angeles, narrando um jogo de futebol americano.

Na segunda-feira à noite, Dori vestiu seu melhor terninho de trabalho, cor de grafite, com uma blusa de seda branca. Danny concordara em se submeter à humilhação de ter Jody, a vizinha da frente, como babá. Mas não sem deixar bem claro antes que aquilo era um sacrifício da sua parte e que queria que a mãe contasse a Melissa sobre seu altruísmo.

Uma chuva fina começara a cair quando Dori parou o carro no estacionamento da escola. Ela ficou surpresa com o grande número de carros que havia ali. Presumira que Melissa estava exagerando quando dissera que seria a única garota sem uma mãe, ou alguma outra mulher que a acompanhasse – uma irmã, uma madrasta, uma tia.

Melissa estava na porta do auditório esperando por Dori. Um sorriso iluminou o rosto da menina no instante em que viu que sua acompanhante chegara. Melissa correu para encontrar Dori, lhe deu um abraço apertado e lhe estendeu o programa da noite.

– Esse é o vestido mundialmente famoso, desenhado pela renomada Melissa Parker? – perguntou Dori, com um sorriso orgulhoso. O vestido de veludo era de um tom vívido de azul-escuro.

– Você gosta? – Melissa girou, segurando as laterais do vestido, à moda de Hollywood. O prazer em sua expressão ressaltou as covinhas no rosto redondo. – Acho que ficou bonito mesmo.

– Está maravilhoso.

Melissa deu o braço a Dori e a acompanhou pelo corredor que passava no meio das fileiras de cadeiras de armar.

– Eu devo sentar você aqui.

– Aonde você vai? – Dori relanceou o olhar ao redor com curiosidade. Havia apenas algumas poucas mulheres sentadas perto do palco e parecia que aqueles lugares estavam reservados.

– Está quase tudo pronto, por isso eu tenho que voltar para os bastidores, mas verei você mais tarde. – Melissa começou a se afastar, mas pareceu mudar de ideia subitamente. – O coral vai se apresentar primeiro. Eles não são muito bons, mas, por favor, aplauda.

– Vou aplaudir – prometeu Dori, fazendo o possível para manter a expressão séria. – Deduzo que você não vá cantar.

– Só se eu quiser ofender muito a sra. Curran.

Dori não resistiu e deixou escapar uma risadinha.

– Bem, boa sorte, garota.

Outra mulher, a mãe de uma das alunas externas, sentou-se perto de Dori alguns minutos depois e elas começaram uma conversa agradável. Teria sido muito fácil fingir que era mãe de Melissa, mas Dori teve o cuidado de explicar que era uma amiga da família Parker. Mesmo assim, Dori sentiu como se estivesse esticando um pouco a verdade.

O evento começou com a apresentação da equipe da escola. Então Dori aplaudiu educadamente ao final da primeira série de músicas apresentadas pelo coral. Melissa podia não ter um ouvido muito bom para música no que se referia a cantar, mas sua opinião sobre o grupo provou ser verdadeira. Mesmo assim, os aplausos foram entusiasmados.

Logo depois do número musical foi a vez do desfile de moda. Dori se endireitou na cadeira quando a apresentadora, uma menina da idade de Melissa, se adiantou para pegar o microfone. Claramente nervosa, a garota se atrapalhou com os papéis que segurava e sua voz tremia quando ela começou a falar.

Melissa, usando seu vestido azul, foi a quarta modelo. Com uma graça natural, ela atravessou o

palco e parou na frente de Dori, para mostrar os pontos muito bem feitos da bainha. As mães adoraram e riram com vontade.

No fim do desfile, a diretora, sra. Curran, se aproximou da frente do palco para anunciar os nomes das alunas que estavam na lista de honra do semestre.

– Senhoras – instruiu ela em uma voz gentil –, quando o nome de sua filha, ou filha honorária, for lido, por favor, adiantem-se e fiquem ao lado dela.

Quando o nome de Melissa foi chamado, a garota se adiantou até a frente do auditório e lançou um olhar de súplica para Dori. Com o coração aos pulos, Dori se levantou de seu assento e foi se postar atrás de Melissa. Ela percebeu que todas as mulheres que acompanhavam meninas da lista de honra estavam sentadas nas primeiras filas. Fora por isso que Melissa a levara para lá. Dori gostaria que a menina houvesse lhe avisado antes. Mas, na verdade, não faria a menor diferença.

Dori tinha um sorriso orgulhoso no rosto quando pousou as mãos nos ombros de Melissa, inclinou-se para frente e sussurrando no ouvido da garota:

– Minha filha, ou não, estou muito, muito orgulhosa de você.

Melissa virou a cabeça para trás e ergueu os olhos para Dori, com uma expressão triste no rosto.

– Eu gostaria que você fosse minha mãe.

– Eu sei – murmurou Dori baixinho, a emoção deixando sua garganta apertada com o esforço para não chorar. Mesmo assim ela teve que secar uma lágrima do rosto e morder o lábio para não deixar escapar um soluço.

Os últimos nomes foram lidos e houve uma rodada de aplausos.

– E agora? – sussurrou Dori.

– Eu devo levar você de novo ao seu lugar, e lhe trazer uma xícara de chá e alguns biscoitos. – Ela levou Dori de volta ao assento. – Volto já.

– Está certo. – Dori cruzou as pernas e, sem nada para fazer, examinou o programa pela quinta vez. Seu olhar pousou no nome de Melissa. A menina estava assumindo facilmente no coração de Dori o lugar reservado para a filha que ela nunca tivera... e que jamais teria.

– Está se divertindo com essa pequena farsa, não é? – A voz de Gavin era provocante. Dori se virou chocada, enquanto ele se sentava na cadeira vazia ao lado dela.

As palavras provocaram a dor de uma facada. O programa escorregou do colo dela para o chão e Dori se abaixou para pegá-lo. Ela colocou um sorriso fixo nos lábios e endireitou o corpo, forçando-se a ficar calma.

– Olá, Gavin – disse Dori, sem conseguir dominar a respiração ofegante. – O que o traz aqui essa noite?

– Minha filha. – A ênfase no *minha* teve a óbvia intenção de lembrar a Dori, sem nenhuma sutileza, que ela era uma intrusa ali.

– Melissa me convidou – disse Dori, tentando explicar sua presença. – É um Desfile de Moda Mãe e Filha. – Assim que as palavras saíram, Dori soube que havia dito a coisa errada.

– Você não é mãe dela – retrucou ele, em um tom distante e impessoal.

– Não. E não fingi ser.

– Não foi isso o que me pareceu. O nome de Melissa foi chamado e você se apressou até o palco como todas as outras mães orgulhosas.

– O que eu deveria fazer? – Dori sussurrou irritada, as mãos apertadas no colo. – Ficar sentada aqui vendo os olhares suplicantes de Melissa?

– Sim. – O tom de voz dele voltou a ser baixo e controlado. – Você achou que, se continuasse amiga da minha filha, nós acabaríamos reatando o nosso relacionamento? Não é isso o que vai acontecer. Eu lhe pedi um tempo e você não está me dando esse tempo. – Gavin fez uma pausa e passou a mão pelo cabelo. – Sua vinda aqui esta noite tornou as coisas impossíveis.

Dori deixou escapar um suspiro profundo de pura exaustão. Gavin presumira a pior explicação para o que ela fizera. Talvez ele estivesse procurando uma razão para odiá-la e agora tinha a desculpa de que precisava.

– Eu já me esquivei de muitas mulheres dispostas a acabar com a minha independência – falou ele, em um tom irônico –, mas você é a pior. Sabe que amo a minha filha, que ela é meu ponto fraco.

Dori se levantou, incapaz de suportar mais o sarcasmo dele.

– Você entendeu tudo errado, Gavin. Melissa é o seu ponto forte. Você é arrogante, egoísta e tão teimoso que não consegue ver o que está bem à frente do seu nariz.

– Dori, qual é o problema? – Melissa se aproximou vinda de trás, trazendo com cuidado uma xícara de chá quente em uma das mãos e um pratinho de papel com biscoitos na outra.

Dori pegou a xícara e o pires delicados das mãos trêmulas da menina e os entregou a Gavin. Se ele queria fazer o papel de mãe, então poderia muito bem beber o chá fraco e comer os biscoitos velhos.

– Papai... – Melissa quase engasgou de surpresa e voltou os olhos chocados para Dori. – Eu não contei a ele, juro.

– Eu sei. – Dori tranquilizou a menina.

– O que você está fazendo aqui? Eu não lhe contei sobre... o chá... Deveria ser para as mães... – Melissa se enrolou com as palavras.

– Sentem-se – ordenou Gavin. – As duas.

Quando ambas se sentaram, ele virou a cadeira de modo a ficar de frente para as duas. Dori se sentia como uma criança desobediente, mas se recusou a demonstrar. Não fizera nada errado. O único motivo para ter comparecido ao desfile de moda fora o desejo de ser bondosa com Melissa, estava atendendo às súplicas da menina. Dori fora até o colégio apenas por causa de Melissa, e o fato de Gavin ser o pai da menina quase a impedira de ajudar... apesar do que ele escolhera acreditar.

– Acho melhor você me contar o que está acontecendo. – Os olhos dele desafiaram Dori daquele modo frio que ela odiava.

– Já expliquei as circunstâncias – disse Dori secamente. – No entanto, parece que você somou dois mais dois e o resultado foi cinco.

– Pai – Melissa exigiu atenção em um desafio aberto, obviamente se inspirando no tom nada arrependido de Dori –, o que está fazendo aqui? O desfile não foi para os pais. Você é o único homem aqui.

– A escola informou a todos sobre o desfile de moda – explicou ele hesitante, olhando ao redor. – Tenho todo o direito de vir à escola da minha filha quando eu quiser.

– Mas não tem o direito de dizer o que me disse – falou Dori calmamente, fechando o paletó de seu terninho. As pessoas que estavam sentadas próximo começaram a prestar atenção neles.

As feições de Gavin endureceram e ele ergueu uma sobrancelha em uma expressão zombeteira. Então disse sem olhar para a filha:

– Melissa, vá pegar outra xícara de chá para Dori.

– Mas, papai...

– Você me ouviu.

Melissa se levantou relutante.

– Voltarei em dois minutos. – Ela se afastou alguns passos na direção do fundo do auditório, mas se virou novamente para Dori. – Eles também têm café, se você preferir.

– Qualquer um dos dois está bom para mim – respondeu Dori com um sorriso, dando uma piscadinha de olho para tranquilizar a menina. De qualquer modo, ela provavelmente não estaria mais ali quando Melissa voltasse com a bebida.

Gavin esperou até que a filha não pudesse mais escutá-los.

– Essa situação entre nós saiu do controle.

Dori cruzou os braços e se recostou à cadeira dura, subitamente exausta.

– O que aconteceu entre nós foi bonito, mas acabou. Você quebrou as regras – falou ele, em tom acusador. – Se tentar esticar as coisas, só vai tornar tudo mais doloroso para as crianças. – A voz dele era rude e impaciente. – Estou saindo com outra pessoa, agora – explicou. – Melissa ainda não a conheceu, mas logo irei apresentá-las.

Dori respirou fundo e descobriu que não conseguia exalar o ar que inspirara. Seus pulmões pareceram queimar até ela recuperar a compostura e deixar o ar escapar lentamente.

– Tenho certeza disso.

Ela não sabia como estava conseguindo permanecer tão calma, quando cada inspiração era um esforço e cada batida de seu coração uma pontada de dor. No fundo, Dori suspeitara que Gavin faria alguma coisa assim.

– Só estou surpresa por você ter esperado tanto. Eu o apavoro, Gavin, e você está correndo o mais rápido que pode na direção oposta. Tenho certeza de que saiu com várias mulheres na última semana, todas elas jovens, louras e lindas.

– Você acha que me conhece tão bem. – Ele a encarou com frieza. – Mas está errada. Eu vi o que estava acontecendo entre nós e recuperei meu bom senso a tempo.

Dori estava impressionada com seu próprio autocontrole. Mesmo com a sensação de que o mundo todo estava se dissolvendo ao seu redor, ela permaneceu sentada, serenamente, com uma expressão de aparente indiferença no rosto. Não importava o que Gavin dissesse, ela ainda acreditava que ele acabaria reconhecendo que a amava. Só o que lhe restava era a esperança. Gavin era teimoso o bastante para negar seus sentimentos por toda a vida. Dori não sabia o que a levara a pensar que teria sucesso onde tantas outras haviam falhado.

– Se esperava me chocar com esse seu súbito interesse por todas essas mulheres, se enganou. E, apesar do que você disse, eu *realmente* o conheço.

– Você não me conhece de jeito nenhum – retrucou ele furioso, com o cenho franzido.

– Desde o começo, achei muito fácil saber o que se passava em sua cabeça, Gavin Parker. – Por dentro, Dori estava trêmula de angústia, mas se recusava a permitir que ele tivesse um relance sequer de sua agonia íntima. – Você me ama. Pode não reconhecer isso ainda, mas um dia reconhecerá. Pode sair com quem quiser, mas, quando as beijar, será o sabor dos meus

lábios que estará sentindo, e, quando elas estiverem em seus braços, será a *mim* que ansiará por abraçar.

– Se alguém ama alguém aqui, é você – Gavin falou, como se as palavras fossem uma acusação.

O sorriso de Dori foi infinitamente triste.

– Sim, eu admito. Amo você e Melissa.

– Eu lhe disse para não se apaixonar por mim – retrucou ele, em um tom amargo. – Avisei a você desde o começo para não começar a sentir o perfume de flores de laranjeira, mas é só nisso que vocês, mulheres, parecem pensar.

Dori não pôde negar as palavras dele.

– Sim, você avisou e, acredite em mim, fiquei tão chocada quanto você quando percebi que poderia me apaixonar por alguém tão cabeça-dura, irracional e emocionalmente prejudicado. – Ela fez uma pausa e engoliu, para tentar diminuir a dor que sentia na garganta. – Não sei e não quero nem saber o que Deirdre fez a você. Isso foi no passado, mas você continua usando todo o sofrimento por que passou como... como um escudo.

– Já ouvi o bastante. – Um músculo pulsava no maxilar dele.

Dori abaixou os olhos para tentar controlar as lágrimas.

– Se você conhecer outra pessoa que possa fazê-lo feliz, então lhe desejo o melhor. Digo isso com sinceridade, mas duvido que você algum dia vá encontrar essa satisfação fugaz. Adeus, Gavin. Peço desculpas sinceras por ter arruinado um acordo promissor. Talvez tivesse funcionado com alguém menos vulnerável do que eu.

O olhar dele encontrou o dela. A julgar pela ausência de emoção naqueles olhos, Dori podia muito bem estar falando com um homem esculpido na pedra. Ele a deixaria partir sem nem uma palavra. Ela persistira com a esperança de que talvez Gavin se adiantasse para detê-la... mas ele não fez isso.

– Você não está indo embora, não é? – perguntou Melissa, atrás dela, pousando a xícara que trazia sobre o assento de uma cadeira bege de metal. – Trouxe seu chá.

– Não posso ficar. – Em um impulso, Dori abraçou a menina e afastou a franja grossa que caía sobre a testa franzida. – Adeus. – A voz dela estava trêmula de emoção. Não veria Melissa novamente. Ter ido à escola da menina àquela noite fora um erro grave.

Melissa se pendurou em Dori, obviamente compreendendo o que acontecera.

– Dori – implorou ela –, por favor... não vá embora. Eu prometo...

– Deixe ela ir – bradou Gavin, fazendo com que várias cabeças se virassem.

Melissa recuou no mesmo instante, deixando os braços caírem ao lado do corpo. Dori não conseguiria aguentar aquela situação nem por mais um minuto. Com um sorriso forçado no rosto, ela saiu correndo do auditório. Já do lado de fora, apressou ainda mais o passo, grata pela escuridão da noite. Precisava desesperadamente ficar só.

Quando finalmente estacionou na garagem de casa, as lágrimas escorriam pelo rosto de Dori. Ela desligou o motor e ficou sentada com as mãos coladas ao volante, lutando para recuperar o controle da respiração e para deter as emoções que ameaçavam afogá-la.

Um olhar para o relógio a reassegurou de que Danny estaria na cama àquela hora e, ela esperava, dormindo.

A babá encarou o rosto vermelho de Dori com curiosidade, mas não fez nenhuma pergunta.

– Há um recado para você sobre a mesa. Foi um telefonema – disse a garota, já a caminho da porta da frente.

Dori acendeu a luz da cozinha e sorriu distraída ao ver o nome e número escritos com cuidado no bloco de recados. Ela pegou o telefone e discou o número, tentando engolir apesar da garganta apertada.

Ele atendeu no terceiro toque.

– Oi, Tom, aqui é Dori Robertson, estou retornando sua ligação.

– Oi, Dori – respondeu ele, constrangido. – Espero não estar incomodando-a.

– Não está. – Ela olhou para o teto e esfregou os olhos que ardiam. – Fui assistir a apresentação de uma amiga na escola, mas já estou em casa.

– Como vai você?

Morrendo, respondeu o coração de Dori.

– Ótima – murmurou ela. – Estou me preparando para fazer algumas compras de Natal. Danny conseguiu reduzir sua lista de presentes a uns meros 300 itens.

– Gostaria de companhia? Quero dizer, vou entender se preferir não sair comigo, sabendo como me sinto sobre Paula.

– Pelo que estou entendendo, vocês dois não conseguiram se acertar.

– Ainda não – disse Tom, com um suspiro expressivo. – Quanto às compras... eu agradeceria se pudesse me dar alguns conselhos a respeito de presentes...

– Vai ser um prazer ir às compras com você, Tom.

– Sei que você andou saindo várias vezes com aquele ex-jogador de futebol americano.

– Não vou mais ver o ex-jogador de futebol americano. – Ela sufocou um soluço e cobriu rapidamente a boca com a mão.

– Que tal sairmos então uma noite essa semana?

– Ótimo – respondeu Dori, e, depois de se despedir rapidamente dele, recolocou o telefone no gancho. Então ela se apoiou contra a parede da cozinha e tentou recuperar a compostura. Sabia no que estava se metendo desde o início. Não adiantava nada ficar chorando agora.

Dori secou os olhos e, ao levantar os olhos, viu Danny parado na porta, encarando-a.

– Ah, mamãe... – falou ele com carinho.

CAPÍTULO DEZ

DANNY ESTAVA sentado diante da mesa da cozinha, espalhando glacê colorido sobre os homenzinhos feitos de biscoito de gengibre. O olhar do menino era pensativo, enquanto ele usava passas para fazer os olhos e os botões das blusas de cada um.

O timer do forno apitou e Dori pegou automaticamente a luva térmica.

– Sabe, mamãe, não gosto mais do sr. Parker. Nem de Melissa. Pensei que ela fosse legal para uma garota, mas estava errado.

– O problema, Danny, é que eu e você amamos muito aqueles dois, e tentar nos convencer do contrário seria mentira. – O garoto estava sério e amuado há vários dias. Dori havia tido uma longa conversa com ele logo depois do Desfile de Moda para Mãe e Filha, e Dori explicara que eles não iriam mais falar com Gavin ou Melissa. Para surpresa dela, o filho aceitara sem discutir.

– Eu não amo ninguém que deixe a minha mãe triste – insistiu ele.

– Não estou triste agora – assegurou ela. E era verdade, não estava mesmo. Restara o arrependimento, não lágrimas.

Danny lambeu o glacê dos dedos e examinou a lista de exigências para o "novo pai" que estava presa na porta da geladeira.

– Quanto tempo você acha que vai demorar para começarmos a procurar novamente?

Dori começou a tirar os biscoitos do tabuleiro com uma espátula e inclinou a cabeça para o lado, pensativamente.

– Não muito.

Aos poucos, seus sentidos entorpecidos pela dor estavam voltando ao normal. Voltar a ter encontros provavelmente seria a melhor coisa para ela, mas havia um problema. Dori só queria Gavin. Só amava Gavin.

Quando eles terminaram de tirar os biscoitos do tabuleiro, Dori percebeu que Danny retirara a lista da geladeira, com ímã em formato de morango e tudo, e pegara um lápis na gaveta. O garoto levou tudo para a mesa. Dori limpou as mãos sujas de farinha e leu por cima do ombro do filho, que escrevia furiosamente na parte de baixo da folha.

– Estou acrescentando algumas coisas – explicou ele, embora não fosse necessário. – Quero um novo pai que não faça a minha mãe chorar.

– Isso é muito atencioso da sua parte, mas, Danny, as lágrimas podem significar coisas diferentes. Há lágrimas de felicidade, lágrimas de frustração, até lágrimas de raiva. Às vezes, chorar é bom e necessário. – Ela não queria explicar que as lágrimas eram uma medida de seu amor por Gavin. Se não o amasse não teria sofrido tanto quando eles pararam de se ver.

– O sr. Parker também não foi um jogador de futebol americano tão bom assim – resmungou o garoto.

– Ele era fantástico – argumentou Dori.

– Joguei fora todos os cards de futebol que tinha dele. E o autógrafo que ele me deu também.

Danny falou com um ar insolente e despreocupado, como se jogar fora os cards tivesse sido uma decisão trivial. Mas Dori sabia que não era verdade. Ela encontrara toda a coleção de tesouros do filho – os cards, o autógrafo de Gavin e o programa do jogo dos Seahawks a que ele fora com Gavin – no fundo da lata de lixo e os resgatara. Mais tarde, Danny se arrependeria de ter se descartado daquelas coisas. No momento, ele estava zangado e ofendido, mas iria se recuperar. No próximo outono, Dori sabia que o filho ficaria feliz quando ela devolvesse seus tesouros para que ele pudesse se gabar com os novos amigos da escola que Gavin Parker lhe dera um autógrafo.

– Por que não pega a correspondência, enquanto os biscoitos estão esfriando?

– Claro, mamãe.

Normalmente, Dori podia contar com o bom comportamento de Danny durante o mês de dezembro, mas nos últimos tempos ele estivera muito mais atencioso e carinhoso. Ela estava quase começando a se preocupar. O garoto não a importunara falando sem parar sobre o Natal, ou sobre os presentes que queriam ganhar. Também não falara mais da questão do novo pai. Até aquele dia, não mencionara nada a respeito.

O telefone tocou no momento em que Danny entrava correndo na cozinha e jogava a correspondência sobre a bancada. Ele pegou o fone e atendeu ofegante.

Alguns minutos mais tarde, Danny virou-se para Dori.

– Mamãe? É Jon, ele quer saber se posso ir até a casa dele. Está todo feliz porque o pai está voltando para casa e eles voltarão a ser uma família.

– Isso é maravilhoso. Diga a Jon que estou muito feliz por ele. – Dori não estava surpresa. Pelo cuidado de Tom ao escolher os presentes de Natal para a esposa e para a família, Dori percebera como ele os amava profundamente. Tom nunca lhe contara por que havia se separado da esposa, mas Dori estava realmente feliz por saber que eles haviam resolvido seus problemas. Ela ousaria ter esperança de que Gavin reconheceria todo o amor que o esperava e voltaria para ela? Nenhum homem conseguiria beijá-la e abraçá-la do modo como ele fizera e depois deixá-la de lado sem arrependimento. Paula ganhara seu presente de Natal e Dori se perguntava se algum dia ganharia o seu.

– Posso ir? Termino de decorar os doces mais tarde.

– Não se preocupe. Restam poucos da última fornada e eu posso decorá-los. Vá e divirta-se.

– Obrigada, mamãe. – Danny pegou o casaco no armário e soprou um beijo para a mãe, um hábito que ele adquirira recentemente no lugar de dar um beijo de verdade.

– De nada – disse ela, em um tom leve. – E esteja em casa em uma hora. – As últimas palavras foram interrompidas pela batida da porta dos fundos.

Dori viu a ânsia do filho para escapar e sorriu. Danny estava crescendo. Ela se acostumara a olhar para ele e pensar em Brad, mas agora viu que o filho estava se tornando uma pessoa única e separada dela.

Dori pegou a pilha de correspondência, que parecia ter apenas contas e alguns poucos cartões de Natal. Ela carregou tudo para a sala de estar e se acomodou no sofá com os pés esticados sobre a mesa de centro. O primeiro envelope tinha um endereço de resposta que não Dori não reconheceu de imediato. Ela o abriu, curiosa. Em vez de um cartão, havia uma carta, escrita à mão em uma folha de caderno. Ela desdobrou a folha e seus olhos buscaram logo o fim da

página, onde descobriu a assinatura de Melissa.

Dori pousou os pés no chão e endireitou o corpo. Depois de ler a primeira linha, teve que morder o lábio e piscar com força para controlar a emoção.

Querida Dori,

Quis escrever e agradecer a você por ir ao evento de mãe e filha. A chegada do papai foi uma surpresa mesmo e espero que acredite quando digo que não contei nada a ele. Não contei mesmo.

O papai me explicou que eu não deveria incomodá-la mais e não vou mais incomodar. Essa é a parte mais difícil porque gosto mesmo de você. Sei que Deirdre é minha mãe de verdade, mas não penso nela como uma mãe. Deirdre é bonita, mas não acho que ela fique feliz de verdade em ser mãe. Quando penso em uma mãe, penso em alguém como você, que compra mantimentos na Albertson's. Alguém que me deixa experimentar sua maquiagem e seus perfumes, mesmo se eu colocar demais. Mães são pessoas especiais e, pela primeira vez na vida, conheci uma de perto. Obrigada por me ensinar o modo como quero amar meus filhos.

Fico muito triste porque as coisas não deram certo entre você e meu pai. Fico mais triste ainda porque papai disse que eu não devo mais incomodar você. Acho que nem deveria estar escrevendo essa carta, mas era uma questão de educação, agradecer a você adequadamente. De qualquer modo, papai se recusa a me deixar falar com você ou com Danny. Ele não parece ter tempo para mim agora, mas não me incomodo porque também estou bem zangada com ele.

Gostaria de pensar em você como minha mãe, Dori, mas não consigo porque, cada vez que faço isso, começo a chorar. Uma vez você me contou sobre o quanto queria ter uma filha. Com certeza eu gostaria de ter sido essa filha.

Sua quase filha,

Melissa

Os olhos de Dori estavam cheios de lágrimas quando ela voltou a dobrar a carta e colocou-a de volta no envelope. Aquela fora a única lição que ela não imaginara aprender. Aquele sofrimento impotente por um homem incapaz de se comprometer. Gavin a avisara para não se apaixonar por ele. O problema era que ele não dissera nada sobre amar a filha dele, e Dori realmente amava Melissa. Agora, em vez de duas pessoas esperando pelo Natal com o coração pesado, eram quatro.

No que dizia respeito a Dori, Gavin Parker poderia ir pastar e, da próxima vez em que o visse – se algum dia voltasse a vê-lo –, diria exatamente isso a ele. Quanto tempo ele demoraria para perceber como ela o amava? Que Gavin ficasse furioso, Dori não se importava, mas iria responder à carta de Melissa. E talvez, em alguns meses, quando o sofrimento diminuísse um pouco, ela poderia visitar a menina na escola e elas passariam o dia juntas.

O olhar de Dori pousou sobre a árvore de Natal alegremente decorada e nos poucos presentes que estavam na base. Aquela deveria ser a época mais feliz do ano. Mas não estava sendo. Não

para Danny, ou para Dori. Não naquele ano. O leão de pelúcia que Gavin ganhara para ela estava sentado ao lado da TV, e Dori não conseguiu resistir ao impulso de ir até lá e pegá-lo. Ela o abraçou com força, buscando conforto no pelo macio.

Quando a onda de emoção estava sob controle, Dori pegou papel de carta para escrever uma resposta para Melissa. Quando terminou, sentia-se calma e até um pouco mais animada. Mais tarde naquela noite, quando Danny estava na cama, Dori releu a carta para se certificar de que dissera tudo o que queria dizer e chegou à conclusão de que nenhuma carta poderia transmitir todo o amor que ela sentia no coração.

Melissa, minha querida,

Obrigada por sua carta tão carinhosa. Eu me senti muito melhor depois de lê-la. Sei que você não contou ao seu pai sobre o desfile de moda, portanto não ache que a culpo por isso.

Vou lhe pedir para fazer uma coisa que você talvez não entenda agora. É importante que você não fique zangada com o seu pai. Ele agora precisa de você mais do que nunca. Seu pai a ama, Melissa, muito, e você não deve duvidar disso nunca. Também gosto dele, mas você terá que amá-lo por nós duas. Seja paciente com Gavin.

Mais tarde, depois das festas de fim de ano, se não houver problema, irei até a sua escola para passarmos um dia juntas. Até lá, dedique-se aos estudos e continue a costurar. Você com certeza tem talento para a costura – principalmente para bainhas benfeitas.

Você sempre terá um lugar especial no meu coração, Melissa, e, como não posso ser sua mãe, deixe que eu seja sua amiga.

Com amor,

Dori

Dori ficou grata por dezembro ser um mês tão agitado. Se fosse em qualquer outra época do ano, ela talvez houvesse sucumbido à dúvida e à amargura. Todas as noites da semana seguinte ela e Danny compareceram a alguma atividade ligada às festas de fim de ano. Mas, embora estivesse com a família e os amigos, Dori nunca se sentira tão solitária. Era como se houvesse perdido uma parte vital de si mesma, e realmente havia perdido... seu coração. Dori o entregara a Gavin. E agora estava presa naquele limbo de apatia e indiferença. Depois que ele entrara em pânico e fugira do amor que ela lhe oferecia, Dori achara que poderia continuar de onde parara e simplesmente seguir com a vida. Agora estava dolorosamente consciente de que ainda demoraria até que conseguisse recuperar seu equilíbrio. Mas iria conseguir, e isso era o mais importante.

Na mesa de jantar, dois dias antes do Natal, Danny estava amassando as batatas no seu prato com a colher e pigarreou, aparentemente pronto para fazer uma declaração importante.

– Mamãe, sabia que hoje é a noite antes da noite de Natal?

Dori pousou o garfo.

– Você está certo – concordou ela, assentindo com a cabeça.

– E, já que está tão perto do Natal e tudo o mais, pensei que talvez não tivesse problema se eu abrisse os meus presentes.

Dori não hesitou nem por um instante.

– Só na manhã de Natal. A espera é metade da diversão.

– Ah, mamãe... detesto isso. Só um presente, por favor.

Um olhar firme o silenciou e ele se concentrou em partir o rosbife em pedaços pequenos.

– Nós vamos novamente para a casa do vovô e da vovó esse ano?

Eles faziam isso todos os anos. Dori imaginou por que Danny estaria perguntando, se já sabia a resposta.

– Sim, exatamente como fizemos no ano passado, no ano retrasado, no anterior a ele e...

– Já entendi – resmungou o garoto, pegando o copo de leite. Ele levou o copo à boca, então parou e uma expressão muito intensa, quase dolorosa, dominou seus olhos. – Você acha que algum dia vamos voltar a ver o sr. Parker e Melissa?

– Não sei. – Uma tristeza invadiu o coração de Dori, mas ela conseguiu forçar um sorriso. Torcia para que voltassem, sim, a ver os dois. Cada minuto, de cada hora do dia, ela torcia, mas não podia dizer isso para Danny. – Por que está perguntando?

– Não sei. – Ele deu de ombros. – Não parece certo não vê-los mais.

– Eu sei. – A garganta dela estava mais apertada do que nunca. – Também não me parece certo.

Danny afastou o prato, deixando a refeição pelo meio.

– Pode me dar licença, mãe? Não estou mais com fome.

Dori também não tinha mais apetite, para falar a verdade.

– É claro – murmurou ela, deixando a faca sobre o próprio prato.

Danny levou os pratos para a pia e se voltou para Dori.

– Você *tem* que trabalhar amanhã?

Dori também não estava muito animada com a perspectiva.

– Só de manhã. Se você quiser, pode ficar em casa sozinho. – Danny tinha idade o bastante para ser deixado sozinho em casa por pouco tempo durante o dia. Normalmente ele preferia ter companhia, mas dormiria tarde na noite de Natal, então poderia ver televisão na manhã anterior até ela chegar em casa, por volta das 11h30.

– Posso mesmo? – Ele sorriu animado. – Vou ser obediente e não vou deixar ninguém entrar.

– Eu sei.

Na manhã seguinte Dori não estava tão confiante em relação a deixar o filho sozinho em casa. Ligou duas vezes para ele, do escritório. Danny a tranquilizou, dizendo que estava bem, a não ser pelo fato de que não parava de atender ao telefone – a avó também ligara três vezes. Dori não ligou mais depois disso; mas, quando o escritório fechou, ela correu para pegar o carro no estacionamento da empresa e saiu rapidamente. No caminho para casa, teve que se controlar para não correr. Enquanto esperava o semáforo abrir, Dori estava convencida de que errara ao deixar Danny sozinho. Ele não estava preparado para esse tipo de responsabilidade. Era verdade que o filho ficava sozinho durante uma hora depois que saía da escola, mas a situação era diferente. Agora o menino ficara sozinho em casa por três horas e meia.

A porta da garagem estava aberta e Dori entrou e parou o carro com um suspiro de alívio.

– Danny! – chamou ela, levemente ofegante enquanto entrava pela porta dos fundos. – Estou em casa. Como estão as coisas? – Dori pendurou a bolsa no armário do corredor, entrou na sala

de estar e... ficou paralisada. Seu coração desceu fundo no peito e subiu para a garganta. Gavin estava lá. Na sala de estar dela. Usando uma calça e um pulôver esportivos, encarando-a com aqueles olhos escuros e pensativos. Ela olhou para Danny, acomodado na poltrona, de frente para Melissa, que estava sentada em uma cadeira próxima.

– Oi, mãe. – Danny parecia tão confuso quanto Dori se sentia. – Eu disse a eles que podiam entrar. Fiz a coisa certa, não foi?

– Sim, sim, é claro. – Os dedos de Dori se recusavam a cooperar enquanto ela lutava para abrir os botões do casaco. Dori estava tão feliz, e tão assustada, que seus joelhos ficaram fracos e ela afundou no sofá, em frente a Gavin. – Que... – A mente dela parecia vazia.

– ...surpresa – Melissa terminou por ela.

Uma maravilhosa surpresa, a mente dela respondeu.

– Sim.

– Eles trouxeram presentes de Natal – explicou Danny, apontando para uma enorme pilha de presentes lindamente embrulhados sob a árvore.

– Ah. – Dori tinha a impressão de que aquilo não estava realmente acontecendo, que ela acabaria acordando e descobrindo que fora apenas um sonho que parecia real. – Obrigada. Os presentes de vocês estão no quarto.

Uma sombra de um sorriso curvou os cantos da boca de Gavin, mas os olhos escuros dele a examinavam como um falcão prestes a descer dos céus para capturar sua presa.

– Você estava assim tão certa a meu respeito?

– Não estava certa, mas estava torcendo.

Os olhos dos dois se encontraram quando ele voltou a falar:

– Danny e Melissa, por que vocês não vão jogar alguma coisa enquanto eu converso com Dori?

– Não vou sair de perto da mamãe – declarou Danny, em uma voz firme. Ele ficou de pé e atravessou a sala para se sentar ao lado da mãe.

Chocada com o comportamento do filho, Dori o encarou, sentindo uma estranha mistura de orgulho e incredulidade.

Um músculo saltou no maxilar rígido de Gavin quando Melissa cruzou os braços e encarou o pai com ousadia.

– Concordo com Danny. Também temos que ouvir essa conversa.

Dori abaixou os olhos para que Gavin não visse o sorriso que se insinuava ali. As crianças obviamente ficariam para assistir ao final daquela história, fossem bem-vindas ou não.

Gavin sentou na beira do sofá e passou a mão pelo cabelo, desarrumando-os, em um gesto pouco comum de insegurança.

– Andei pensando muito sobre nosso acordo – começou ele, em um tom de desafio. – As coisas não correram exatamente como eu planejei, mas...

– Não estou mais interessada em acordos – disse Dori com sinceridade, e imediatamente se arrependeu de interrompê-lo. Não admitiria por nada que o acordo não funcionara porque ela fizera exatamente o que Gavin a alertara para não fazer: apaixonara-se por ele.

Houve outro longo momento de silêncio, enquanto Gavin continuava a observá-la com firmeza.

– Dori, eu gostaria que você me ouvisse, antes de chegar a alguma conclusão. – Ele obviamente não estava se sentido à vontade por ter que falar na frente das crianças.

Dori fez um gesto breve com a mão, desculpando-se. A sala de estar nunca parecera tão pequena, nem Gavin tão grande. Cada nervo do corpo de Dori estava consciente da presença dele e ela ansiava por sentir o conforto daqueles braços fortes ao seu redor.

– Desculpe. Não vou interrompê-lo de novo.

Gavin a ignorou e voltou sua atenção para Danny.

– Você uma vez me disse que escreveu uma lista de exigências para um novo pai, não foi?

– Sim. – O menino assentiu.

– Poderia pegá-la para mim?

Danny desceu do sofá e correu até a cozinha. Em segundos estava de volta e entregava a lista a Gavin.

– Está aqui, mas não sei por que você quer lê-la. Já sabe o que diz.

– Acho que o papai quer se candidatar ao cargo – falou Melissa, os olhos cintilando. – Papai e eu tivemos uma conversa muito longa e ele está se sentindo mal pelo que aconteceu, e decidiu...

– Melissa – Gavin interferiu rapidamente. – Preferia que fosse eu mesmo a falar.

– Está certo, papai. – Ela se recostou contra a cadeira com um suspiro de impaciência.

A cabeça de Dori parecia girar como um satélite fora de órbita. Suas mãos estavam ao mesmo tempo frias e suadas, e ela as cruzou sobre o colo.

Gavin parecia estar examinando a lista que Danny lhe dera.

– Não sei se fiz um trabalho muito bom no departamento de paternidade, mas...

– Você fez sim, papai – interrompeu Melissa. – Tem sido um pai bom mesmo.

Apesar de tudo, Dori não conseguiu conter um sorriso por causa de Melissa e seu "*mesmo*".

– Melissa, por favor – falou Gavin irritado, e parou para passar a mão pelo cabelo que desmanchara minutos antes. O músculo em seu maxilar voltou a pulsar. – Dori. – Ele disse o nome dela com tanta emoção que Dori sentiu o peito apertado. – Sei que não mereço uma mulher tão maravilhosa como você, mas consideraria uma grande honra se aceitasse se casar comigo.

As palavras desceram sobre ela como uma cascata morna e tranquila, e Dori fechou os olhos diante da súbita onda de emoção que a invadiu.

– Você está... está dizendo que me ama? – sussurrou ela, incapaz de fazer a voz sair mais forte.

– Sim – respondeu ele objetivamente.

– Isso é por *nós*, não é por causa das crianças? – Dori sabia que Melissa tinha uma influência poderosa sobre o pai. E, desde o começo, as duas crianças haviam tentado manipulá-los.

– Quero me casar com você porque descobri que não quero viver sem você. – A resposta de Gavin foi direta e honesta.

– Então a resposta é "sim", aceito ser sua esposa. – Dori também foi direto ao ponto.

– Muito bem, vamos marcar a data. Quanto mais cedo, melhor.

Se ele não se adiantasse para tomá-la nos braços logo, Dori deixaria ambos embaraçados ao sair pulando pela sala.

– Desculpe, sr. Parker, mas não pode se casar com a minha mãe – anunciou Danny, com a autoridade de um juiz da Suprema Corte.

– O quê? – Dori, Melissa e Gavin gritaram ao mesmo tempo.

Danny encarou os três com firmeza.

– Se ler minha lista de exigências para um novo pai, vai ver que agora há mais um item no final.

Gavin abaixou os olhos para o papel que segurava apertado na mão.

– Você fez minha mãe chorar, sr. Parker, e pode fazer de novo.

Uma expressão de dor atravessou o rosto de Gavin.

– Entendo seu ponto de vista, Danny, e me lamento profundamente por qualquer mágoa que eu possa ter causado à sua mãe. Se vocês dois me derem outra chance, prometo que não vão se arrepender.

Danny pareceu pesar as palavras de Gavin com muito cuidado.

– Então nunca mais vai fazer a minha mãe chorar?

Gavin franziu o cenho, pensativo, e ficou encarando o menino em silêncio. Enquanto os observava, Dori sentiu um amor e uma ternura imensa pelo filho e pelo homem que logo seria seu marido invadirem seu peito.

– Espero nunca mais fazer sua mãe sofrer – murmurou Gavin –, mas não posso prometer que ela não vá chorar.

– Mamãe. – O garoto transferiu a atenção para Dori. – O que você acha?

– Vamos lá, Danny – disse Melissa, com a voz aguda de ansiedade. – Santo Deus, isso é tudo o que nós queríamos! Não estrague as coisas agora...

Danny continuava com os olhos fixos na mãe, sem se importar com a súplica de Melissa.

– E então, mamãe?

O olhar de Dori encontrou o de Gavin e o coração dela bateu mais rápido ao ver a expressão terna dele.

– Sim, é isso o que eu quero.

Dori e Gavin se levantaram ao mesmo tempo e correram para os braços um do outro, em uma demonstração espontânea de amor e emoção. Gavin a abraçou e apertou-a contra o peito, enquanto a boca faminta buscava a dela. Com um suspiro de prazer, Dori recebeu o beijo, deleitando-se com a sensação dos braços de Gavin ao seu redor. Ela sabia como fora difícil para ele ir até a casa dela e declarar seu amor, e era grata por isso com todo o amor de seu coração.

Dori passou os braços ao redor do pescoço de Gavin e o abraçou com força. Estava vagamente consciente de Danny murmurando alguma coisa para Melissa – alguma coisa sobre saírem dali para não ter que assistir àquele romantismo exagerado.

Os braços de Gavin apertavam Dori possessivamente, abraçando-a apertado, enquanto suas mãos acariciavam as costas dela.

– Senti tantas saudades de você – sussurrou ele com a voz rouca contra os lábios dela, então a beijou novamente. Foi um beijo ainda mais longo e intenso, como se Gavin não conseguisse se saciar.

A sensação era tão maravilhosa que Dori sentiu lágrimas de felicidade escorrendo dos olhos.

– Ah, Gavin, por que demorou tanto?

Ele a afastou um pouco, a respiração trêmula.

– Não sei. Achei que seria fácil esquecer você. Nunca houve mulher alguma na minha vida que me assombrasse tanto quanto você.

Os olhos de Dori cintilavam com lágrimas de alegria e ela deu um sorriso travesso para ele.

– Ótimo. – O que Dori não disse foi que se sentira do mesmo modo.

– Depois que conheci a luz do sol, não consegui mais voltar para as sombras – disse Gavin. Ele enfiou o rosto no cabelo dela e inspirou com prazer. – Eu tentei – reconheceu, com uma risada irônica. – Depois de Deirdre, não queria que nenhuma mulher tivesse esse tipo de poder sobre mim.

– Eu sei.

Ele balançou a cabeça.

– Como me conhece tão bem?

Dori sorriu feliz e explicou:

– Acho que é porque eu o amo demais.

– Tudo aconteceu exatamente como você previu – falou ele. – Não importava quem eu beijasse, era o gosto dos seus lábios que eu sentia. Quando abraçava outra mulher, sentia que havia alguma coisa errada, e só queria você.

– Ah, Gavin. – Dori encheu o rosto dele de beijos, os olhos, o nariz, o queixo, até chegar na boca, que aguardava ansiosa. Ela não precisava que Gavin lhe dissesse que haviam sido lições duras de aprender. Entregar a liberdade dele a uma mulher havia sido uma árdua batalha entre o coração e a vontade. Mas agora Gavin descobriria uma nova liberdade no amor que sentiam um pelo outro. Ele finalmente entendera isso, e Dori sabia que aquele homem a amaria com todas as suas forças.

Gavin secou carinhosamente uma lágrima do rosto dela.

– A pior parte foi ver você e Danny aquela manhã, no carro. – Dori ouviu o sofrimento que a lembrança trazia à voz dele. – Você estava rindo como se não tivesse um problema sequer no mundo. Eu a vi e senti uma dor tão profunda que não consigo descrever. Você me tinha tão na palma das mãos que eu não tinha alegria para nada... enquanto isso lá estava você, rindo com Danny como se eu não significasse nada.

– Isso não é verdade – falou ela. – Eu estava morrendo por dentro de saudades de você.

– Agora você me tem – disse Gavin, em um tom humilde. – Pelo tempo que quiser.

– Eu amo você – sussurrou Dori com fervor, pousando a mão trêmula no rosto bem barbeado dele. – E posso lhe garantir que uma vida inteira não será o bastante.

Gavin segurou o rosto dela entre as mãos, olhou bem dentro dos olhos cheios de amor e a beijou com um carinho que beirava a adoração.

– EU DISSE a você que iria funcionar – sussurrou Danny, na cozinha.

– Eu sabia disso o tempo todo – concordou Melissa, deixando escapar um suspiro romântico. – Ficou óbvio desde o dia em que fomos à Puyallup Fair. Eles são perfeitos juntos.

– Sim, seu plano funcionou – concordou Danny.

– Mas ainda não terminamos. – O tom de voz dela agora era mais baixo, como se estivesse revelando um segredo.

– Mas eles vão se casar – falou Danny, também em voz baixa. – O que mais podemos querer?

Melissa gemeu, impaciente.

– Sinceramente, Danny, basta pensar. Quatro é um número tão chato. No próximo ano

seremos cinco.

– Cinco o quê?

– Pessoas na nossa família. Agora temos que convencê-los a ter um bebê.

– Ei, boa ideia – disse o garoto, animado. – Seria muito legal. Eu gostaria de ter um irmãozinho bebê.

– Teremos primeiro uma menina. O segundo bebê será um menino para você, está bem?

– Preferia que fosse o menino primeiro...

– Talvez... – disse Melissa, obviamente se sentindo generosa.

081 – AMOR ETERNO – CAROLINE ANDESON
Michael Harding teve que viver disfarçado por nove anos. Agora que o perigo passou, não vê a hora de procurar sua antiga namorada, Annie Shaw, que acredita que ele está morto, e o filho deles que ele nunca conheceu.

Últimos lançamentos:

079 – CELEBRAÇÃO DO AMOR – NICOLA MARSH
Archer Flett já partiu o coração de Callie Umberto no passado. Mas quando ele reaparece convidando-a para acompanhá-lo em um casamento, Callie não consegue negar. Existe alguma coisa em Archer que o torna completamente irresistível!

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./S.à.r.l.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: THE MATCHMAKERS
Copyright © 1986 by Debbie Macomber
Originalmente publicado em 1986 por Mills & Boon Romance

Arte-final de capa:
Nucleo i designers associados

Arquivo ePub produzido pela Ranna Studio

ISBN: 978-85-398-1052-9

Editora HR Ltda.
Rua Argentina, 171, 4º andar
São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-380

Contato:
virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

Capa
Querida leitora
Rosto
Capítulo um
Capítulo dois
Capítulo três
Capítulo quatro
Capítulo cinco
Capítulo seis
Capítulo sete
Capítulo oito
Capítulo nove
Capítulo dez
Próximos lançamentos
Créditos